FORMATURAS DO INSTITUTO RIO BRANCO (2004-2008)

DISCURSOS

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

Ministro de Estado Embaixador Celso Amorim
Secretário-Geral Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Presidente Embaixador Jeronimo Moscardo

INSTITUTO RIO BRANCO

Diretor-Geral Embaixador Fernando Guimarães Reis

A *Fundação Alexandre de Gusmão*, instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo, Sala 1
70170-900 Brasília, DF
Telefones: (61) 3411-6033/6034
Fax: (61) 3411-9125
Site: www.funag.gov.br

Formaturas do Instituto Rio Branco (2004-2008)

Discursos

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO

Brasília, 2009

Direitos de publicação reservados à

Fundação Alexandre de Gusmão
Ministério das Relações Exteriores
Esplanada dos Ministérios, Bloco H
Anexo II, Térreo
70170-900 Brasília – DF
Telefones: (61) 3411 6033/6034/6847/6028
Fax: (61) 3411 9125
Site: www.funag.gov.br
E-mail: funag@mre.gov.br

Capa:
Pedro Corrêa de Araújo
Revoada dos Pássaros

Equipe Técnica
Maria Marta Cezar Lopes
Eliane Miranda Paiva
Cíntia Rejane Sousa Araújo Gonçalves

Programação Visual e Diagramação:
Juliana Orem e Maria Loureiro

Impresso no Brasil 2009

Discursos de formatura do Instituto Rio Branco. – Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2009.

184p.

ISBN: 978-85-7631-149-2

1. Literatura brasileira – Discursos. I. Instituto Rio Branco.

CDU 821.134.3(81)-5(082)

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme Lei n° 10.994, de 14/12/2004.

Sumário

2001-2003
Turma Vinícius de Moraes, 7

2002-2004
Turma Celso Furtado, 39

2003-2004
Turma Wladimir Murtinho, 77

2004-2005
Turma Afonso Arinos, 105

2004-2006
Turma Maria José Mendes
Pinheiro de Vasconcellos, 121

2005-2007
Turma Souza Dantas, 153

2001-2003

TURMA VINÍCIUS DE MORAES

PALÁCIO ITAMARATY,

20 DE ABRIL DE 2004

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva

Meu querido companheiro Embaixador Celso Amorim, Ministro de Relações Exteriores,

Meu querido companheiro, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, Secretário-Geral das Relações Exteriores,

Meu caro Embaixador João Almino de Souza Filho, Diretor do Instituto Rio Branco,

Minha querida Suzana Moraes,

Embaixadores acreditados junto ao meu Governo,

Senhor Ministro Rubem Antonio Corrêa Barbosa, Paraninfo da turma de 2001,

Meu companheiro Marco Aurélio Garcia, Assessor Especial de Política Internacional,

Muita gente pergunta por que o Presidente tem que ter um assessor especial de política internacional, se ele tem o Itamaraty todo como assessor. Não sei se vocês estão lembrados, no começo se tentou até cizânia entre o Itamaraty e Marco Aurélio Garcia. E eu sempre disse que quem adquiriu a experiência política tentando organizar a Secretaria Internacional do PT durante dez anos e militando com a Esquerda do mundo inteiro nos últimos 15 anos, não poderia, em momento algum, deixar de prestar esses serviços ao governo brasileiro. E, por isso, o Marco Aurélio tem um papel extremamente importante na nossa

relação internacional, institucional, colaborando com o companheiro Celso. E a não-institucional fazendo a militância que o Brasil tanto precisa com os setores da sociedade civil, da América Latina e do mundo.

Minhas queridas e queridos formandos da turma 2001,
Senhores e senhoras familiares dos nossos formandos,
Senhoras e senhores diplomatas,

Eu vou começar pelo fim. Eu costumo sempre fazer um "improvisozinho". Mas eu lembro que um dia desses eu chamei o Celso Amorim para conversar, porque eu, toda vez que uma pessoa começa a crescer muito na política, fico com a preocupação de que esse crescimento possa causar ciúmes nos pares que fazem política internacional por esse mundo afora. E eu chamei o Celso e disse a ele: Companheiro Celso, eu acho que, como o Brasil está numa posição muito importante no cenário mundial, é preciso que a gente tenha todo o cuidado para ter o máximo de humildade e de generosidade. Porque, senão, os demônios começam a despertar nas pessoas que fazem política junto conosco e um pouco de ciúmes pode atrapalhar uma belíssima política internacional.

E eu dizia para o Celso: eu sei que você tem muita experiência, é um "embaixador já de 40 anos", já foi ministro no governo do nosso querido Itamar Franco, mas agora Celso, você não é nem mais diplomata, nem mais um ministro. Você agora é o ministro. E por que "o ministro"? É porque o Brasil ganhou muito mais importância no cenário mundial. É porque o Brasil ganhou muito mais respeitabilidade.

E vocês todos, que se formaram hoje, irão notar isso quando estiverem começando o trabalho de vocês no exterior. E para que a gente ganhe essa respeitabilidade, é preciso que um país do tamanho do Brasil seja cada vez mais generoso com os seus parceiros. E que o Brasil tente todas as vezes que tiver que estabelecer uma ação diplomática, levar em conta a necessidade de juntar parceiros para que a nossa política não seja uma política solitária e, muitas vezes, mal interpretada.

Vocês estão lembrados que depois daquele discurso que fiz aqui, no ano passado, eu penso que nós cumprimos, do ponto de vista da política internacional, mais do que imaginávamos que poderíamos cumprir; que conseguimos mais intento do que imaginávamos que poderíamos conseguir.

Muita gente pode medir isso apenas pelo volume do crescimento das nossas exportações ou do nosso superávit comercial, mas eu acho que, embora isso seja relevante, não é o principal. O principal é o grau de referência que o nosso país passou a ser junto aos nossos parceiros, seja na América do Sul, na África, no Oriente Médio, e em países importantes como China, Índia e como a Rússia, que têm, sistematicamente, nos informado que querem estabelecer com o Brasil uma parceria estratégica.

Eu me lembro da nossa embaixadora na Índia. Quando eu fui me despedir dela, ela me falou: "Agora eu acho que as coisas vão melhorar aqui na Índia." E passado um tempo ela veio para o Brasil e me falou: "Presidente, o senhor não sabe como eu fiquei importante na Índia depois da sua visita." Um pouco por isso, porque diplomacia tem que ser feita de forma prazerosa. Isso é como um jogador que entra em campo. Todo mundo respeita um jogador que sua a camisa. Ninguém respeita um jogador que faz corpo mole, por melhor que ele seja.

Então, eu penso que suar a camisa em defesa das coisas que nós acreditamos e das políticas definidas pelo Governo, é o que vai tornar a profissão de vocês, muitas vezes distantes da família, muitas vezes solitários, uma coisa prazerosa. É saber que vocês estão fazendo algo porque gostam e porque acreditam. Se não for assim, não vale a pena nem essa nem outra profissão, porque ninguém consegue trabalhar bem contra a sua vontade ou contra os seus próprios prazeres.

Por isso, é uma especial satisfação poder participar, pela segunda vez, dessa celebração do Dia do Diplomata. Repete-se aqui uma tradição de grande importância para o serviço público brasileiro. Ingressa, hoje, no Itamaraty, mais uma geração de jovens diplomatas.

Renova-se uma instituição reconhecida pela excelência dos seus quadros e pela dedicação à sua missão de conduzir a política externa – um dos pilares do nosso governo – elemento constitutivo de qualquer projeto de desenvolvimento nacional.

Senhoras e senhores, vivemos hoje sob o signo de uma globalização instável e incerta. O quadro internacional nos desafia e obriga a mudar o modelo que produziu vulnerabilidade externa, incerteza, pobreza e estagnação.

É nesse mundo marcado por desigualdades econômicas e sociais, tecnológicas e militares, que queremos construir um país soberano, mais justo e solidário, mais eficiente e próspero. Um Brasil para todos.

Quando me dirigi aos formandos no ano passado, lembrei que nós, brasileiros, muitas vezes não nos damos valor. Por essa razão, nosso país deixou de ter, em muitas ocasiões, a projeção internacional que merece.

Mas afirmei, também, que era decisão firme do meu Governo, utilizar todo o potencial de nossa política externa para fazer do Brasil um país mais respeitado, capaz de defender seus interesses internacionalmente.

Senhoras e senhores, o diálogo tem sido a marca do meu Governo. Isso também se aplica, sobretudo, à nossa política externa. Por meio da negociação e do entendimento, estamos construindo consensos para mudar as relações de força no plano internacional e estabelecer o que chamei de nova geografia econômica-comercial.

Não basta assistir à distância e de forma subordinada aos acontecimentos mundiais, queremos que a nossa voz seja cada vez mais ouvida e respeitada. Estamos dando passos largos nessa direção.

Nossos parceiros reconhecem que o Brasil assumiu o seu peso e sua importância na comunidade das nações. Esse é também o reconhecimento da seriedade de nossos propósitos, da firmeza de nossas posições e da consistência de nossas ações.

Junto com os nossos parceiros, estamos empreendendo uma efetiva reconstrução do Mercosul, correspondente aos sonhos e esperanças que estiveram em seu nascimento. Continuaremos ativamente a aprofundar nossa integração e a convocar outros países para juntarem-se a nós.

Com o acordo de livre comércio recentemente assinado com a Comunidade Andina, o Mercosul passa a ser cada vez mais o indutor desse processo em escala sul-americana. Todos compreendem e desejam a integração.

Foi essa a mensagem que recolhi das visitas que fizeram a Brasília os presidentes da América do Sul, ainda no primeiro ano de meu Governo. Estamos ultimando projetos de infra-estrutura, de comunicações e transporte que serão as fundações de uma parceria continental.

São essas as iniciativas que tenho levado a governos e empresários dos países ricos ao convidá-los a acreditar e a investir no futuro de nossa região, mas precisamos fortalecer a nossa união política, social e cultural.

A união solidária entre os países em desenvolvimento deve também prevalecer nas estratégicas negociações em curso na Organização Mundial do Comércio. Ao mesmo tempo em que continuamos enriquecendo nossas relações com os países desenvolvidos, estamos determinados a aprofundar e ampliar a cooperação sul-sul.

A atuação decisiva do Brasil, na constituição do G-20, confirma a capacidade de liderança que estamos demonstrando. Esperamos que a nova dinâmica alcançada nas discussões da rodada de Doha inaugure posições de comércio mais justas, que preservem a capacidade de definir e controlar nosso modelo de desenvolvimento.

Também na Alca, buscamos equilibrar o processo negociador e tornar viável sua conclusão em tempo hábil. Para tanto, o acordo deve corresponder efetivamente ao interesse de todos, abrindo mercados e sem impor restrições indevidas à capacidade de cada país decidir soberanamente sobre suas políticas industriais, tecnológicas, sociais e ambientais.

É com o mesmo ânimo que nos empenhamos para concluir, ainda este ano, um acordo comercial abrangente do Mercosul com a União Européia. Estamos identificando com criatividade, oportunidades e parcerias ainda inexploradas. É esse o sentido do foro trilateral que estabelecemos com a África do Sul e com a Índia.

É essa a mensagem que fundamenta a parceria estratégica que vou aprofundar durante a minha próxima viagem à China. Com esse mesmo espírito é que vou receber o presidente Putin ainda este ano em Brasília.

Não deixarei cair no esquecimento nossa dívida histórica com os patrícios africanos. Estarei retornando à África ainda este ano para passar a presidência da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Trata-se de uma oportunidade para reafirmar o especial compromisso do Brasil com essas nações irmãs. Mas também expresso uma visão de nossa política externa que identifica no continente africano, um território cheio de oportunidades para a cooperação econômica e política.

Na visita inédita que fiz ao mundo árabe, lancei as bases de uma associação que também tem raízes históricas e culturais antigas. Na primeira Cúpula da América do Sul e Países Árabes que o Brasil sediará em dezembro próximo, vamos sedimentar uma parceria inovadora e ousada entre as duas regiões.

Senhoras e senhores, o Brasil anunciou sua disposição de integrar a missão das Nações Unidas para restabelecer a paz no Haiti. Mas a responsabilidade da comunidade internacional não pára por aí. O ministro Celso Amorim, quando representante permanente em Nova York, já defendia uma coordenação mais estreita entre o Conselho de Segurança e os órgãos da ONU envolvidos na reconstrução física e na recuperação das instituições políticas e sociais dos países.

O nosso oferecimento para comandar essa missão estará condicionado ao efetivo engajamento da comunidade internacional com a reconstrução do Haiti. Nossa missão só terá sentido se estiver em estreita sintonia com os países da região.

As tragédias que o Oriente Médio e o Iraque vivem, hoje, reforçam a minha convicção sobre a relevância de uma ordem internacional baseada no direito internacional, no multilateralismo e nas Nações Unidas.

Continuaremos a defender com vigor uma reforma ampla e profunda da Organização, de modo a torná-la mais representativa e mais eficaz. A candidatura do Brasil a um assento permanente no Conselho de Segurança parte dessa convicção. Os recentes e importantes endossos na nossa postulação atestam a legitimidade e força do nosso pleito.

A democratização das relações internacionais que defendemos só será plena em um mundo mais solidário. Essa é a mensagem que tenho levado aos principais fóruns internacionais.

Continuarei a convidar os líderes mundiais a engajarem-se num mutirão para cumprir as metas do milênio, começando pelo combate à fome.

A resposta generosa a meu apelo é motivo de alegria e otimismo. Combater a fome e a pobreza, ainda é o melhor remédio ao desafio de enfrentar o clima de frustração e desesperanças que nutrem a violência e o terrorismo.

Na mesma direção está o meu apelo aos principais chefes de Estado do mundo para que o Fundo Monetário Internacional revide procedimentos obsoletos, que só prejudicam os países em desenvolvimento.

Minhas caras e caros formandos, cada vez mais a política externa ganha espaço no imaginário do cidadão brasileiro. A diplomacia do Brasil democrático deve espelhar a realidade de nossa sociedade, com suas demandas e possibilidades, com suas riquezas e carências.

Somos uma Nação que conseguiu recuperar a confiança e a credibilidade e que reiniciou a retomada do crescimento.

O Itamaraty se distingue por renovar-se permanentemente. Vem ampliando o diálogo com todas as forças e instituições da sociedade brasileira. Ao mesmo tempo adquire crescente capacidade técnica para defender nossos direitos e criar oportunidades para o país e seus empresários no exterior.

Para fazer frente a essa necessidade de contínua atualização, adotamos medidas para dotar o Ministério de meios e de uma estrutura administrativa que responda às demandas da nossa ação externa, cada vez mais intensa. Ainda falta muito, mas já fizemos um pouco.

Congratulo-me, por isso, com as medidas que o ministro Celso Amorim e o secretário-geral Samuel Pinheiro Guimarães promoveram para aprimorar as condições de trabalho da Chancelaria. A política externa é como um espelho. Um espelho que reflete a imagem e a auto-estima de um país. Mas é também um espelho quando se reflete o futuro, aquilo que a Nação fará de si mesma.

A política externa do meu Governo espelha e espelhará, cada vez mais, o Brasil confiante e solidário que queremos construir.

Cabe ao diplomata ser o intérprete dessa vontade de mudança e renovação.

Esta é a mensagem de esperança e desafio que quero deixar a vocês. Por isso desejo-lhes toda felicidade na carreira que, hoje, vocês estão iniciando, que sirvam de exemplo para vocês todos, os que honraram e honram a Casa de Rio Branco. Vocês, hoje, não são apenas mais um grupo de diplomatas formados aqui no nosso país; vocês agora serão "os diplomatas", porque serão muito mais exigidos do que outros que se formaram antes de vocês.

Boa sorte, felicidades, e que Deus abençoe cada um de vocês.

Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, Secretário-Geral das Relações Exteriores,

Embaixador João Almino, Diretor do Rio Branco,

Ministro Rubem Barbosa, Paraninfo da Turma Vinícius de Moraes,

Secretário Rubem Mendes de Oliveira, Orador da Turma,

Minha querida Suzana, que hoje aqui representa o nosso querido e saudoso Vinícius,

Meus caros formandos e familiares,

Normalmente, nessas ocasiões solenes trabalha-se com discursos prontos, até mesmo para evitar os riscos de todos os improvisos. Mas, Presidente, eu creio que hoje, como todos os dias, mas hoje, mais do que nunca, a casa é sua e a audiência está aqui para ouvir o senhor. Por isso vou me limitar a alguns poucos comentários que me vêm da própria situação e de algumas coisas que foram ditas. Ao fazê-lo, vou procurar não ser excessivamente auto-referente. Mas não posso, desde o início, deixar de lembrar que são quarenta anos da época em que eu passava do primeiro para o segundo ano do Instituto Rio Branco. Eu, como muitos outros aqui presentes, havíamos entrado para a diplomacia brasileira sob o signo de Santiago Dantas, sob o signo de Afonso Arinos, sob o signo de Araújo Castro,

sob o signo da democracia, e assumimos a carreira num momento extremamente difícil. Um momento que foi marcado pelo que então se definiu como fronteiras ideológicas, em que o interesse nacional era colocado num segundo plano em relação a uma ideologia que tudo subordinava a um conflito entre leste e oeste.

Não posso deixar, também, de, num momento como este, lembrar que Vinícius de Moraes foi muito mais do que poeta e diplomata. Foi, também, uma fonte de inspiração para muitos de nós, e permito-me, Senhor Presidente, numa nota também pessoal, lembrar que o Embaixador Ruy Nogueira, hoje Subsecretário de Cooperação e há até pouco tempo Embaixador em Caracas, lia para nós poemas do Vinícius de Moraes, de quem ele era especialmente adepto, e conquistava nossos corações, mesmo que hoje não fosse sábado.

Presidente, eu queria dizer que, como outros que estão aqui, nós vivemos um momento muito especial. Não só em contraste com esses quarenta anos que se passaram – minha turma, aliás, foi a primeira turma do Instituto Rio Branco que nem sequer formatura teve porque o governo de então não concordou nem com o paraninfo, nem com o teor do discurso que seria feito na posse dos alunos... mas não só em contraste a isso, mas mesmo com tempos mais recentes. Creio que devemos ao senhor – e me permita chamar de senhor e não de Vossa Excelência, como talvez o protocolo mandasse, porque uma vez já numa reunião ministerial, o senhor mesmo foi o primeiro a cortar com as "Vossas Excelências" e permita-me nesse sentido dizer que é um privilégio muito grande estar trabalhando, eu creio que um privilégio de todos, mas muito especialmente meu, pela proximidade – e falo não só como ministro, mas como velho diplomata, com já 40 anos de serviço, praticamente –servir sob a sua orientação. Porque, como o senhor mesmo gosta de dizer, o seu governo estará voltado, antes de tudo, para devolver a auto-estima ao Povo brasileiro.

E eu creio que a política externa tem sido uma parte, uma parte não pequena, não desprezível dessa recuperação da auto-estima. É claro, passamos por períodos diversos, mesmo durante períodos militares, tivemos ministros brilhantes; tivemos, nós diplomatas, muitos, envolvidos de alguma maneira em algum tipo de resistência, pelo menos aos piores abusos do Governo militar. E participamos também com alegria dos momentos em que parecíamos retomar o fio da meada de uma diplomacia voltada para o desenvolvimento da nação. Posteriormente, veio a democracia, em sua plenitude, e tivemos também pessoas ilustres dirigindo não só o Itamaraty,

como o próprio País. Mas, citando algo que o Ministro Ciro Gomes gosta de dizer, talvez no curto período – e eu sou suspeito para falar, por ter sido Ministro do Presidente Itamar Franco – talvez nesse período, sobretudo no período após a eleição direta, em muitos momentos, a nossa preocupação principal, a preocupação principal da diplomacia brasileira era, digamos, de como sermos eficientes em nossa inserção no mundo – uma preocupação válida, mas não uma preocupação que devesse ser exclusiva.

Muito se falou, e eu próprio falei várias vezes, em inserção competitiva do Brasil na economia mundial. O que eu creio que o seu Governo trouxe de novo é a busca não apenas de uma inserção competitiva, mas de uma inserção digna, altiva, coerente com o projeto de nação, um projeto que, durante muito tempo, pareceu, senão abandonado, pelo menos diluído nas brumas da globalização. Não que a globalização não seja um fato, como, logo depois de 64, nos recordavam então os arautos daquela época, a interdependência também era um fato. Era um fato, mas era utilizada para contrastar com a independência, da mesma maneira que muitas vezes a globalização é hoje usada, não como um fato – e é algo que de fato existe –, mas para contrastar contra qualquer veleidade de autonomia, de identidade nacional, de busca de um projeto próprio. Eu acho que o seu Governo, Presidente, nas suas mais variadas vertentes, nos trouxe de volta essa visão de que é preciso termos um projeto de nação. Isso vale para o campo interno e o senhor renova essa visão todos os dias; e todos os dias o senhor nos surpreende com coisas novas. Digo que talvez o maior privilégio que tenho é o convívio com o senhor e poder tentar traduzir na área diplomática e na área das relações internacionais esse mesmo pensamento que eu sinto nortear todas as suas ações.

Outro dia, lembrava o senhor em uma conversa entre poucos membros do Governo a importância que tem para o Brasil, a importância que tem para a nossa estabilidade econômica, a recuperação da nossa credibilidade, credibilidade sobretudo com os credores, tanto nacionais quanto internacionais.

Mas o senhor lembrava, também, que um grande número de credores é freqüentemente esquecido, os credores que são a gente pobre e trabalhadora do Brasil, que são aqueles com quem nós temos a maior dívida, com quem a elite brasileira tem a maior dívida. E é por isso que a diplomacia brasileira, a política externa brasileira, tem que estar voltada essencialmente para o resgate dessa dívida, e eu creio que o senhor tem tocado nesse ponto de maneira clara em todos os seus pronunciamentos.

Eu não vou me alongar, porque como já disse, é natural, o dia é seu, mas chamemos as coisas pelo nome - não chamando-as por eufemismos tecnocráticos que as organizações internacionais criaram - lembrando que o grande flagelo do mundo é a fome, e a fome tem esse nome próprio, não é apenas 'pobreza extrema', não é 'pobreza relativa', é a fome, é a ausência de alimento. E a ausência de alimento, como a ausência de liberdade, como a ausência de paz, são coisas que as pessoas só percebem quando não têm.

E o nosso orador mencionava, também, o fato de que iniciara os seus estudos sob o impacto do "onze de setembro". Digo isso porque muitas vezes ouço de pessoas, inclusive ilustradas, até de colegas, que o Brasil não deveria se envolver em certas situações, não deveríamos dar opinião sobre certas situações, e este Governo nunca temeu dar a sua opinião sobre situações. Eu acho que há aí um engano fundamental, um engano que reside em crer que a paz é um dado, como a liberdade é um dado. Eu vivi antes de 64 e achava que a liberdade era um dado, que tudo o que nós devíamos transformar era a democracia, numa democracia mais consciente dos problemas sociais, porque a liberdade era um dado. Mas a liberdade não era um dado, e ela foi suprimida. A paz não é um dado, e se nós não trabalharmos por ela no dia-a-dia das relações internacionais, nos conflitos, manifestando-nos sobre eles, condenando toda ação que esteja fora dos parâmetros do Conselho de Segurança das Nações Unidas, todas as ações que contrariam as resoluções da ONU - como tem ocorrido recentemente no Oriente Médio - se não nos manifestarmos sobre isso, estaremos contribuindo, pela nossa indiferença, para que as forças do conflito prevaleçam sobre as forças da paz. E para que as forças da opressão prevaleçam sobre as forças da liberdade.

Da mesma maneira que no plano econômico, e isso faz parte, Senhor Presidente, do seu combate à fome, temos que lutar por melhores condições não só de acesso aos nossos produtos, aos mercados internacionais, mas, também, de espaços para podermos realizar internamente as políticas que são necessárias, como diz o senhor freqüentemente, não só para combate emergencial à fome, mas para o combate a longo prazo da fome - que só se obtém pelo desenvolvimento e pelo crescimento econômico. Isso nós sabemos: que somente eles poderão trazer, também, o crescimento de emprego e a sensação de integração e inserção plena do indivíduo na cidadania. Não existe indivíduo livre sem nação livre, já dizia, creio eu, Maquiavel.... Dos meus tempos de professor de ciência política, recordo-me disso. E não há nação

livre que não seja capaz de negociar (felizmente não temos tido guerras que nos tenham atingido diretamente), de negociar no dia-a-dia com altivez, com coragem, sem bravatas, sem necessariamente aceitar outras agendas que nos são impostas como sendo agendas absolutas.

E é esse apoio, Presidente, que o senhor tem me dado em todos os momentos, que quero de maneira muito especial agradecer ao Senhor. Porque é nesse apoio que hoje se traduz uma política externa verdadeiramente altiva, verdadeiramente digna, que faça parte.... Creio, hoje, sinto isso - não quero ser presunçoso, absolutamente, porque sei que essas coisas não se dirigem a mim, dirigem-se ao senhor. Mas já fui Ministro em outra ocasião - e me orgulho daquele momento em que fui Ministro - mas vejo hoje nas ruas e na gente do povo o interesse na política externa e o interesse sempre voltado, sempre voltado, como disse ao senhor, para essa idéia de que a política externa faz parte do projeto nacional. A política externa ajuda a refletir a nossa imagem, mas não apenas aquela imagem que nós temos, mas a imagem do Brasil que desejamos. Por tudo isso, Presidente, pelo apoio que o senhor tem dado ao Itamaraty, inclusive em meio às dificuldades econômicas, ampliando, ainda que ligeiramente, a nossa estrutura, mantendo o nosso orçamento em termos reais e até aumentando um pouquinho em termos nominais, por todas essas ajudas que o senhor tem nos dado, e sobretudo por esse apoio que jamais tem faltado em momentos difíceis em que há críticas - bem intencionadas, devo imaginar pelo menos, mas muitas vezes ferinas, muitas vezes ignorando fatos - esse apoio que não nos tem faltado, é, sem dúvida alguma, o que de mais importante nós temos, e aquilo pelo que de coração lhe quero agradecer. E creio que esse apoio deve servir de inspiração também aos jovens diplomatas, que hoje entram para a carreira, não só num clima de democracia, mas num clima em que a prioridade ao combate à fome, a restituição de dignidade a todos os cidadãos e cidadãs brasileiras, qualquer que seja a raça, qualquer que seja o sexo, é uma prioridade fundamental.

Muito obrigado, Senhor Presidente.

Discurso do Paraninfo, Ministro Rubem Antonio Corrêa Barbosa

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores,
Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral das Relações Exteriores,
Excelentíssimo Senhor Embaixador João Almino, Diretor do Instituto Rio Branco,
Secretário Rubem Mendes de Oliveira, Orador da Turma,
Senhores Diplomatas,
Caros formandos,
Senhoras e Senhores,

É curiosa a sensação, ao olhar este auditório e lembrar-me da imagem de meus colegas e eu sentados nessas poltronas, nos idos de 1976, no dia de nossa própria formatura. Naquela época, era modesta a expectativa de fortalecimento das instituições políticas nacionais, limitada pela conjuntura interna de então.

Nada como o tempo para dar nova forma a tudo. Neste ano de 2004, prestigia-nos com sua presença um Presidente da República forjado na luta pela igualdade de direitos, pelo respeito aos homens de bem e pela valorização do convívio democrático, legitimado por expressiva vitória nas urnas.

Queridos formandos,

Confesso minha surpresa ao tomar conhecimento da escolha de vocês para ser o paraninfo desta turma simpática e que tanto me diz. Mas também quero ressaltar minha imensa alegria de, neste Dia de todos nós, Diplomatas, poder dividir de maneira especial este momento significativo. Saibam que me sinto verdadeiramente honrado com a homenagem.

Conhecemo-nos e convivemos desde os seus primeiros dias como Diplomatas alunos no Instituto Rio Branco, onde exercia as funções de Coordenador-Geral de Ensino, levado pelas mãos e pela confiança em mim depositada por André Amado, responsável por intenso processo de modernização de nossa Escola durante sua gestão. Saudosos tempos, quando tive o privilégio e a oportunidade de emprestar minha experiência à nova geração, em favor da contínua busca da excelência que caracteriza o dia-a-dia desta Casa. Da melhor formação possível de vocês depende o futuro do Itamaraty e a manutenção do alto nível profissional da diplomacia brasileira. Espera-se, desde já, que, a partir da dedicação constante, venham a desempenhar, no momento certo, as altas funções destinadas à Chefia deste Ministério. Ao concluírem o curso inicial de nossa academia diplomática, vocês deram um primeiro grande passo para se posicionarem nesta Carreira. O aprendizado, como sabem, não termina aqui. O estudo constante lhes será cobrado no trabalho de cada dia, e pelo próprio Instituto Rio Branco, para onde deverão ainda voltar pelo menos duas vezes mais.

Mas isto fica para mais tarde. Hoje é dia de festa. Dia de celebrar com seus familiares, justamente orgulhosos da conquista de vocês. De agradecer-lhes pelo inestimável suporte que lhes deram durante a árdua preparação para o ingresso nesta Casa. Esta formatura é produto de uma soma de esforços. Sejam generosos e saibam dividir a realização. Vejo também aqui presentes alguns de seus professores. Meus parabéns aos mestres pelo bom êxito alcançado na formação de mais um grupo de profissionais preparados para enfrentar os desafios futuros de toda ordem.

Senhor Presidente,

Até onde me foi dado perceber, pelas funções que exercia, os Diplomatas que hoje se formam, pela sua dimensão profissional e também pela sua

dimensão humana, estão mais do que prontos para bem executar as tarefas que lhes venham a ser confiadas. Sob a determinação de Vossa Excelência, estou seguro de que cada um deles saberá dar cumprimento às ações diplomáticas que possam trazer ganhos palpáveis ao povo brasileiro, em particular às camadas menos favorecidas, à comunidade sul-americana e à paz mundial.

Senhor Ministro,

Assumi minhas funções nesta Casa antes da Conferência de Helsinque sobre Segurança Européia. Aqui vivi a segunda crise do petróleo, a eleição de um Papa polonês, o auge do relacionamento político-comercial do Brasil com a Nigéria, a entrada de Portugal e Espanha na então Comunidade Econômica Européia e a queda do Muro de Berlim. Senti na pele os efeitos do conflito interno na Colômbia, dirigi o gabinete de crise por ocasião da invasão do Iraque e hoje participo, nos limites de minhas possibilidades, de ações envolvendo a prioridade de política externa brasileira na América do Sul. Quantos episódios!

Ao mesmo tempo, no plano interno experimentamos uma evolução política que suplantou, creio, nossas melhores expectativas. Alcançamos a plena liberdade de expressão, reforçamos nossa consciência ecológica, vivenciamos o profundo envolvimento da sociedade na política e despertamos para o significado do conceito de cidadania, reafirmando os direitos humanos e tornando-nos mais preocupados com nossos irmãos ainda imensamente pobres, com nossas crianças e idosos. Muito falta por fazer, a ponto de pesar-nos a consciência, mas, se almejávamos estas conquistas quando meus colegas e eu nos formamos, forçoso é reconhecer que passos firmes foram dados nesse sentido nos anos que se passaram.

Caros colegas,

Nossa Carreira é bela. Mas é dura também e só nós sabemos os sacrifícios que nos cobra, a dedicação que nos exige, o conhecimento e o compromisso que espera devemos ter. Proporciona realizações, é verdade, mas nos obriga a constantes concessões em nossa vida pessoal e familiar. O preço a pagar é alto, compensado pela satisfação íntima de servir à Pátria. É importante não abrir mão de suas convicções, em troca de conveniências

fugazes. Recebi sempre o estímulo a esta conduta da parte de meus chefes, entre eles Alberto da Costa e Silva, Synésio Sampaio Goes, Ruy Nogueira, Jório Salgado Gama Filho e André Matoso Maia Amado. Mais recentemente, também o tenho recebido de José Eduardo Martins Felicio e Luiz Filipe de Macedo Soares.

Uma Carreira, enfim, cujo processo de ascensão só tem sentido para nós. Que cobra de nossos familiares um grau de comprometimento e apoio, cujo alcance só nós podemos compreender. Obriga-nos constantemente a afastar-nos de nossos amigos e de nossas referências mais caras como brasileiros. Destina a cada um de nós longas ausências no exterior, onde nem sempre o melhor preparo intelectual e dedicação profissional podem afastar o sentimento de solidão que por vezes nos aflige.

Junto-me a vocês na justa homenagem que prestam a Vinícius de Moraes, ao elegê-lo patrono da turma. Poeta maior e diplomata, intelectual e artista como vários de nossos pares, soube abrilhantar as cores da bandeira nacional com seu talento reconhecido dentro e fora do Brasil. Sinto que, obrigado a afastar-se de nosso convívio, em virtude de decisões tomadas em outros tempos de nossa História, muito perdeu o Itamaraty, ao não poder continuar a tê-lo em seus quadros. Mais ganhou o Brasil, que pôde desfrutar por inteiro do talento, sensibilidade, carisma e simpatia deste destacado colega, que tinha no culto à liberdade e na máxima do amor eterno enquanto dure normas de vida de uma sabedoria talvez à frente de seu próprio tempo.

Carioca, como eu, Vinicius deixou nosso convívio em julho de 1980. Consultando dados relevantes de sua vida, encontrei, referente ao ano de 1979: participa de leitura de poemas no Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, a convite do líder sindical Luís Inácio da Silva.

Queridos formandos,

No Instituto Rio Branco vocês experimentaram algo novo, dentro do processo de constante aprimoramento a que me referi acima. Sua turma é a primeira formada em nível de Mestrado, evolução introduzida pelo atual Diretor, Embaixador João Almino, a quem presto minha homenagem e sob cuja orientação também tive a oportunidade de trabalhar. Meus parabéns, portanto, pela participação na importante iniciativa.

Praticamente coincidindo com o início de suas aulas, verificou-se mudança de profundidade no enfoque das relações internacionais, com o

advento do primado da luta contra o terrorismo, determinado a partir dos acontecimentos de 11 de setembro de 2001, quando completavam o primeiro mês de curso. Vivenciaram durante o período de formação diplomática o fortalecimento do unilateralismo, em detrimento de um papel mais democrático da diplomacia multilateral. Assistiram a mudanças políticas drásticas no plano mundial, cujo alcance ainda não se pode perceber. Iniciam, portanto, a Carreira, com um razoável conhecimento das incertezas que permeiam o relacionamento na comunidade das nações, que lhes será, certamente, valioso daqui para frente.

Abracem esta Carreira de corpo e alma. Diplomatas ingressam nesta Casa para a ela se dedicarem durante quarenta anos. Às vezes mais. Nosso trabalho é como um sacerdócio, que envolve nossos dias, nossas noites, e com freqüência interrompe nosso lazer. Leva-nos a encontrar no exterior, nos mais recônditos confins, um representante do Brasil, que ali está para olhar por cidadãos como ele, ou seja, para proteger o crescente número de brasileiros que trabalham e vivem longe do País, e também sempre pronto a negociar, representar e informar em nome do interesse nacional.

Fortaleçam sua vocação e disposição constante de servir ao público, fundamental para a permanência entre nós. Este requisito lhes será cada vez mais cobrado, como conseqüência natural do amadurecimento do processo democrático brasileiro. Tenham o orgulho nobre de bem representar o Brasil e de contribuir com tudo de si para transmitir a melhor imagem possível da realidade nacional a seus interlocutores. Além disso, como bem ensinou o Barão do Rio Branco, onde estiverem lembrem-se sempre da Pátria. De minha parte, não me esqueço por nada de minha querida cidade do Rio de Janeiro, referência maior numa vida de constantes mudanças.

Tenho certeza de que vocês, como eu, entregaram-se a esta Carreira com dedicação e amor. Mas é essencial que não se esqueçam, como costumava lembrar o então Chanceler Azeredo da Silveira, de algo que também deve ser considerado primordial para o bom desempenho de vocês no Ministério das Relações Exteriores: busquem a felicidade pessoal em suas vidas particulares e guardem tempo para cuidar de vocês. A vida tem inúmeras vertentes, que vão muito além do trabalho diário. Persigam com constância a realização pessoal em todos os sentidos. Finalmente, prezem e acarinhem suas famílias. Acreditem, há momentos, e muitos, em que os familiares são o único porto seguro em nossa trajetória, freqüentemente em detrimento da realização de suas aspirações individuais mais justas. De minha parte, devo

louvar a constância, paciência e o amor de Lenise, companheira de sempre, e a compreensão de nossos filhos.

Cabe-me agradecer-lhes uma vez mais a homenagem que me fazem. E desejar-lhes, do fundo do coração, muito bom êxito em suas vidas pessoais e profissionais.

Discurso do Orador,
Rubem Mendes de Oliveira

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores,
Excelentíssimo Senhor Diretor do Instituto Rio Branco,
Autoridades presentes,
Colegas Diplomatas,
Senhoras e Senhores,

A cerimônia de hoje simboliza a conclusão de nosso período de formação profissional no Instituto Rio Branco e o início de nossas atividades como diplomatas a serviço do Brasil na Secretaria de Estado e no exterior.

A data de 20 de abril celebra o nascimento de José Maria da Silva Paranhos, o Barão do Rio Branco, patrono da diplomacia brasileira e, desde 1970, designa o Dia do Diplomata.

Durante nosso período de estudos pudemos aprimorar o conhecimento histórico das relações internacionais do Brasil, e ao mesmo tempo usufruir da experiência comum acumulada nesta Casa ao longo de várias gerações de diplomatas que forjaram um inestimável patrimônio de idéias e de ações do qual todos nós nos orgulhamos e que granjeia merecido reconhecimento internacional.

Gostaríamos de expressar, neste momento, a satisfação de podermos iniciar uma história de contribuições à defesa do interesse nacional e das legítimas aspirações de nossa sociedade em seu relacionamento com a comunidade das nações. Para chegarmos até a data de hoje, cada um de nós percorreu diferentes caminhos, variadas opções de formação acadêmica, e recebemos o apoio contínuo de nossos amigos e colegas, de nossos familiares e, especialmente, de nossos pais e cônjuges. A todos os que nos ajudaram a concretizar nossas aspirações e vocações pessoais, expressamos os nossos mais reconhecidos agradecimentos.

Senhor Presidente,

A turma de 2001-2003 escolheu para homenagear como paraninfo o Ministro Rubem Antônio Corrêa Barbosa, Coordenador de Ensino do Instituto Rio Branco durante a maior parte de nosso período como estudantes. Atualmente à frente da Divisão da América Meridional II, o Ministro Rubem Barbosa deixou uma marca indelével em cada um de nós, como exemplo profissional e pessoal: sempre atento a nossas indagações de recém-chegados a uma carreira de muitas responsabilidades, foi ele quem, com o máximo de serenidade e bom senso, em primeiro lugar nos forneceu o ensinamento prático de como o diplomata deve ser capaz de agir, em qualquer situação – mas principalmente naquelas em que as paixões e os ânimos se manifestam mais intensamente - com clareza, transparência, senso de justiça e, sobretudo, respeito por todas as partes envolvidas.

Gostaríamos, portanto, de expressar nosso reconhecimento à competência com que o Ministro Rubem Barbosa exerceu a função de nos orientar, com a firmeza e a franqueza necessárias a cada momento e a cada situação, em nosso aprendizado sobre a Casa na qual acabávamos de ingressar.

Um dos aspectos que caracterizam sobremaneira o Itamaraty é o fato de que vários diplomatas são grandes expressões da alma e da cultura de nossa terra e de nossa gente. Na verdade, não há razões para se surpreender com a presença contínua, ao lado de consagrados historiadores e economistas, de romancistas, poetas, dramaturgos, músicos e artistas plásticos entre os quadros funcionais da Casa de Rio Branco. O diplomata, para bem representar seu País, deve não apenas possuir o conhecimento dos princípios e valores

da sociedade a que pertence, mas também a sensibilidade para os costumes e tradições que lhe emprestam seu caráter.

Como patrono de nossa turma escolhemos um desses nomes de expressão cultural, o diplomata Vinícius de Moraes. Tendo ingressado no Itamaraty em 1943, Vinícius já era poeta e letrista reconhecido e premiado, pois bem antes desta data já havia publicado mais de um livro de poemas, e já havia igualmente lançado algumas de suas primeiras canções. Por essa razão, certamente, Vinícius se auto-definiu, no célebre "Samba da Benção", como *"...poeta e diplomata",* como a ressaltar, na ordem cronológica de suas atividades, aquilo que deveria ter sido também a ordem desejada para seu pai. Na bela e comovente "Elegia na morte de Clodoaldo Pereira da Silva Moraes, poeta e cidadão", o filho Vinícius o apresenta como *"...poeta e funcionário"*, revertendo a realidade da vida daquele que, também poeta talentoso, manteve a veia artística confinada à intimidade familiar em favor da segurança e regularidade do emprego público.

Tendo iniciado sua carreira nesta Casa na então Divisão Econômica e Social, o diplomata Vinícius obteve, apenas um mês depois de nomeado, a confirmação no serviço público com nota máxima na avaliação que levava em conta itens como discrição, pontualidade, iniciativa, urbanidade, capacidade intelectual, disciplina, dedicação ao serviço e caráter.

No exterior, Vinícius serviu em Los Angeles, em Montevidéu e na Delegação do Brasil junto à UNESCO, em Paris. A experiência do amor à pátria – experiência comum a todos nós nesta Casa - que se manifesta de forma mais intensa quando estamos fora do Brasil, foi também objeto de sua poesia, em "Pátria minha", por exemplo:

"...Ponho no vento o ouvido e escuto a brisa
Que brinca em teus cabelos e te alisa
Pátria minha, e perfuma o teu chão...
Que vontade me vem de adormecer-me
Entre teus doces montes, pátria minha
Atento à fome em tuas entranhas
E ao batuque em teu coração"

Do mesmo modo, é essa experiência permanente da Pátria para a qual nos alertou o Barão do Rio Branco que encontramos na comovente alegria

que Vinícius manifesta em "Do amor à pátria", quando, atravessando o oceano, consegue ouvir num rádio de ondas curtas uma emissora brasileira:

"Adorável prefixo noturno, nunca te esquecerei!
Foste mais uma vez essa coisa primeira tão única como o primeiro amigo, a primeira namorada, o primeiro poema.
E a ti eu direi: é possível que o padre Vieira esteja certo
ao dizer que a ausência é, depois da morte,
a maior causa da morte do amor. Mas não do amor à terra
onde se cresceu e se plantou raízes, à terra a cuja imagem e semelhança
se foi feito e onde um dia, num pequeno lote,
se espera poder nunca mais esperar"

Caros Colegas,

A conclusão do Programa de estudos do Instituto Rio Branco não é apenas um resultado individual de cada aluno. Para alcançarmos tal objetivo contribuíram todos os diplomatas brasileiros, do presente e do passado, que nos legaram o exemplo e os meios com os quais se constitui uma carreira de Estado cuja continuidade e seriedade na seleção, na formação e na progressão funcional poucos países possuem. Vários diplomatas têm sido chamados a servir em organismos multilaterais e aí têm deixado a sua marca pessoal, como é o caso do Embaixador João Augusto de Médicis, falecido há poucos dias, quando exercia a função de Secretário-Geral da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa.

Para a nossa formação contribuíram também os professores do Instituto Rio Branco, que pertencem à elite da comunidade acadêmica brasileira. Quando o Instituto Rio Branco se aproxima de completar seis décadas de existência, congratulamo-nos com a visão de seus criadores, e de todos quantos o têm dirigido, para trazer às suas salas de aula os mais renomados professores do País em suas respectivas áreas de conhecimento, independentemente de ideologias e de preferências políticas. A eles expressamos nossos agradecimentos, assim como a todo o quadro de funcionários do Instituto Rio Branco, que oferecem o apoio indispensável à nossa formação.

Senhor Presidente,

Há pouco mais de um ano Vossa Excelência vem imprimindo um ritmo excepcional à política externa brasileira. A experiência de vida, a

sensibilidade social e o conhecimento do Brasil e de suas necessidades e potencialidades constituem um verdadeiro "capital" diplomático de Vossa Excelência, por meio do qual o Brasil se apresenta ao mundo como uma sociedade pronta a participar da conformação de um cenário internacional que prime pelo respeito ao Direito, pela busca da justiça e da eqüidade no comércio entre as nações, e pela solução pacífica dos conflitos.

Permita-me manifestar a satisfação com que os diplomatas que ora ingressamos simbolicamente na carreira, passamos a colocar em prática os ensinamentos obtidos no Instituto Rio Branco sob a orientação e as instruções de Vossa Excelência, no sentido de buscar, em cada negociação de que participamos, os resultados a que a sociedade brasileira legitimamente aspira.

Os desafios que o mundo atual apresenta deverão ser enfrentados com firmeza e senso de justiça. Estávamos todos em sala de aula na manhã de terça-feira, 11 de setembro de 2001. Acompanhamos os eventos daquele dia com a clara percepção de que nossas carreiras iriam se desenvolver num cenário internacional mais complexo e mais difícil, mas no qual seguramente a diplomacia se torna cada vez mais necessária e urgente.

Para isso nos preparamos ao longo dos dois últimos anos. Os conhecimentos que trouxemos para o Instituto Rio Branco foram constantemente postos à prova, e em suas salas de aula os lapidamos e elaboramos continuamente. A partir de nossa turma, os alunos do Instituto Rio Branco têm a oportunidade de ingressar na carreira diplomática já possuindo um título de pós-graduação, exigência do caráter atual da diplomacia, que requer cada vez mais conhecimento das agendas em negociação.

Senhor Presidente,

No discurso que Vossa Excelência pronunciou aqui neste mesmo auditório no ano passado, durante a formatura da turma que nos precedeu, foram anunciados os fundamentos de nossa política externa. Vossa Excelência indicou a prioridade para a América do Sul, e nos incitou a estreitar os laços de cooperação com a África e com o Oriente Médio, assim como com os interlocutores do mundo desenvolvido e em desenvolvimento que compartilham nossos valores e objetivos.

Foi com este espírito que a turma que ora se forma realizou, há cerca de um ano, seus estágios profissionais em capitais da América do Sul. Estamos seguros da excelência da formação recebida no Instituto Rio Branco, que a par dos estudos de Direito Internacional, Teoria das Relações Internacionais, Economia, História, Cultura Brasileira, e do aperfeiçoamento no inglês, espanhol e francês, nos oferece a oportunidade de treinamento em idiomas outros, como o alemão, o italiano, o russo, o árabe e o chinês, por exemplo. Sentimo-nos, agora, preparados para servir em qualquer parte do mundo, de modo a atender à vasta gama de interesses diplomáticos que um País da grandeza do Brasil persegue.

A política externa do Brasil será sempre uma política legítima e, portanto, respeitada pelos demais países, na exata medida em que represente a diversidade e a pluralidade de nossa sociedade. Gostaria de ressaltar, em especial, o apoio que Vossa Excelência tem oferecido ao Programa de Ação Afirmativa do Instituto Rio Branco, por meio do qual são criadas condições efetivas para que mais candidatos afrodescendentes possam ingressar na carreira diplomática. O Diretor do Instituto, Embaixador João Almino, tem envidado esforços contínuos na divulgação do Programa e na ampliação do número de candidatos afrodescendentes que se inscrevem para o concorrido exame de admissão à carreira diplomática, e os resultados têm sido auspiciosos.

Alegra-nos que a diplomacia brasileira cada vez mais expresse nas faces de seus agentes toda riqueza da sociedade brasileira. Nós, diplomatas que hoje nos formamos, viemos das mais diversas regiões do Brasil, e representamos as mais diversas camadas sociais, como no meu caso pessoal, filho de mãe professora primária e de pai que deixou o Nordeste na juventude para se qualificar como trabalhador no Sudeste, exerceu liderança sindical e criou uma cooperativa habitacional.

Gostaria de concluir este discurso voltando uma vez mais a agradecer a nossos pais, presentes ou ausentes desta cerimônia. Eles são, por seu apoio e dedicação, os verdadeiros merecedores das homenagens pelo êxito hoje alcançado por seus filhos e filhas.

Muito obrigado.

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia
Alunos da Turma Vinícius de Moraes
2001-2003

Alexandre Mendes Nina
André Dunham Maciel Siaines de Castro
Aniel Eler Dutra Junior
Antonio Carlos Antunes Santos
Aurimar Jacobino de Barros Nunes
Bárbara Bélkior de Souza e Silva
Braz da Costa Baracuhy Neto
Carlos Eduardo de Carvalho Pachá
Christiano Sávio Barros Figueirôa
Clarissa Souza Della Nina
Daniel Augusto Rodrigues Ponte
Daniel Costa Figueiredo
Felipe Augusto Ramos de Alencar da Costa
Felipe Flores Pinto
Felipe Haddock Lobo Goulart
Fernando Augusto Moreira Costa
Gustavo Sénéchal de Goffredo Junior
Gustavo Teixeira Chadid
João Marcelo Queiroz Soares
Juliana Soares Santos
Lanier Guedes Morais

Luis Eduardo Fonseca de Carvalho Gonçalves
Luiz Otávio Monteiro Ortigão de Sampaio
Maurício da Costa Carvalho Bernardes
Murilo Vieira Komniski
Paulo Camargo Carneiro
Paulo Vassily Chuc
Rodrigo Andrade Cardoso
Rubem Mendes de Oliveira
Sérgio Aguiar Viana de Carvalho
Silviane Tusi Brewer

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia Bolsistas estrangeiros da Turma Vinícius de Moraes - 2001-2003

António Elias Correia	Angola
Elen Peteyan	Armênia
Gaspar Rodrigo Ken	Belize
Gerardo A. D. Bartolomé	Argentina
Ike Desrnond Antonius	Suriname
Ronald Jesús B. Torrez	Bolívia

2002-2004

TURMA CELSO FURTADO

PALÁCIO ITAMARATY,

1º DE SETEMBRO DE 2005

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva

Excelentíssimo Senhor José Alencar, Vice-Presidente da República,

Minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro, Embaixador Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores e sua esposa, Ana,

Meu querido companheiro Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, Secretário-Geral das Relações Exteriores,

Embaixador Fernando Guimarães Reis, Diretor do Instituto Rio Branco,

Embaixador Everton Vieira Vargas, Paraninfo da Turma Celso Furtado,

Senhoras e senhores diplomatas,

Senhoras e senhores formandos,

Secretário Marcos Sperandio, Orador da Turma,

Meus amigos e minhas amigas,

Meu querido companheiro Marco Aurélio Garcia,

Com grande satisfação, volto a esta Casa para participar da formatura de nova turma de diplomatas.

A partir de hoje, vocês poderão orgulhar-se de pertencer plenamente ao corpo de servidores públicos que se destacam pelo elevado grau de profissionalismo e pelo compromisso com os objetivos nacionais.

Este também é um momento especial para o Instituto Rio Branco, que completa 60 anos dedicados à preparação dos quadros do Itamaraty, para a nobre missão de representar o Brasil e defender seus interesses.

Desde o início do meu governo e sob a condução segura do meu querido chanceler Amorim, o Itamaraty tem tido um papel de destaque na construção de um novo projeto de nação.

Nossa diplomacia não é apenas um instrumento de projeção externa do país, mas um elemento constitutivo de nosso projeto coletivo de desenvolvimento. Para cumprir esses objetivos, a Casa de Rio Branco teve inédita autonomia administrativa que lhe permitiu, em sintonia com as grandes orientações políticas do governo, levar adiante uma política externa de perfil elevado, inovadora e afirmativa.

A criatividade, o entusiasmo e o empenho de cada um de vocês permitirão aprofundar esse projeto. Ele não pertence a um partido ou grupo, não se subordina a engajamentos ideológicos e, menos ainda, se alimenta de pretensões de lideranças regionais.

Os objetivos que norteiam a nossa política externa são a defesa do interesse nacional e a solidariedade continental, o que implica construir uma ordem internacional mais democrática e eqüitativa.

A escolha de Celso Furtado para patrono desta turma demonstra que vocês, jovens formandos, compartilham essa visão. Temos todas as razões para homenagear esse admirável brasileiro, um dos grandes pensadores latino-americanos, lúcido intérprete do Brasil. Homem de pensamento e ação, Celso não se contentou em fazer um diagnóstico dos problemas e desafios que, secularmente, impediram o país de realizar seu potencial de nação. Engajou-se na transformação dessa realidade.

Essa postura inspira as ações externas de meu governo, uma atuação que está a serviço do desenvolvimento nacional e da construção de um Brasil mais solidário. Não aceitamos como fato consumado uma ordem internacional injusta, sustentada por processos decisórios poucos transparentes e pouco democráticos. Nossa atuação diplomática é fundada na defesa de princípios, mas também na busca de resultados. Tem uma dimensão utópica sem deixar de ser pragmática.

Vivemos em um mundo difícil, em que a correlação de forças é adversa às legítimas aspirações dos países em desenvolvimento. Não podemos nos acomodar à inércia e à inação. menos ainda à submissão pregada por alguns poucos em nome de um discutível realismo.

Senhoras e senhores,

Em um mundo globalizado e interdependente, nossa contribuição à paz e à democracia é determinada pelo princípio da não-indiferença. Por isso, nos engajamos nos esforços de estabilização do Haiti. Aceitamos o desafio de assumir o comando da Missão de Paz naquele país, atendendo a uma solicitação das Nações Unidas.

Essa é uma oportunidade histórica para os países da América Latina e do Caribe demonstrarem que é possível um novo modelo de cooperação internacional. Um modelo em que o restabelecimento da ordem e da segurança esteja alicerçado na recuperação econômica e na transformação social, nunca na truculência.

Graças à Missão das Nações Unidas, o Haiti caminha hoje para a realização de eleições democráticas que renovam esperanças no seu futuro. Respeitosos dos princípios da não-intervenção sem arrogância, mas também sem indiferença, contribuímos para a solução de crises em países de nossa América do Sul.

Ao mesmo tempo, estamos fortalecendo o projeto de integração física, indispensável, para dar à região, condições de inserir-se competitivamente no mundo de hoje.

O mesmo compromisso político e ético nos levou, em 2004, a lançar a Ação Internacional contra a Fome e a Pobreza. A iniciativa reuniu 60 líderes mundiais em Nova Iorque e trouxe para o centro da agenda Internacional a urgência de se enfrentar esses dois flagelos. O compromisso de mais de 100 países no sentido de buscar fontes alternativas inovadoras de financiamento reforça nossa convicção de que é possível eliminar a pobreza extrema em nosso Planeta.

Igual espírito de solidariedade tem presidido o resgate e o aprofundamento de nossas relações com a África. Em três visitas ao Continente, já estive em 14 países e assumi o compromisso de retornar todos os anos à região com a qual temos afinidades históricas e culturais.

As relações do Brasil com os países africanos, tanto em matéria de cooperação como de comércio, vêm ganhando intensidade sem precedentes. Somente neste último mês de agosto, recebi a visita de dez líderes africanos. Estamos lançando parcerias mutuamente vantajosas, sem assistencialismo, que abrem oportunidades promissoras de negócios em frentes inovadoras de colaboração.

Confiamos nos esforços de transformação política que estão em curso no continente africano. À frente da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e em coordenação com a União Africana, o Brasil tem contribuído para a normalização institucional em pontos consagrados da região. Apoiamos a retomada da democracia em São Tomé e Príncipe. Colaboramos para o diálogo político e a capacitação institucional, social e econômica de Guiné-Bissau.

Senhoras e senhores,

As realizações de nossa diplomacia, nesses dois anos e meio de governo, reforçam minha convicção de que estamos no caminho certo. São muitas as manifestações de respeito e estímulo ante essa mudança da presença do Brasil na cena internacional.

É amplamente reconhecida a contribuição que temos prestado para a democratização dos organismos multilaterais e para a conformação de uma nova geografia política, econômica e comercial.

A constituição do G-20, que contou com a colaboração decisiva do Brasil, alterou a dinâmica do processo decisório da Organização Mundial do Comércio, trazendo países em desenvolvimento para o centro das negociações.

A Organização Mundial do Comércio está deixando de ser um clube dos ricos em benefício do sistema multilateral de comércio como um todo. Trabalharemos agora para concluir, com êxito, as negociações da Rodada de Doha.

O comércio deve tornar-se definitivamente uma alavanca do desenvolvimento e permitir que a criatividade e a competitividade de nossa gente sejam justamente recompensadas.

Estamos empenhados na eliminação dos subsídios bilionários à exportação e na redução drástica do apoio interno à produção agrícola dos países desenvolvidos. Os recursos hoje gastos com subsídios agrícolas são seis vezes maiores do que o montante adicional necessário para implementar as Metas do Milênio.

A democratização do sistema internacional não será completa sem uma efetiva reforma das Nações Unidas que necessita maior eficácia e legitimidade. Juntamente com os parceiros do G-4, temos insistido na necessidade, em particular, de ampliar o Conselho de Segurança. É

inadiável torná-lo mais representativo, com a inclusão de países em desenvolvimento entre os membros permanentes.

Ninguém ignora a complexidade dessa tarefa. Mas estamos convencidos da importância e da oportunidade dessa discussão. A nova correlação de forças internacionais que almejamos, para além de um mundo unipolar, passa também por parcerias estratégicas alternativas e pelo reforço do diálogo Sul-Sul.

Ainda no primeiro ano de meu governo formamos o IBAS, com Índia e África do Sul. Ao juntarmos as três grandes democracias do mundo em desenvolvimento criamos novo mecanismo de articulação entre países com grande potencial de cooperação econômica, cultural e científica.

A realização em Brasília, em maio de 2005, da Cúpula América do Sul/Países Árabes, reforçou nossa convicção de que os países em desenvolvimento, atuando de forma coordenada, têm condições de encontrar as respostas para os desafios comuns. Abrimos novas e promissoras oportunidades de negócios entre as duas regiões e inauguramos um encontro inédito de civilização sobre o signo do diálogo e da tolerância.

Senhoras e senhores,

Desde o primeiro dia de governo ressaltei que o foco prioritário de nossa diplomacia seria a criação de uma América do Sul mais unida, próspera e estável. Quero reconhecer em público o trabalho incansável do Itamaraty para tornar realidade o sonho da integração sul-americana.

Estamos provando que com paciência, dedicação e visão de futuro, é possível atingir objetivos ousados que antes não saíam do papel. Não foi pouco realizado nesses dois anos e meio. Criamos as bases da Comunidade Sul-Americana de Nações, que se reunirá pela primeira vez após sua fundação em Cuzco, em Brasília, dentro de poucas semanas.

Estamos avançando rapidamente nas áreas de infra-estrutura e integração energética, fundamentais para a consolidação de um espaço sul-americano. Ao mesmo tempo, concluímos acordos comerciais com a Comunidade Andina, que estabelecem praticamente uma área de livre comércio na região.

Estamos tornando a América do Sul uma realidade tangível para os brasileiros que, por muito tempo, viveram de costas para seus vizinhos.

O fortalecimento do Mercosul é pedra angular desse esforço de integração. E as relações com a Argentina, seu motor essencial.

É preciso reconhecer que, muitas vezes, não temos tido agilidade para responder às expectativas criadas e para superar os entraves inerentes a qualquer processo de integração profunda.

Precisamos avançar mais levando em conta as preocupações legítimas de nossos parceiros. Temos que aumentar as nossas importações, sobretudo dos sócios menores e avançar na integração das cadeias produtivas.

O futuro do Mercosul depende, em última análise, de nossa capacidade de desenvolver políticas industriais e agrícolas comuns e de fortalecer o Bloco no plano institucional.

Temos razões para otimismo. O comércio intra-regional retoma com vigor sua trajetória ascendente. Em 2004, nossas exportações para os países do Mercosul aumentaram 60%. O poder de atração do Bloco, cada vez maior, se reflete no número crescente de países associados e no dinamismo de nossas negociações externas.

Senhoras e senhores,

A política externa brasileira alcançou um novo nível de maturidade. Não estamos mais limitados por fronteiras imaginárias ou fórmulas prontas. Estamos explorando oportunidades de diálogo, cooperação e negócios, onde quer que elas existam.

Desenvolvemos parcerias diversificadas e relações mais equilibradas com todas as regiões do mundo. Na melhor tradição de nossa diplomacia, temos feito isso sem confrontações estéreis e valorizando sempre as relações indispensáveis com parceiros tradicionais do mundo industrializado.

Para aqueles que acreditam nas estatísticas, basta olhar os resultados excepcionais do nosso comércio exterior. Desde 2003, nossas vendas para os Estados Unidos e para a União Européia crescem em ritmo acelerado. As exportações para os Estados Unidos, somente neste ano, aumentaram quase 24%.

Esses números espelham o excelente nível de entendimento político bilateral.

Nossas vendas para os países em desenvolvimento aumentaram exponencialmente e já representam mais de 50% de nossas exportações, concentrando-se em produtos de maior valor agregado. O comércio exterior

brasileiro, que já ultrapassou a marca histórica de 110 bilhões de dólares, é tão somente expressão de uma realidade maior.

O Brasil está assumindo um papel de crescente relevo no cenário internacional, articulando seus interesses com base no diálogo e em nome de valores universais, democráticos e humanistas.

Estamos projetando lá fora os êxitos econômicos e sociais que temos tido aqui dentro. Depois de tantos anos de recessão e crescimento medíocre, entramos na rota de crescimento sustentado. Isso permitiu criar mais de 3 milhões e 250 mil novos empregos com carteira profissional assinada.

Oito milhões de famílias – e serão 8 milhões e 700 mil famílias em dezembro – já se beneficiam dos programas de transferência de renda do governo. Domamos a inflação e nossa vulnerabilidade internacional teve uma redução sem precedentes nas últimas décadas. O Brasil se constitui em um ponto de atração para investimentos produtivos de todo o mundo.

Em suma, o Brasil se afirma como nação que toma as rédeas de seu destino. Um país que ouve e é ouvido.

É por isso que hoje, um dia especial na vida dos novos diplomatas, quero deixar-lhes uma mensagem ao mesmo tempo singela e poderosa. Inspirem-se no exemplo de Celso Furtado. Acreditem sempre no Brasil, em seu imenso potencial como nação e na capacidade transformadora do nosso povo.

Por isso, eu quero desejar a todos boa sorte e dizer a vocês que nós saímos da teoria para a prática com coisas consideradas extraordinárias para o nosso país. Eu vou ler alguns números, sobretudo para vocês que estão assumindo essa tarefa importante de representar o Brasil no mundo.

No mês de agosto, a balança comercial bateu o seu quarto recorde consecutivo. As exportações, em maio, fecharam com 9,8 bilhões. No mês de junho, as exportações ultrapassaram pela primeira vez a marca dos 10 bilhões, foram 10 bilhões e 200. Em junho, as exportações chegaram a 11 bilhões. Em agosto, os números confirmaram a sustentabilidade e as exportações chegaram a 11 bilhões e 300 milhões, com um saldo positivo de 3,7 bilhões de dólares.

Mais importante, no mês de agosto outros recordes também foram batidos. As importações atingiram a cifra recorde de 7 bilhões e 700, quebrando a barreira dos 7 bilhões. A corrente de comércio também alcançou cifra recorde de 19 bilhões. Em comparação com agosto do ano passado, os números ficaram assim: as exportações cresceram 20% e as importações, 31%. No acumulado de 12 meses, novos recordes: exportações de 111 bilhões

e 200 milhões e importações de 71 bilhões e 100 milhões, somando 182 bilhões na corrente de comércio, um recorde histórico do nosso país. O saldo disso tudo foram 40 bilhões de dólares favoráveis ao Brasil.

Eu quero aproveitar a emoção dos jovens que estão se formando hoje, depois dos discursos brilhantes de todos que me antecederam, para fazer alguns reconhecimentos. Primeiro, a felicidade de ter escolhido o Celso Amorim para ser Ministro das Relações Exteriores do meu governo. Não apenas porque o Celso Amorim é um diplomata calejado, experimentado, e não basta isso para exercer o papel de chefe das nossas Relações Exteriores. É preciso, além de toda essa graduação, de toda essa formação intelectual, a pessoa ter vontade e acreditar naquilo que faz. Eu não sei se em algum momento histórico, mesmo ele, quando foi Ministro do outro governo, se teve a disposição que ele tem hoje para trabalhar, porque uma coisa é você cumprir uma função, outra coisa é você fazer uma coisa que você acredita que a tua consciência e que o teu coração dizem: vai nessa, que nós vamos vencer.

Eu me lembro que quando eu chamei o Celso Amorim e, logo depois, convidei o Marco Aurélio para trabalhar como meu Assessor, não faltaram pessoas que tentaram criar disputas de que eu tinha um chefe das relações internacionais e um assessor especial e que, portanto, ia ter um confronto entre os dois. Saíram matérias, no começo precisou-se explicar, e eu acho que é importante dizer: a relação entre Celso Amorim, que cumpre a função institucional de ser Ministro das Relações Exteriores, e a relação com Marco Aurélio, que cumpre uma outra função tão nobre quanto se tivesse o título de ministro ou de embaixador, que faz um trabalho que possivelmente qualquer um outro e até eu, teria dificuldade de fazer, porque o Marco Aurélio vem de uma relação com a esquerda da América Latina e a esquerda européia, que eu acredito que poucas pessoas tiveram o prazer de dizer isso em todo o tempo em que ele foi secretário de Relações Internacionais do PT. E, para nossa felicidade, muitos companheiros que eram militantes de esquerda na década de 80 estão se transformando em governo.

Então, nós passamos a ter uma relação privilegiada com presidentes e com ministros que eram militantes, junto conosco, do Foro de São Paulo, tentando encontrar uma saída democrática para a esquerda na América Latina.

Essa função de assessor especial é uma função que permite, ao mesmo tempo, a gente ter uma relação de alto nível com o presidente de um país e, ao mesmo tempo, ter uma relação de alto nível e de confiança com a oposição daquele país, com os sindicatos daquele país, com os grupos indígenas, com

o movimento social, porque é uma relação construída ao longo de 15 ou 20 anos. Não é uma coisa que aconteceu porque alguém tem um cargo, é uma coisa que aconteceu porque nós temos uma relação.

Então, eu quero, Celso Amorim, falar isso porque já estamos com 32 meses de governo e eu acho que você e o Marco Aurélio deram uma dimensão extraordinária de que é possível a gente construir não apenas a grande diplomacia brasileira, mas é capaz de fazer mais do que isso, a gente é capaz de ir à Bolívia conversar com os presidentes, conversar com os senadores e depois chamar o Evo Morales e conversar com ele com a mesma respeitabilidade, com o mesmo grau de reconhecimento, e assim vale. Foi isso que permitiu que a gente conseguisse criar o Grupo de Amigos para ajudar a Venezuela, porque ao mesmo tempo que a gente conversava com o Chávez, ao mesmo tempo que a gente conversava com a direita na Venezuela, a gente conversava com os setores de esquerda da Venezuela, para que houvesse essa compreensão.

O mesmo aconteceu com o Equador, o mesmo aconteceu com o Uruguai, é uma coisa que eu acho extraordinária, essa relação entre vocês dois e a possibilidade de ver a América do Sul numa ascensão de consolidação da democracia, tal como estamos vivendo hoje.

A segunda coisa, Celso, que eu acho extremamente importante é – obviamente que os números comerciais não dependem apenas da questão de comércio exterior – eu não acredito em política que a gente não olhe no olho das pessoas, o tocar de mão, o abraço. Eu não acredito que as pessoas comprem o que não vêem, que as pessoas comprem o que não conhecem. E o desafio que eu impus a mim, antes da campanha, durante a campanha e depois de eleito, era de que o Brasil precisava parar de pensar pequeno, o Brasil precisava parar de se achar um país de Terceiro Mundo, coitadinho, que dependia muito da sua relação com os Estados Unidos, que dependia muito da sua relação com a Europa, que dependia muito se podia ou não podia fazer, porque os ricos não gostariam. Nós partimos do pressuposto de que respeito é bom, nós gostamos de dar e gostamos de receber e que para além da nossa relação com os países mais importantes do mundo, tem a nossa relação com o nosso povo, a nossa relação com o tipo de nação que nós queremos construir, e a nossa relação com os objetivos que nós construímos para o futuro deste país. E nós provamos que o Brasil pode ser tão respeitado na sua relação internacional quanto qualquer país do mundo.

Para isso, basta que você se respeite e vocês que vão agora adentrar na diplomacia brasileira, que vão viajar o mundo representando o Brasil. Um conselho de um Presidente da República, de um sindicalista que passou a vida inteira negociando: vocês só serão respeitados se vocês se respeitarem, portanto, nunca abaixem a cabeça numa negociação.

Toda vez que vocês estiverem vacilando, lembrem-se que vocês representam um país de 186 milhões de habitantes, que têm aspirações, que têm desejos e que estão depositando confiança no nossos jovens diplomatas, que estão com entusiasmo, que estão com esperança, que estão com o objetivo de fazer este país ser cada vez maior.

Eu me lembro, porque Celso, o Itamaraty sempre me recebeu. A diplomacia brasileira sempre me recebeu bem no mundo inteiro, quando eu não era Presidente, quando eu era oposição. Você mesmo me recebeu. Nossos embaixadores no mundo inteiro me receberam com muita fidalguia, com muita diplomacia. Eu nunca tive nenhum problema nas nossas relações, onde quer que seja, fosse eu como dirigente sindical ou eu como candidato da oposição. Hoje como Presidente eu sei que sou melhor cuidado, pelo menos igual.

Mas de qualquer forma, nós temos que estar convencidos que mudou a diplomacia brasileira. Ela mudou com os mesmos diplomatas, ela mudou com os mesmos profissionais que nós tínhamos antes. E por que ela mudou? Ela mudou exatamente porque ela tem uma orientação, ela definiu preferências, ela definiu objetivos. Nós não poderíamos ficar de costas para a América do Sul vendo os países com fronteira conosco comprando produtos de outros continentes porque nós não temos estradas, porque não temos pontes, porque não temos aviões, não temos aeroportos, não temos portos.

Ou nós nos convencemos de que temos que participar desse processo de integração, e no dia 9, Celso, estaremos lá no Peru para lançar a pedra fundamental da Rodovia Bioceânica, ou seja, que vai ligar definitivamente... sabe, discurso teórico de mais de um século e meio que motivou Bolívar, que motivou Martín, que motivou tantos heróis da América Latina, nós vamos concretizar no dia 9, com o lançamento da pedra fundamental de uma estrada que, a começar do Acre, vai ligar o Brasil ao Oceano Pacífico.

Nós estamos fazendo, Celso, acho que foi você que me falou, nós estamos tentando conduzir, através de uma política de financiamento do BNDES, aquilo que Bolívar tentou fazer com a espada, que outros tentaram fazer com a luta, nós estamos fazendo com política de financiamento, muitas vezes criticada dentro do Brasil de que nós estamos financiando. Nós não estamos

financiando, nós estamos exportando serviços brasileiros e o Brasil só tem a ganhar com isso, sem que a gente, em algum momento, numa palavra, num gesto, a gente transmita qualquer idéia de que queremos ter hegemonia.

Eu tenho dito a todos os presidentes: nós queremos ter parceria, nós não queremos ter hegemonia, porque ninguém é líder porque pede para ser líder, ninguém é líder porque tem mais dinheiro, ninguém é líder porque fala mais grosso ou mais fino. Os líderes surgem quando os liderados o escolhem como líder e o Brasil quer construir uma parceria forte com a América do Sul sim, porque é um mercado extraordinário, não apenas para o Brasil, mas para o desenvolvimento de cada país da América do Sul, porque não seremos ricos se tivermos nas nossas costas países miseráveis onde persiste a fome, o desemprego e a miséria.

Depois, a política para a África, eu sei que tem muita gente que não gosta, ou pelo menos não gostou: "o Brasil deixar ... o Presidente Lula deixar de ir para os Estados Unidos mais uma vez, deixar de ir para Paris mais uma vez, deixar de ir para Londres mais uma vez, para ir para a África? Quatorze vezes já foi para a África. Já fui 14 e, se Deus quiser, no ano que vem visitarei mais quatro ou cinco países. Não apenas porque nós temos razões de sobra para visitar a África porque temos dívidas históricas com os africanos, devemos parte do que somos aos africanos, mas porque nós sabemos que aquela região do mundo não se desenvolveu porque durante mais de 300 anos nós tiramos de lá a parte mais sadia da população, a parte mais jovem que poderia ter contribuído para o desenvolvimento. Ela veio ser escrava no Brasil, nos Estados Unidos, no Haiti, em Cuba e em tantos outros países.

Portanto, nós temos que visitar a África quantas vezes for necessário. E não apenas pensando em comércio, porque não se faz relação apenas pensando em comércio, se faz relação pensando em política, se faz relação pesando em cultura, se faz relação, sobretudo, não pensando em vender nada, mas pensando em fazer políticas de colaboração e de cooperação com países africanos e com outros países.

Vai ser assim para a América Latina. Eu me lembro que muita gente não gostou da nossa relação com o Oriente Médio, mas onde é que estava escrito que a relação preferencial com o Oriente Médio tinha que ser dos Estados Unidos, tinha que ser da Inglaterra, da França ou da Rússia? Não estava escrito em lugar nenhum, não tem manual na ONU, não está na Bíblia, não está em lugar nenhum, porque só eles é que podem ter relações e nós não temos relações.

Assumimos o desafio de fazer uma Cúpula, aqui. Não pensem, alguns diplomatas sabem, aqui, do Itamaraty, porque sofreram muita pressão para que ela não existisse. E ela, depois de tudo, depois da má vontade de alguns, a Cúpula se realizou, e o sucesso eu acho que não poderia ser melhor.

Estamos pensando maior, estamos pensando em fazer uma Cúpula, a Nigéria já se ofereceu como território, o Obasanjo, está vindo aí, no dia 6, e vamos ver se ele está disposto a bancar uma Cúpula na Nigéria entre América do Sul e países africanos. E vamos fazer, se Deus quiser, sem que isso diminua a nossa relação com os Estados Unidos, porque não precisa ser diplomata, formado no Rio Branco, para saber que a nossa relação com os Estados Unidos tem que ser cuidada com carinho especial pela importância que os Estados Unidos têm no mundo, pela importância do Brasil e pelo potencial dos dois países.

Da mesma forma com a União Européia. Jamais queremos brigar com a União Européia. Nós só queremos dizer para eles: temos o mesmo direito que vocês. Não somos menores, não queremos ser maiores, mas nós queremos que vocês tornem o comércio mundial mais justo, favorecendo os países mais pobres. Fazemos assim com a China. Nós não tivemos nenhum problema de reconhecer a China como economia de mercado. Mas não teremos nenhum problema em colocar salvaguardas para evitar que os produtos chineses possam, de forma descontrolada, causar qualquer problema na economia brasileira.

É com essa altivez, é de cabeça erguida que vocês irão vencer na vida. É de cabeça erguida e com altivez que vocês serão os diplomatas que vocês sonharam ser e conquistarão o respeito que vocês precisam e merecem ter, não apenas de nós, brasileiros, do governo brasileiro, mas também dos povos estrangeiros e dos governos estrangeiros.

Quando vocês estiverem numa Embaixada, como São Tomé e Príncipe, pequena, humilde, e o Brasil tem que ter porque tem muita gente que fala: "não, mas está gastando muito dinheiro com a diplomacia, o governo está querendo montar Embaixada em país africano pequenininho." Puro preconceito, porque quando você visita esses países, a maior Embaixada é dos Estados Unidos, ocupa quarteirões e quarteirões. Sabem por quê? Porque tem noção de Nação, tem noção de respeito e sabe que é importante o fincar de uma bandeira num pequeno território de alguns metros quadrados para estabelecer relação política. E nós ficamos com dó de gastar 5 mil dólares, 6 mil dólares, 10 mil dólares. Nós vamos ter que avançar e avançar muito para

que o Brasil, definitivamente, a partir da mentalidade da nossa imprensa, a partir da mentalidade do nosso povo, a partir da mentalidade dos nossos diplomatas, que a gente faça diplomacia sem preconceito, como muitas vezes nós temos em relação a países da América do Sul; sem preconceito como às vezes temos com relação a países da África. Até porque nós jamais seremos uma grande Nação, se deixarmos prevalecer dentro de nós duas coisas que tornam a alma humana menor, que tornam a consciência medíocre, que são a subordinação e o preconceito.

Tirem essas duas coisas da cabeça de vocês que certamente vocês serão vencedores, mais do que já foram até agora.

Meus parabéns, e muito obrigado a vocês.

Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim

Senhor Presidente, eu não vou fazer uma dissertação sobre política internacional porque creio que na sua presença, que é o nosso guia e mentor nestes temas, seria pouco apropriado de minha parte. Mas não posso deixar de comparar como o primeiro Chanceler que fui, não dessa vez mas ainda quando o Presidente Itamar Franco me confiou o cargo, como primeiro Chanceler que fui formado pelo Instituto Rio Branco, – mais uma ressalva não primeiro da carreira porque outros foram da carreira mas antecederam o Instituto Rio Branco – , não posso deixar de comparar o momento de hoje com o momento que vivíamos cerca de 40 anos atrás, 41 anos atrás para ser mais preciso. Hoje o Brasil vive um clima de plena democracia, o Brasil vive um clima em que as instituições funcionam plenamente, hoje o Brasil vive um clima em que procura se afirmar na realidade internacional sem subordinações, sem dogmas ideológicos de uma natureza ou de outra.

Senhor Presidente,

O desafio que hoje existe para os diplomatas brasileiros é muito diferente daquele que os da minha geração, o Embaixador Samuel entre eles, e o Embaixador Fernando Reis também, tiveram que enfrentar. Nós naquela época tivemos que nos adaptar a um momento sombrio da história brasileira, um momento em que as liberdades eram cerceadas, em que a própria política externa sofria

de maneira bastante evidente o impacto do obscurantismo. E nós tivemos que procurar, digamos assim nos interstícios da ditadura, formas de poder expressar de maneira patriótica aquilo que nós achávamos que era o interesse nacional. Hoje os formandos encontram uma situação totalmente diversa. Encontram um país democratizado, que luta por afirmar-se no cenário internacional, um país que busca transformações sociais de maneira acelerada, e os desafios são portanto muito diferentes.

Naquela época, 80% das exportações do Brasil eram compostas por café. Hoje o Brasil vende aviões, ônibus, serviços sofisticados, continua vendendo café, felizmente, vendendo outros produtos agrícolas também, mas diversificou totalmente a sua pauta. Naquela época, nosso comércio era quase exclusivamente com os países desenvolvidos, com a Europa e com os Estados Unidos e um pouco com o Japão. Hoje, se nós tomarmos os sete primeiros meses do ano de 2005, 52% das nossas exportações se dirigem a países em desenvolvimento. Isso não é pouca coisa, é uma mudança muito grande. Durante anos e anos o Brasil teve uma postura um pouco amesquinhada nas relações internacionais, apesar dos esforços de grandes Embaixadores e de grandes Ministros que teve também, mesmo naqueles momentos. Devido a situação interna nós tínhamos hipotecas muito graves, o nosso telhado era um telhado de vidro, era um telhado de vidro no social, como continua a ser apesar dos esforços que têm sido feitos, sobretudo neste governo, mas era também um telhado de vidro no político, nos direitos humanos e isso tudo diminuía nossa capacidade de ação internacional. Felizmente com a democracia, com os avanços que fizemos em vários campos, na área industrial, na área econômica, e com os esforços que temos feito na área social para corrigir essa mazela enorme que é a má distribuição de renda de que o Brasil padece – um dos piores índices do mundo –, nós podemos falar hoje de igual para igual.

Já disse que não ia entrar nos temas específicos da política externa porque creio que isso é algo que o Presidente vá se referir de maneira muito mais apropriada do que eu. Mas há algo sim que quero dizer, porque isso diz respeito, de certa maneira, a nossa auto-estima. Peço desculpas aos membros da mídia que já me ouviram ontem, não vou repetir tudo o que disse, mas vou repetir uma coisa que disse ontem no Senado Federal a propósito de uma pergunta feita por um outro representante da mídia, um correspondente estrangeiro no Brasil que me fez a seguinte pergunta: "Ministro, porque será que a política externa brasileira que é tão elogiada, em alguns momentos até

objeto de inveja, de comentários positivos no mundo inteiro é as vezes criticada com tanta ferocidade no Brasil? Eu não me atrevi a responder porque eu não tenho os dotes sociológicos, psicológicos ou antropológicos que me permitissem dar essa resposta. Mas a própria pergunta, de certa maneira, já foi um elemento de grande estímulo para mostrar que nós sim estamos caminhando da maneira correta, que a percepção que existe sobre o Brasil hoje é a percepção de um interlocutor válido, de um interlocutor importante, em todos os temas, temas que vão do desarmamento ao comércio, da reforma da ONU à integração continental. Em todas estas ações é difícil imaginar alguma atividade, seja no plano nacional, seja no plano internacional, em que a palavra do Brasil não seja buscada. Talvez mais do que em qualquer outra delas, no combate a fome e a pobreza que Vossa Excelência iniciou de maneira clara.

Queria dizer uma outra coisa. É que freqüentemente se procura imputar motivações de natureza ideológica à política externa. Procura-se dizer que a política externa foi, digamos, tomada de assalto por certos partidos políticos. Quero dizer Presidente, como alguém que está a 40 anos na carreira diplomática, como alguém que passou por aqueles momentos de obscurantismo, eles sim ideológicos porque eram ideológicos e repressores, que a política externa que Vossa Excelência persegue é uma política externa que está de acordo com objetivos permanentes que o Brasil tem perseguido. Vossa Excelência apenas tem perseguido com mais ênfase, com mais determinação, e aduzindo um elemento novo de reforma, que a sua trajetória de vida, que a sua trajetória política nos trouxe e que vem como uma grande contribuição. Digo-lhe isso não como seu Ministro apenas, porque não teria grande mérito em dizê-lo, mas como um diplomata que completa aproximadamente 40 anos de carreira e que viu durante esses 40 anos muitas coisas ocorrerem, mas que raramente viu, não digo que nunca, mas que raramente viu a política externa brasileira tão ativa, tão presente, tão respeitada por esse mundo afora.

Nós todos sabemos os dados de comércio, nós todos sabemos que isso não é retórica, que essas questões são realidade. Então o desafio, meus jovens e queridos colegas que entram para o Itamaraty, agora de maneira plena, é contribuir para essa política externa. Desenvolvê-la, criticá-la inclusive, porque nós sempre temos dito, ao contrário do que ocorreu no passado, que a crítica é bem vinda. Nós achamos que na política externa, na diplomacia, não há liderança por imposição, a liderança

vem da inspiração. É isso que recebo do Presidente Lula e é isso que procuro transmitir, com o apoio do Secretário-Geral e dos outros chefes da casa, para meus colegas. É pela inspiração que nós podemos exercitar alguma liderança, se é que cabe falar de liderança.

Presidente, nós enfrentamos ainda grandes desafios. Muitos deles vêm, naturalmente, Vossa Excelência sabe, da dificuldade de recursos. Sabemos do apoio que Vossa Excelência tem procurado dar ao Itamaraty em momentos difíceis. Nós também sabemos da contribuição que devemos dar a metas que dizem respeito ao país como um todo, que possibilitem, inclusive, um esforço adicional em relação à área social. Mas contamos e seguiremos contando com a sua compreensão, para que possamos fazer aquilo que é indispensável.

Não vou cansá-lo, Presidente, nem cansar os meus colegas com estatísticas, mas nós fizemos uma pequena comparação e se os números não tiverem exatos eles poderão ser corrigidos, mas é mais ou menos o que vou dizer: na sua gestão, em dois anos e meio, o senhor recebeu mais ou menos o dobro do número de presidentes estrangeiros que foram recebidos no mesmo período pelo seu antecessor. O número de viagens de Ministros de outras pastas, ministro da saúde, ministro do comércio, outros ministros ao exterior é infinitamente superior ao número anterior. Tudo isso exige apoio, dedicação de nosso colegas, exige trabalho e exige também recursos materiais. Um número que dizia antes Presidente, que não mencionei antes, creio que Vossa Excelência também não mencionará, tudo isso trás resultados concretos, não são questões abstratas, as pessoas costumam criticar as viagens do Presidente, ou as visitas estrangeiras aqui, mas eu fiz uma estatística, olhando até casualmente os números, que entre os trinta maiores mercados brasileiros – e portanto não se pode dizer que a base inicial é baixa, – os dez que mais cresceram, se compararmos o primeiro semestre desse ano com o primeiro semestre do ano passado, são países em desenvolvimento. E todos eles Presidente, ou o senhor visitou ou recebeu visita do Chefe de Estado ou do Chefe de Governo correspondente. Então quando se fala em aumento do saldo comercial, na diminuição da vulnerabilidade externa, a política externa não é estranha a isso. Ela não é o único fator certamente. Os nossos empresários têm aprendido a vender, outros ministérios têm trabalhado ativamente, mas o contexto que Vossa Excelência tem criado para o relacionamento internacional do Brasil é fundamental para isso.

Obviamente política externa não se faz só com números, ela se faz também com ações de paz, com ações de solidariedade e creio que o Brasil tem muito do que se orgulhar nessas áreas. Recordo-me, logo no início do seu Governo, da postura firme e clara e sem confrontações que Vossa Excelência tomou, que nós tomamos seguindo orientação de Vossa Excelência, em relação à Guerra do Iraque e nós hoje estamos vendo o que está ocorrendo no Iraque. Nós estamos vendo o que está sofrendo o povo iraquiano e o que estão sofrendo inclusive as tropas que lá estão presentes. Se nós tivéssemos buscado, ou persistido um pouco mais, nós digo a humanidade, em uma solução pacífica teríamos talvez algo mais a comemorar.

Senhor Presidente, há, portanto, esse aspecto que é preciso ter presente: política externa se faz principalmente com o cérebro das pessoas, com a dedicação das pessoas. Nós não fazemos escolas, salvo uma ou outra talvez em algum país da África, nós não fazemos estradas, nós não produzimos navios, nós não produzimos aviões. Mas a política externa tem algo a ver com toda essa dimensão que o Brasil tem ganho internacionalmente e tudo isso resulta também em postos de trabalho, em melhores condições para o povo brasileiro, em mais respeito pelas nossas posições, em qualquer assunto, quando temos que defender a família de um brasileiro morto brutalmente em Londres, quando temos que tratar de outros brasileiros que às vezes são humilhados em outros países. Tudo isso, Presidente, exige, portanto, recursos materiais e também recursos humanos. E eu queria mencionar por que isso é uma verdade que tem que ser apreciada e sei que contarei com seu apoio para isso. Nós não poderemos aparelhar essa carreira para enfrentar os desafios, e eu não digo nem os da sua política externa, que introduziu um grande dinamismo, mas até para os desafios de ontem com os recursos que nós temos hoje. Nós temos mais ou menos o mesmo número de diplomatas que tínhamos vinte anos atrás. Vinte anos atrás havia talvez 300, 400 mil brasileiros no exterior, hoje são 4 milhões. O Brasil não se relacionava como se relaciona hoje com países da África, com países árabes, com tantos outros países que Vossa Excelência visitou ou cujos governantes Vossa Excelência recebeu aqui. Por isso nós necessitamos de seu apoio. Em breve Vossa Excelência estará recebendo, espero contar com o apoio rápido do Ministério do Planejamento para termos um projeto de medida provisória sobre este tema, sabemos das dificuldades da medida provisória mas se

trata de algo que diz respeito à estrutura do Executivo apenas, e portanto mereceria este tratamento.

Essa medida provisória, Presidente, apenas para que saibam nossos colegas também, tem dois ou três aspectos: um é o aumento dos quadros. Não podemos viver mais com os mil diplomatas que tínhamos, até porque muitos estão em outros ministérios (ontem na Comissão Mista com Moçambique olhei para a primeira fila do lado brasileiro, teoricamente eram representantes de outros ministérios, e todos eram do Itamaraty, todos sem exceção. Nós damos esta contribuição com muita alegria e acho que é motivo de orgulho porque na realidade o Itamaraty é a única escola de Governo no Brasil. Mas isso tem um custo para nós e precisamos aumentar os quadros.

Precisamos também, Presidente, e eu me permito falar diretamente aos meus colegas, melhorar as oportunidades, a perspectiva de ascensão funcional para os colegas que entram na carreira. Presidente, eu não fui dos mais jovens Embaixadores. Tive percalços políticos na minha carreira, ainda assim, cheguei a Embaixador com 47 anos. Hoje, quando chega um Embaixador com 50, 51 anos é considerado muito moço, porque a média é 56, 57 anos. Isso tem que mudar. Nós temos que dar perspectivas de acesso aos jovens e uma das coisas que nós fizemos na nossa reforma, que será submetida a Vossa Excelência, é facilitar a aceleração do fluxo de diplomatas na carreira e isso é algo muito importante. Faremos outra coisa também, Presidente, que é importante: os Ministros viajam e verificam que há dificuldades até de apoio a eles. Outro dia eu ouvia o Ministro Furlan falando, de forma bem intencionada como não poderia deixar de ser, sobre o apoio reduzido que teve em uma Embaixada africana. Sei disso e ninguém pode ignorar isso. Já passei por isso muitas vezes e Vossa Excelência mesmo passou. Mas é porque não há estímulos suficientes. Nós temos que criar estímulos suficientes, estímulos de carreira, estímulos pecuniários, estímulos em ajuda à educação, que é preciso ter. O brasileiro tem teoricamente pela constituição direito e acesso à educação. O brasileiro diplomata não tem, por que ele vive no exterior. Alguns podem compensar isso se eles estão em um país onde a vida é mais fácil, mas há países onde isso não é possível. Eles não podem ter os filhos em escolas públicas, eles têm que ter em escolas privadas, é certamente o caso de grande parte dos países africanos. Então, precisamos encontrar solução para estas questões e sei que contaremos com Vossa Excelência.

Presidente, também tenho que mencionar que além destes estímulos, e isso é um desafio para mim mesmo e para o Secretário-Geral, nós não conseguimos encontrar uma solução para isso, nós temos que assegurar a renovação. Os quadros da minha geração e das outras têm que compreender quando chegou o momento de ceder o passo aos mais jovens. Digo isso como um diplomata, não tanto como Ministro. Há um momento em que nós temos que entender que nossa experiência terá que ser usada de outra forma, seja dirigindo o Instituto Rio Branco, como está hoje fazendo o brilhante Embaixador Fernando Reis, seja como um Assessor Especial para assuntos delicados e difíceis como o Embaixador Ouro Preto, seja em áreas onde a sabedoria é importante mas a energia da juventude já não seja tão importante. Nós temos que aprender, como em todas as carreiras, que há um momento de ceder o passo. E esse é um dos grandes desafios que nós temos pois a legislação e os mandatos de segurança não nos favorecem, mas nós temos que encontrar um caminho para isso.

Presidente me desculpe, alonguei-me mais do que queria. Queria falar de coração da minha alegria, da minha gratidão. Nunca esquecerei o momento, que talvez tenha sido, eu já havia sido Ministro antes como o senhor sabe, tenho muita honra de ter servido sob a orientação do Presidente Itamar Franco, um homem de grande integridade que contribuiu muito para a transição democrática do Brasil, mas eu nunca esquecerei talvez o momento de maior alegria profissional que tive que foi o momento em que Vossa Excelência me convidou para ser Ministro de um Governo com a promessa de renovação do Brasil, com a promessa de que o Brasil será um país não só democrático o que nós queremos que ele continue a ser, com instituições fortes, mas um país socialmente mais justo, um país que sabe se respeitar e porque sabe se respeitar é também respeitado no resto do mundo.

Obrigado, meus colegas, bem-vindos ao Itamaraty.

Discurso do Paraninfo, Embaixador Everton Vieira Vargas

Senhor Presidente da República,
Senhor Vice-Presidente da República,
Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores,
Senhor Secretário-Geral das Relações Exteriores,
Senhor Diretor do Instituto Rio Branco,
Queridos Colegas que hoje se formam,
Senhoras e Senhores,

Quiseram vocês, na sua generosidade, que coubesse ao seu Professor de Linguagem Diplomática no Instituto Rio Branco a honra de paraninfá-los nesta cerimônia que simboliza seu ingresso no Itamaraty e seu último dia no curso que os preparou para a carreira de diplomata. A alegria de estar ainda mais uma vez com vocês recorda-me o verso de Drummond:

"o último dia do tempo
não é o último dia de tudo".

Neste momento tão especial, confiaram-me vocês a responsabilidade de falar-lhes na presença do Senhor Presidente da República e do Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores. Permito-me, a propósito, uma recordação pessoal: exerço esta distinção ante o Embaixador Celso Amorim,

que foi meu Professor de Linguagem Diplomática no Instituto Rio Branco, em 1976, quando a formação dos diplomatas foi transferida para Brasília. É esta uma coincidência ímpar e sumamente honrosa que decorreu do carinhoso convite que vocês me estenderam.

Senhor Presidente,

A Turma de 2002 do Instituto Rio Branco escolheu como patrono o Professor, Embaixador e ex-Ministro Celso Furtado. Dispenso-me de traçar aqui um perfil biográfico ou de elaborar sobre as virtudes de Celso Furtado. Sua biografia e sua folha de serviços ao Brasil e à América Latina são amplamente conhecidas. Registro, porém, uma coincidência: tal como Celso Furtado, os jovens diplomatas, que concluem o Instituto Rio Branco, começam suas carreiras num período histórico marcado por profundas transformações.

Estes jovens chegam ao Itamaraty movidos pelo compromisso de servir à nação neste vasto e complexo mundo, no qual o Brasil e os brasileiros estão inseridos. A determinação de conhecer o mundo impeliu Celso Furtado, ainda moço, na definição de seus estudos de pós-graduação. O patrono e estes jovens rejeitam, porém, um conhecimento passivo. Estão convencidos de que as idéias que forjaram a representação deste mundo devem ser sempre submetidas ao crivo das novas vanguardas que surgem no bojo das grandes mudanças. Furtado percebeu isso ao buscar o aperfeiçoamento acadêmico na Europa, que saía da pior conflagração da história, cujos horrores testemunhara como integrante da Força Expedicionária Brasileira.

Os grandes acontecimentos da história são momentos de crise. A crise contemporânea desafia a noção de curto prazo. Ela é mais extensa e mais profunda, associada à tensão entre o individual e o coletivo. É desse embate entre o particular e o geral, no plano da conduta do indivíduo e no plano da vontade política das nações, que derivam os grandes temas de nosso tempo, como a paz, a legitimidade, o exercício dos direitos, a prosperidade e a sustentabilidade.

Os novos diplomatas, que hoje celebramos, ingressam no Serviço Exterior Brasileiro num começo de século cujos eventos mais significativos colocam em xeque conceitos, percepções e paradigmas construídos a partir de uma visão parcial da dinâmica do relacionamento entre as nações. A realidade da globalização requer um exame crítico das categorias do passado. Para evitar que a globalização acarrete

maiores iniqüidades deve-se atuar sobre os processos históricos. Vossa Excelência, Senhor Presidente, ao colocar o combate à fome e à pobreza no topo da agenda internacional, evidenciou que a convivência da globalização com a exclusão é incompatível com a justiça e com a noção de ordem internacional.

A alta velocidade das mudanças, o encurtamento das distâncias e os padrões da acumulação econômica provocam deslocamentos dos referenciais estabelecidos. Cumpre rever os parâmetros para a compreensão do passado para dar espaço a estruturas sociais e políticas sintonizadas com os novos referenciais. Orientado pelas categorias da academia, Furtado mostra uma sensibilidade inerente ao trabalho diplomático quando, ao refletir sobre o curso da história, sublinha a importância de "abarcar a realidade complexa com a imaginação e submetê-la, em seguida, a um tratamento analítico".

É nesse quadro de crises e de oportunidades que estes jovens diplomatas são chamados a pensar o Brasil e a colaborar na execução da política externa brasileira.

Como economista e funcionário governamental, Celso Furtado ressaltou a conjugação entre idéias e projetos. Enquanto pensador, considerou as fragilidades institucionais inerentes à deformação econômica e social que marcou a vida brasileira e realçou a força da sociedade civil no processo político. À frente da SUDENE, Furtado combinou uma visão global com a determinação de mudar uma história de atraso crônico; foi sensível às conseqüências das distorções do passado e tenaz na defesa das respostas que julgava eficazes para os desafios contemporâneos. Por meio de suas idéias, obrigou aqueles com responsabilidades de decisão a se assegurarem de que as justificativas para suas escolhas resistiriam à critica da sociedade.

Meus jovens colegas,

Imaginação, criatividade e tenacidade foram qualidades abundantes em Celso Furtado. Qualidades idênticas nos são hoje demandadas pela sociedade brasileira.

O Brasil é desigual. As edificações refrigeradas de vidro e aço contrastam com os barracos erguidos sobre a terra ressequida pelo sol. Umas e outros são metáforas fortes da opulência e da carência. Dessa realidade dura e inaceitável deriva a complexidade das decisões internas e externas.

Efeitos sobre a natureza e conseqüências políticas dos processos de acumulação econômica sancionados por escolhas no passado, das quais não participou a maioria das sociedades, requerem ações imediatas; por outro lado, as medidas de hoje não podem comprometer as opções soberanas das gerações futuras. Os desafios permanecem, mas a agenda é dinâmica. Responder a esses desafios e tratar dessa agenda impõem um olhar endógeno, nítido, preciso e atento às necessidades do presente, sem esquecer a persistência de uma ordem internacional assimétrica contrária aos interesses do Brasil.

Realismo e ousadia devem encontrar um justo equilíbrio na avaliação das possibilidades para orientar as recomendações que vocês terão que elaborar no seu cotidiano para decisão superior. Celso Furtado percebeu, nos anos 50, como funcionário da CEPAL, a sensibilidade das novas gerações do Itamaraty para o imperativo de converter o desenvolvimento em tema prioritário da agenda externa do país. Naquela época, idéias novas, como os estudos econômicos sobre o Brasil e a América Latina, associadas à democracia e ao dinamismo econômico reforçaram a convicção de colegas nossos de que esses elementos eram a combinação essencial para que o Brasil e os países latino-americanos superassem os resquícios do passado colonial e conquistassem uma inserção digna na ordem internacional. A defesa da CEPAL, pelo jovem Secretário Miguel Ozório de Almeida, na Conferência do México, em 1951, levou Celso Furtado a anotar que poucas vezes vira "alguém se empenhar na defesa de uma causa com tal ardor e poder de convencimento". Miguel Ozório encontrava-se ali num momento de solidão do negociador à espera de instruções, situação que vocês em algum momento experimentarão e na qual o bom senso e a aguda percepção dos interesses nacionais serão determinantes para o êxito da sua atuação.

Queridos Formandos,

Há pouco mais de vinte e cinco anos, minha turma ocupou essas mesmas poltronas neste auditório. Aquele foi um instante em tempos sombrios. Hoje, vocês iniciam suas carreiras e alimentam seus sonhos na vigência da democracia.

Cerimônias como esta marcam um encontro periódico com o futuro do Itamaraty. Reafirmam a especificidade de nossa instituição e a excelência da formação do Instituto Rio Branco, escola guardiã do legado do Barão

do Rio Branco e da sua devoção ao interesse nacional. Atuar no Itamaraty proporciona envolvimento com a história e cobra o preço do desprendimento. As idéias, os textos redigidos, a defesa do ponto de vista, o encontro da solução prática jamais serão obra pessoal. Integram uma tradição de esforço coletivo que é a seiva que nutre esta Casa. O sentido de missão e a consciência de cumprí-la em sintonia com os anseios maiores da sociedade brasileira em relação ao serviço público dão-nos a coragem para superar a sensação de desterro provocada pela distância da Pátria e pelas horas de ausência daqueles que compartem nossa vida privada.

Neste ponto, permito-me lembrar a memória de nossa colega Conselheira Lys Amayo de Benedeck D'Avola, minha colega de Posto em Tóquio, tragicamente falecida no terrível tsunami que afetou a Tailândia, no final de 2003.

Ao afirmar a vocação brasileira pela solução pacífica das controvérsias, a igualdade dos Estados, a defesa da soberania e o respeito ao Direito Internacional, Rio Branco deixou um testamento simbolicamente transmitido neste rito de passagem que é a formatura da Academia Diplomática.

O sentido da ação de Rio Branco foi legar-nos a integridade territorial e a certeza de que os atributos da geografia e da história brasileiras requerem a participação do Brasil nos diferentes cenários e instâncias da vida internacional. Esse sentido se expressa numa atuação externa que, como caracterizou o Senhor Ministro de Estado, "é nacional, sem deixar de ser internacionalista."

O significado da obra de Rio Branco encontra ressonância na visão de Celso Furtado, em 1992, sobre a época em que vocês ingressam no Itamaraty: "O desafio que se coloca no umbral do século XXI é nada menos do que mudar o curso da civilização, deslocar o seu eixo da lógica dos meios a serviço da acumulação, num curto horizonte de tempo, para uma lógica dos fins em função do bem-estar social, do exercício da liberdade e da cooperação entre os povos. Devemos nos empenhar para que essa seja a tarefa maior dentre as que preocuparão os homens no correr do próximo século: estabelecer novas prioridades para a ação política em função de uma nova concepção do desenvolvimento, posto ao alcance de todos os povos e capaz de preservar o equilíbrio ecológico."

Para enfrentar esse desafio vocês terão que viver a carreira que abraçaram. E vivê-la totalmente, pois, como escreveu Clarice Lispector:

"Viver é uma dádiva tão grande que milhares de pessoas se beneficiam de cada vida vivida".

Sejam Felizes!
Muito obrigado.

Discurso do Orador, Secretário Marcos Sperandio

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,
Excelentíssimo Senhor José Alencar, Vice-Presidente da República,
Embaixador Celso Amorim, Ministro de Estado das Relações Exteriores,
Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, Secretário Geral das Relações Exteriores,
Embaixador Fernando Guimarães Reis, Diretor do Instituto Rio Branco,
Senhoras e Senhores Chefes da Casa,
Embaixador Everton Vieira Vargas, Paraninfo da Turma Celso Furtado,
Senhoras e Senhores,
Caros colegas,

A cerimônia de formatura de uma nova turma de diplomatas é momento de reflexão, que remonta ao despertar de nossa vocação pública, aos anos de preparação acadêmica e ao período de formação no Instituto Rio Branco. É momento de simbolismo e de compromissos. Trata-se de solene acolhida, pela Casa, daqueles que passam a integrar os quadros da diplomacia brasileira; que aceitam o desafio de contribuir em favor do Brasil no cenário internacional; que se propõem a perscrutar de forma contínua e zelosa os interesses nacionais e a traduzi-los em oportunidades externas; que elegem a busca pelo desenvolvimento do Brasil não só como profissão, mas acima de tudo, como missão.

Optamos por homenagear em nossa formatura o brasileiro que via no desenvolvimento do País seu objetivo de vida. O professor Celso Furtado é exemplo para nós , jovens diplomatas. A profunda compreensão dos desafios regionais e do mosaico socioeconômico brasileiro nos serve de referência na busca do desenvolvimento do País, objetivo permanente de nossa política externa. Para nosso patrono, o desenvolvimento não é resultado de processo natural e espontâneo, condicionado pela dinâmica dos mercados, nem se confunde com crescimento econômico. É projeto social, com peculiaridades regionais, concretizado em ações planejadas do Estado. Desenvolvimento, para Furtado, é projeto com identidade e sentido de futuro.

Nosso tributo a Celso Furtado também se deve ao reconhecimento de uma de suas características marcantes, essencial à atividade diplomática: olhar o outro, observar seu entorno com aguçada sensibilidade para melhor compreender a realidade dos países, principalmente os de nossa circunstância geográfica imediata, a América do Sul. Olhar e compreender não apenas para fazer a melhor política, mas também a melhor economia. Furtado olhava o Atlântico e o Pacífico, o Norte e o Sul, o interior e o exterior de nossa sociedade sul-americana no intuito de construir projeto de desenvolvimento continental. O ideal de nosso patrono germinou. A construção de uma América do Sul politicamente estável, próspera e unida, com base em ideais democráticos e de justiça social foi escolhida como a prioridade de política externa de Vossa Excelência.

A terceira e talvez maior referência de Celso Furtado a nos estimular é a combinação exitosa entre teoria e prática na trajetória de sua vida. Intelectual denso, Furtado uniu o pensamento à ação, que conciliados, fizeram do acadêmico cepalino o idealizador e primeiro superintendente da SUDENE, Ministro de Estado do Planejamento e Embaixador do Brasil junto à Comunidade Econômica Européia, o que tanto enaltece esta Casa.

Senhor Presidente,

Ingressamos no Instituto Rio Branco também com o desafio de aliarmos os estudos de política externa, de história, de Direito, de cultura e de formação econômica do Brasil à prática diplomática. Se praticar diplomacia é aplicar o conhecimento teórico para aproximar, vincular, unir e valorizar afinidades, o instrumento para tanto é a palavra. O poder da diplomacia é, em larga medida, o poder da palavra. Ela é o instrumento privilegiado de contato com a

realidade. Cultivá-la e dominá-la é a própria essência do fazer diplomático. E tivemos o privilégio de sermos iniciados nessa missão por nosso amigo professor de linguagem diplomática, Embaixador Everton Vieira Vargas.

A vocação para o serviço público exige dedicação, esforço e parcela de renúncia pessoal e familiar. Agradecemos a nossos familiares e amigos pela compreensão e apoio. Agradecemos também aos funcionários e ao corpo docente do Instituto Rio Branco. Aos colegas estrangeiros, uma palavra especial, por nos oferecer a primeira e mais direta oportunidade de aprendermos a olhar o outro.

A formatura de nossa turma coincide com os 60 anos da fundação do Instituto Rio Branco. A Academia que nos acolheu dentro dos padrões de excelência de sucessivas gerações de diplomatas tem procurado aperfeiçoar seu currículo diante das novas realidades para que seus quadros conservem a marca distintiva do Itamaraty: renovar-se sem perder a continuidade. Nossa turma experimentou significativa alteração no currículo ao longo de nosso curso no Instituto. Fomos os primeiros a cursar o Mestrado em Diplomacia. Superamos os desafios dessa mudança com espírito de contribuição para o contínuo aperfeiçoamento de nossa reconhecida Academia Diplomática.

Senhor Presidente,

Temos esperança. Temos esperanças, expectativas e desafios.

Contribuiremos para que o Brasil continue atuando na construção de uma ordem mundial pacífica e solidária, com voz ativa nos diversos foros internacionais e regionais.

Esperamos ser dignos desta Casa, que pauta sua atuação pela tradição de coerência e de respeito a princípios consagrados na defesa dos interesses nacionais.

Buscaremos manter acesa a chama das idéias de nosso patrono, quando afirma que se trata de "preservar a herança histórica da unidade nacional e construir uma sociedade democrática aberta às relações externas".

Teremos cumprido nossa missão ao transformarmos essas idéias em ação diplomática.

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia
Alunos da Turma Celso Furtado
2002-2004

Adriana Sader Tescari
Ana Luiza Membrive Martins
Aurélio Romanini de Abranches Viotti
Bernardo Henrique Penha Brasil
Cláudia Angélica Vasques Silva
Eduardo Cançado Oliveira
Evandro de Barros Araújo
Fabio Rocha Frederico
Frank Almeida de Sousa
Gabriela Maria de Medeiros Resendes
Giorgio Erick Sinedino de Araújo
Gustavo Henrique Marques Bezerra
Igor Sant´Anna Resende
José Antonio Cury Gonçalves Braga
Kassius Diniz da Silva Pontes
Leonardo de Almeida Carneiro Enge
Luiz Augusto Ferreira Marfil
Márcio Blois Gasparri
Marcos Henrique Sperandio
Mari Carmen Rial Gerpe
Nathanael de Souza e Silva

Patrícia Barbosa Lima Côrtes
Paulo José Chiarelli Vicente de Azevedo
Renato Pinheiro do Amaral Gurgel
Simone Meira Dias
Thais Valério de Mesquita
Wilson Dockhorn Júnior

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia
Bolsistas estrangeiros da Turma Celso Furtado
2002-2004

Atilio Berardi	Argentina
Clément Thierry Baratier	França
Maria João V. de S. Neves Aimé	Guiné-Bissau
Marie Guerlyne Janvier	Haiti
Robert Hangdon Vernon Luke	Reino Unido
Vernon Anthony Robinson	Guiana

2003-2004

TURMA WLADIMIR MURTINHO

PALÁCIO ITAMARATY,

20 DE ABRIL 2006

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva

Meu caro Embaixador Celso Amorim, Ministro de Estado das Relações Exteriores,

Senhores Embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,

Senhores Ministros de Estado,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, Secretário-Geral das Relações Exteriores,

Embaixador Fernando Reis, Diretor do Instituto Rio Branco,

Embaixador Everton Vieira Vargas, Paraninfo da Turma Wladimir Murtinho,

Professor Antonio Cançado Trindade, Paraninfo da Turma Afonso Arinos,

Meus caros Oradores, Secretário Lauro Beltrão, Secretária Patrícia Wagner Chiarello,

Senhores Diplomatas,

Formandos,

Familiares,

Minha esposa,

Esposa do Celso, do Samuel,

Vocês estão percebendo o volume do discurso aqui. Se eu estivesse numa solenidade no Itamaraty, certamente a diplomacia me obrigaria a tomar a decisão de não ler isto aqui. Eu vou deixar para os anais do Itamaraty, mas eu sinto a necessidade de dizer umas palavras para vocês. Eu penso que não

seria correto ler tudo isso, quando os familiares de vocês estão ali atrás, esperando o almoço que vocês prometeram.

Primeiro, meus parabéns. Ao escolherem a carreira de diplomata, vocês escolheram uma carreira para defender o nosso país num mundo cada vez mais disputado, onde cada milímetro das coisas discutidas no Planeta, hoje, exige perseverança, exige competência e, sobretudo, exige que nós acreditemos em nós mesmos antes de partirmos para os embates.

Quero agradecer aos familiares de vocês. Vocês devem saber do orgulho da mãe, do pai, quando vocês anunciaram que iam prestar concurso e se transformar em diplomatas brasileiros.

Nesses quatro anos, eu aprendi a conhecer um pouco a diplomacia brasileira. Não foram poucas as mesas de negociações, não foram poucos os momentos em que a gente pensava: não vai dar certo, o jogo acabou. E depois a gente descobria que o jogo não tinha acabado, era apenas um intervalo que não estava previsto pelo juiz.

E hoje nós estamos aqui, pelo menos na última data dos diplomatas brasileiros, no meu mandato presidencial. Eu queria dizer para vocês algumas coisas sobre o que foi feito nesses quatro anos.

A primeira decisão que eu tomei, quando ganhei as eleições, foi tentar fortalecer o Itamaraty, colocando como Ministro das Relações Exteriores alguém do quadro de carreira do Itamaraty. Tomei a decisão de ouvir três embaixadores, cada um por mais de uma hora, às vezes até uma hora e meia, muitas vezes o Marco Aurélio presente comigo. Tomei a decisão de escolher o companheiro Celso Amorim para ser Ministro das Relações Exteriores. Possivelmente fosse o que eu conhecesse menos, mas foi o que bateu uma química melhor. Eu falei: para fazer o que nós temos que fazer, acho que o Celso é o homem certo, porque para fazer política internacional com uma certa independência é preciso ousadia, é preciso coragem para não ceder diante do primeiro editorial, da primeira matéria de jornal ou da primeira crítica. Era preciso acreditar que o que nós íamos fazer poderia melhorar o patamar de participação do Brasil na chamada política internacional.

Eu me lembro de quando nós fomos, no dia 10 de dezembro de 2002 – já eleito presidente e não empossado – conversar com o Presidente Bush. Nós chegamos à Casa Branca e encontramos um homem que, a cada duas palavras que ele falava, uma e três quartos era sobre a questão do Iraque, a questão do terrorismo, era quase uma obsessão, e nós sabíamos o que significava o 11 de Setembro na cabeça do povo americano e o que aquilo

implicava na decisão do governo. Depois que o Presidente Bush falou, tentando enfaticamente nos convencer da importância da guerra, eu disse: "Presidente, olhe, eu queria dizer a Vossa Excelência que a minha guerra no Brasil é outra, eu estou muito distante do Iraque e a minha guerra é contra a miséria e a pobreza no Brasil. Então, nós vamos privilegiar essa guerra nossa, tentando criar as condições para o mundo acreditar que é possível acabar com a fome". E eu senti uma certa frustração, porque havia uma necessidade de se estabelecer a luta contra o Iraque.

E dali surgiu a segunda coisa na minha cabeça: a necessidade de fazer a mudança nas Nações Unidas, de criar um fórum internacional com a respeitabilidade das Nações Unidas, com mais poder de decidir coisas que os países precisam acatar, porque senão nós ficaremos órfãos e tudo será muito pior na política internacional. Não havia consenso para aquela guerra, não tinha uma decisão das Nações Unidas e, assim, ela aconteceu porque provou que o multilateralismo estava moribundo, não estava saudavelmente representado.

Começamos a discutir com outros países, e nem sei se vamos conseguir, mas o dado concreto é que não é pouca força a junção Brasil, Alemanha, Índia, Estados Unidos, mais África do Sul, mais Argélia, mais Nigéria. Não são poucos os compromissos assumidos pelos países de tentar forçar a abertura das Nações Unidas.

Um outro momento importante que me ensinou muito na diplomacia, Celso, foi a primeira reunião que eu tive com a FAO. O Celso falou de dever, aqui, vocês não levaram muito em conta, mas eu recebi o diretor geral da FAO, ele falou "bom dia" e começou cobrando o dinheiro que o Brasil devia para a FAO. Quer dizer, eu fui me dar conta de que há muito tempo o Brasil não pagava nenhum dos fóruns de que ele participava, sobretudo as Nações Unidas. Em 23 de setembro de 2003, quando eu fui falar grosso na ONU – vocês sabem que o Presidente Bush fala depois de mim, o Brasil fala depois do Secretário-Geral – eu estava falando grosso com medo de o Secretário-Geral pegar o microfone e falar: "oh, baixinho, paga primeiro, para você falar grosso, para ficar propondo mudança, para ficar propondo novos países, para mudar o Conselho de Segurança, paga primeiro o que você deve".

Então, nós vamos terminar o mandato sem dever absolutamente nada. Vocês, que estão iniciando a carreira profissional, vão poder transitar nos corredores de qualquer instituição multilateral de cabeça erguida, sem nariz empinado, mas muito orgulhosos e orgulhosas, de dizer: somos diplomatas

brasileiros, cumprimos as nossas obrigações, gostamos de respeitar os outros, mas também exigimos que nos respeitem.

Outra coisa extremamente importante foram as críticas que recebemos quando resolvemos fortalecer a nossa relação com a América do Sul, depois com a América Latina, depois com a África, depois com o Oriente Médio, porque havia um certo vício de se pensar o mundo apenas olhando a potência americana ou a potência da União Européia, se esquecendo que o mundo é muito mais que isso. Ou seja, você tem a potência econômica, você tem a potência tecnológica, você tem a potência militar, mas você tem a potência política, o valor de cada nação, o valor cultural que precisa ser colocado na mesa toda vez que estamos discutindo qualquer assunto com qualquer país do mundo.

E aí eu me dei conta da pobreza do Itamaraty, eu me dei conta de que este prédio maravilhoso, bonito... eu entrei pela primeira vez aqui em 1975, quando eu fui eleito Presidente do Sindicato do Metalúrgicos e vim num congresso de Previdência Social, e abriram para uma visitação. Eu nem sabia como entrar, de tão bonito que era isso aqui. Pois bem, mas havia um contraste entre a pujança do nosso Itamaraty, motivo de orgulho e elogios de todos os visitantes que vêm aqui, e a pobreza das nossas embaixadas em muitos países do mundo, sobretudo nos países mais pobres. A gente nunca tinha a quantidade de funcionários necessários, a gente nunca recebia a quantidade de informações necessárias, nunca tinha dinheiro, às vezes não tinha o dinheiro para pagar a mensalidade da escola, às vezes não tinha dinheiro para pagar aluguel.

Ninguém consegue fazer as coisas corretas se não tiver, pelo menos, a tranqüilidade de exercer a sua função, ninguém consegue, por mais herói que seja. E era preciso criar as condições para o Itamaraty voltar a ser o grande Itamaraty. O Itamaraty não poderia mais ser tratado como o Ministério em que o Presidente da República eleito quer agradar um companheiro e convida um companheiro para ser Ministro das Relações Exteriores, tentando chegar aqui e impor a um dos melhores conjuntos de pessoas do Estado brasileiro orientações que, às vezes, nem se coadunam com aquilo que é a formação e o acúmulo da história deste Ministério e do nosso Itamaraty.

Nós precisamos aprender a valorizar as coisas que nós criamos. Eu acho que poucos lugares do mundo... e olha que eu conheço muitos diplomatas hoje. Eu, que não sou diplomata, já conheço mais do que vocês, muitos diplomatas. E posso dizer para vocês, sem medo de errar: tem poucos países

do mundo que têm uma diplomacia igual à nossa, com a competência da nossa.

Quando nós entramos aqui, vocês estão lembrados, vocês eram todos quatro anos mais jovens, havia uma guerra de que o mundo ia acabar se não fosse implantada a ALCA. Nós perpassamos vários anos, antes de ganhar as eleições, quem ia contra a ALCA era anti-americano, quem não era favorável à ALCA era comunista, e vai daí para fora. O que nós fizemos? Não precisamos comprar nenhuma briga com os Estados Unidos. Nós apenas tivemos a ousadia de apresentar propostas diferentes para este país. E, hoje, nem os Estados Unidos falam mais em ALCA. E nem alguns setores conservadores da imprensa brasileira publicam mais editoriais defendendo a ALCA, como publicavam naquele tempo. "Ou faz como os Estados Unidos, ou acabou o mundo". Não é verdade. Nós jamais deixaremos de reconhecer o papel que tem a relação dos Estados Unidos com o Brasil, do ponto de vista político, do ponto de vista militar, do ponto de vista tecnológico e científico, e do ponto de vista comercial. Mas nós sabemos que o mundo tem muitas outras oportunidades e nós não podemos ficar chorando o leite derramado. Perdemos uma coisa aqui, vamos buscar outra em outro lugar. E quanto mais plural for a nossa relação, mais independentes nós seremos.

Vocês estão acompanhando pela imprensa essa história da TV digital. Há três meses, parecia que estava resolvido. "Ah, já está resolvido, vai estar tudo isso aqui, vai ser assim que vai acontecer". E nós descobrimos que através da TV digital nós poderemos abrir uma discussão mais importante no mundo, com os Estados Unidos, com a Europa e com o Japão. Era a hora de o Brasil dizer o que ele queria para fazer parceria, para fazer negócios, para discutir modelos, era a hora de a gente dizer quem está disposto a jogar mais sério com o Brasil. Nós não queremos apenas ser compradores de produtos fabricados lá fora. Nós queremos ter, neste país, a capacidade de termos um parque de semicondutores para que a gente possa, através da microeletrônica, se transformar numa nação tão importante quanto eles já são. E nós só iremos fazer isso se tivermos sabedoria de aproveitar o momento político para negociar, e estamos conversando. O Brasil está sendo procurado; todo dia alguém quer que o Brasil visite um país, uma fábrica, e com muita humildade, com muita tranqüilidade, sem bravata, nós vamos ter que medir cada passo para que o que a gente faça traga resultado benéfico para o Brasil daqui a cinco anos, dez anos, 15 anos ou 20 anos. Isso você só faz quando tem força

política, e a força política você só constrói se tiver autoridade moral, se você se respeitar e, sem desrespeitar os outros, respeitar a si mesmo em primeiro lugar.

Eu acho que o momento que estamos vivendo, de política externa, é glorioso. Alguns saudosistas não gostam. Ah, porque tem gente que acha que nós precisamos pedir licença aos outros todo dia, nós não podemos fazer nada sozinhos, porque a nossa balança comercial está crescendo, porque a economia mundial está crescendo. Todo o resultado da nossa balança comercial, pega o mapa das nossas viagens e veja que a balança comercial brasileira cresce muito acima da média da balança comercial mundial, cresce junto aos países pobres, cresce para os Estados Unidos, e cresce com a União Européia, mas ela cresce para o Oriente Médio. Como nós fomos ao Oriente Médio e fizemos uma Feira que custou 500 mil dólares, não faltaram críticas, neste país, de que estávamos gastando 500 mil dólares para fazer uma Feira. Ninguém perguntou quanto nós ganhamos depois daquela feira, porque não interessam os bons acontecimentos.

A dificuldade de fazer relação com a Argentina, a descrença na América do Sul, algumas pessoas diziam: "ah, é tudo pobre, pobre com pobre só dá miséria, pobre com pobre não dá nada". E as pessoas se esquecem de que cada país tem um potencial, cada país tem alguma coisa para vender ou para comprar, por melhor que seja um país. E um país que quer ter liderança tem que exercer esse papel, sem hegemonia, mas esse papel de construir parcerias.

Daí porque era necessário melhorar as pessoas, a situação do Itamaraty. Era preciso contratar mais gente, era preciso abrir mais embaixadas, era preciso colocar mais funcionários. "Ah, isso custa caro!" Custa, é verdade que custa. Mas no Brasil, de vez em quando, nós temos que perguntar não o quanto custa fazer, mas o quanto custa não fazer as coisas neste país; quanto custou a este país não fazer a reforma agrária na década de 50; quanto custou a este país não acabar com o analfabetismo na década de 50. Tem gente que fala: "nossa, mas esse pessoal vai investir na embaixada, isso é gastar dinheiro; vai mandar um diplomata para tal lugar, vai gastar dinheiro". É sempre assim que funcionam as coisas no Brasil. Nós estamos sempre nivelando por baixo, estamos sempre apostando na desgraça, estamos sempre apostando na miséria. É como se você preparasse toda a família para sair no domingo, ir para um lugar bonito, passar um domingo numa cachoeira, e chegasse um vizinho: "o carro vai quebrar". No Brasil é assim, o cara não te dá o direito de ser feliz.

Então, eu quero dizer para vocês, que estão entrando hoje, eu estou gratificado com a política externa do nosso país. Nós nunca desrespeitamos nenhum Chefe de Estado. Às vezes, eu fico cansado e brigo muito com o Celso, com o Marco Aurélio e com o Samuel, porque todo Ministro que vem aqui, eles querem que eu tome um cafezinho. Às vezes, eu falo: eu vou virar diplomata, eu vou ficar só atendendo as pessoas. Aí eles não me querem, querem o Presidente, mas eu estou orgulhoso. Eu estou orgulhoso porque eu sinto na cara das pessoas, eu sinto na conversa com as pessoas o quanto o Brasil consolidou de respeitabilidade lá fora. E eles sabem que nós vamos lá para dizer o que é preciso dizer.

Eu não ia fazer mais nenhuma viagem internacional até o final do ano. Não ia, eu ia ficar por aqui, porque tem coisa que vai acontecer por aqui, eu queria ficar por aqui. Mas, de qualquer forma, eu não vou resistir a duas viagens que eu tenho que fazer. Uma delas é a Viena, porque eu estou convencido de que esgotou o limite técnico para fazer a grande Rodada de Doha. Acabou, não tem mais debate técnico, agora tem que ser decisão política, e decisão política tem que ser tomada pelos presidentes dos países e pelos primeiros-ministros. Tenho provocado desde dezembro – tenho telefonado para o Presidente Bush, para o Tony Blair, para a Alemanha, para a França – tenho os provocado. Não vamos nos esconder atrás dos nossos ministros de Relações Exteriores. Não vamos nos esconder atrás dos negociadores da União Européia. Vamos colocar a nossa cara, para saber quem é que quer fazer um mundo mais justo, sem terrorismo, o que não acontecerá se não diminuirmos a miséria que está estabelecida na maioria da Humanidade.

E vou a Viena para cobrar isso. E já fui convidado para o G-8, em julho. Também vou lá para o G-8 para cobrar isso. Eles têm que saber que a decisão agora é política, não é mais técnica. A França não abre mão do subsídio, não é por uma questão econômica, que não representa muito para a França, é por uma questão eminentemente política. E política eleitoral interna, ainda. Então, eu vou fazer mais essas duas viagens para que a gente possa ver se consegue mudar.

Quero dizer para vocês que esse orgulho será muito maior se, depois que formos embora, tiver valido a pena fazer o que fizemos, porque eu fui muito a embaixadas antes de ser Presidente. Como eu perdi muitas eleições e eu viajava muito o mundo... O Marco Aurélio era o viajante comigo, e o Itamaraty sempre nos tratou muito bem, viu, Celso? Sempre. Não tenho

queixa de nenhum... de ninguém. A gente via a desmotivação das embaixadas. Uma vez, eu fui perguntar a um Embaixador porque o Brasil tinha aceitado a queda do Bustani. Ele representava o órgão lá, que o Brasil não dava dinheiro, não sei. Bom, mas ele tinha sido eleito. Eu fui perguntar para um colega dele porque o Brasil não tinha reagido. Ele falou assim para mim: "os Estados Unidos queriam, Presidente". Ora, os Estados Unidos queriam, mas nós não queríamos. Ora, se um Presidente da República ou Ministro das Relações Exteriores cede para um país tirar um cidadão nosso, eleito democraticamente pelo fórum, porque isso interessa àquele país... E o Bustani estava certo: não tinha arma química no Iraque. Ele estava certo.

Eu quero dizer para vocês apenas o seguinte, o único conselho que eu posso dar a vocês, e eu vou dar: ninguém na face da Terra, nem a mãe de vocês, nem o pai de vocês respeitarão vocês se vocês não se respeitarem. Toda vez que vocês estiverem em uma mesa de negociação, lembrem-se de que o interlocutor do outro lado só irá respeitá-los se ele perceber que vocês estão de cabeça erguida, que vocês não estão dispostos a ceder por ameaça, por grito ou por truculência. Se eles perceberem que vocês estão de cabeça erguida, se eles perceberem que vocês estão cheios de razão, que conhecem o que estão discutindo, que estão defendendo a Nação de vocês e que preferem não fazer acordo a ceder, como já cederam muitas vezes neste país, podem ficar certos de que o futuro de vocês será tão brilhante quanto o futuro dos diplomatas que vocês aqui homenagearam.

Muito obrigado.

Boa sorte a todos vocês.

Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, Dona Marisa,

Ana, minha mulher,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães,

Embaixador Fernando Reis, Diretor do Instituto Rio Branco,

Embaixador Everton Vargas, Paraninfo da "Turma Wladimir Murtinho",

Senhor Antônio Augusto Cançado Trindade, Paraninfo da "Turma Afonso Arinos de Melo Franco",

Secretário Lauro Beltrão, Orador da "Turma Wladimir Murtinho",

Secretária Patrícia Chiarello, Oradora da "Turma Afonso Arinos de Melo Franco",

Caro amigo Marco Aurélio Garcia,

Demais Embaixadores, companheiros,

Formandos e formandas,

Familiares,

Membros da imprensa,

Presidente Lula, hoje é um dia muito especial para todos nós. É um dia consagrado ao Barão do Rio Branco e, portanto, Dia do Diplomata. É, também, um dia que tem duas significações especiais: primeiro, é a sua vinda ao Itamaraty, sua presença no Itamaraty, não por estar recebendo alguma

autoridade estrangeira, mas sim para prestigiar a Casa de Rio Branco; e a segunda significação deste dia é a de ser o dia da formatura, do recebimento formal dos nossos novos colegas, alguns dos quais já estão provavelmente trabalhando, senão todos eles – porque hoje em dia, quando eles entram para o Rio Branco, já se tornam diplomatas. É o dia de recebê-los, formalmente, como membros da nossa instituição.

Presidente, eu não quero me alongar, primeiro porque hoje o dia é para escutar o Senhor e escutar os oradores que falarão em nome dos formandos e os paraninfos. É um dia deles e é um dia seu dentro desta casa. Mas não posso me furtar a umas duas ou três palavras, que espero não sejam muito mais do que isso mesmo, para fazer duas mensagens, basicamente. A primeira, de agradecimento a Vossa Excelência. Esse agradecimento se desdobra em dois aspectos: o aspecto político e o aspecto do seu apoio a nossa instituição. Os dois estão, naturalmente, combinados. O aspecto político é o do agradecimento pessoal, mas creio que o faço também em nome de todo os colegas, como o Embaixador Samuel, o Embaixador Fernando Reis, Diretor do Rio Branco, e demais colegas, jovens, que entram agora, que é o orgulho de podermos participar de uma política externa verdadeiramente criadora.

A política externa, Presidente, se o Senhor me permite, vai muito além das ações específicas, dos acordos firmados, de atitudes de cooperação – todas elas importantes. Acho que a política externa, mais do que qualquer outra política, eu me atreveria a dizer - não é que ela seja mais importante do que as outras políticas Rui Barbosa e, mais recentemente, Afonso Arinos de Melo Franco, patrono de uma das turmas, San Tiago Dantas e outros que poderíamos citar. Creio que todos eles revelaram essa dupla qualidade.

Quando se vai apenas para um lado, só a coragem, sem a prudência, ela pode nos levar a atitudes impensadas, a não obter os objetivos que perseguimos, digamos, a uma atitude de bravata, que tem poucas conseqüências práticas. Mas quando também esquecemos a coragem e buscamos apenas uma prudência excessiva, que procura medir cada passo em relação ao que os outros podem pensar, ou como agradar a parcelas da opinião pública ou da opinião pública estrangeira, aí a prudência se confunde com medo, com covardia, com atitudes que não devem ser as atitudes dos diplomatas brasileiros.

Por isso, Presidente, o meu primeiro agradecimento é - se me permite chamá-lo de Senhor, e não de Vossa Excelência, por estarmos em uma certa intimidade - porque o Senhor nos deu o rumo para trabalharmos, nos inspirou

permanentemente, nos deu o impulso e a orientação certa para que todos nós agíssemos dessa forma. Creio que isso é motivo de muito orgulho. Quero lhe contar um pequeno episódio, Presidente, e não quero fazer disto aqui um anedotário, pois seria muito longo. Já fui Ministro antes – portanto não estou me comparando a ninguém – e lembro-me de que raramente era reconhecido; quando o era, era por um presidente de federação, da FIESP ou da Federação do Comércio. Hoje em dia, minha mulher o sabe, freqüentemente – e isto deve acontecer com outros, como o Marco Aurélio - sou parado na rua. Alguns vêm me dizer que têm um prato de comida cheio, e isso também é importante porque faz parte não só do combate a fome, mas da auto-estima. Mas outro dia foi um rapaz, negro, que devia ter uns dezoito anos, que me disse que, por causa da sua política externa, Presidente, ele, que queria ser arquiteto, estava pensando em ser diplomata. Acho que isso são as coisas que comovem, são as coisas que fazem parte verdadeiramente de uma política que é voltada para o País, para o povo brasileiro.

O povo brasileiro se compõe, naturalmente, de empresários, de banqueiros, mas se compõe também de operários, de pessoas que lutam para ganhar a sua vida, de pessoas maduras, de jovens também que têm sonhos. A sua política externa nos permite pensar em um Brasil melhor. Digo sempre que a política externa não pode ser baseada no Brasil de hoje; ela tem de ser baseada no Brasil de amanhã e é isso que nós temos procurado fazer.

Presidente, o Senhor me permita também agradecer o apoio que tem dado a esta casa, o apoio material. Com todas as dificuldades que sabemos que o Governo enfrenta, não nos tem faltado o essencial. Essa é a verdade; houve tempo em que se passava vergonha nas Embaixadas brasileiras que tinham que funcionar meio-expediente porque não tinham dinheiro para pagar a conta de luz se funcionassem o dia inteiro. Esses dias, felizmente, estão passados; espero que jamais voltem a ocorrer, porque eram um fator de vergonha para aqueles que prestavam serviço ao País. Também não nos têm faltado recursos para as necessidades básicas do nosso funcionamento e para o pagamento dos organismos internacionais. Podemos andar com orgulho, sem perder a humildade, pelos corredores das Nações Unidas, pelos corredores de outras organizações internacionais, sem termos que ouvir, de maneira direta ou indireta, alusões ao fato: "Mas como vocês querem ser Membros Permanentes? Mas como querem ser eleitos para tantos órgãos? Por que vocês não começam pagando a conta que devem?" Hoje não há mais isso. O Brasil, pela primeira

vez em muitos anos, mais de uma década, quinze anos, está em dia com as Nações Unidas, e isto é formidável.

Não entrarei nos aspectos da política externa, Presidente, tenho certeza que o Senhor abordará muito melhor do que eu. Mas gostaria, com a sua permissão, de fazer uma referência aos meus jovens colegas que entram para esta carreira num momento tão importante da vida nacional, da vida internacional e da vida sul-americana, essa América do Sul querida nossa, que às vezes é conturbada e difícil e, quanto mais cresce o nosso relacionamento com os nossos vizinhos, mais difíceis são os problemas. São os problemas da nossa intimidade, da nossa casa, sem trocadilho com a instituição que nós criamos. Mas o fato de termos esses problemas – o Presidente sabe disso melhor do que ninguém e por isso não estou procurando ser professoral, talvez apenas um pouquinho, com os meus colegas –, a existência desses problemas, que são difíceis, justamente porque os problemas de família são os mais difíceis, pois temos uma ponte com um, hidrelétrica com outro, comércio intenso com um terceiro, ou um gasoduto com um quarto, um potencial gasoduto com um quinto, é por termos esses problemas que poderemos, no mundo do século XXI, que vai ser dominado por países que são blocos, ou blocos que são países, que nós poderemos ter uma integração soberana, competitiva, altiva e ao mesmo tempo criativa. É muito importante ter presentes esses fatos. O apoio material que Vossa Excelência nos deu foi muito importante.

Quero fazer rapidamente uma referência aos dois patronos escolhidos, já que os oradores eu não conheço pessoalmente. Espero que alguns familiares estejam aqui. Vejo a filha do Embaixador Murtinho entre nós, não sei se o Embaixador Arinos, filho do nosso saudoso Afonso Arinos, também está. São dois símbolos da nossa diplomacia, dois símbolos diferentes, mas expoentes, cada um a seu modo. O Embaixador Murtinho, diplomata por excelência, homem de convívio, homem de cultura, homem que soube dar a esse Distrito Federal, numa época em que não ocorria, uma riqueza de cultura que ainda não existia, soube ter uma energia adolescente para o que a nossa querida e saudosa Tuni também sempre ajudou tanto. Parabéns a vocês que escolheram o Embaixador Murtinho como patrono, sem o qual não teríamos este Palácio. Houve um momento, Presidente, em que ele teve que escolher – sem o saber, o Senhor está seguindo o exemplo dele e o fez com o Palácio da Alvorada. Quando este Palácio estava sendo construído, ele era o responsável pela construção e teve que optar pela decoração ou pelas

comunicações. Ele pensou e fez a opção: para as comunicações, alguém vai encontrar dinheiro; se eu não cuidar bem da decoração, ninguém vai cuidar depois. E hoje nós temos um Palácio que é um orgulho, como atesta cada visitante estrangeiro, sem nenhum luxo exagerado, mas com aquilo que é adequado ter. Parabéns aos meus colegas jovens que escolheram o Embaixador Murtinho como patrono da turma.

Quero mencionar, também, Afonso Arinos de Melo Franco, jurista, constitucionalista, democrata, homem que soube reciclar a si próprio e reciclar o Brasil às mudanças do tempo. Podemos dizer de Afonso Arinos aquilo que McMillan, então Primeiro-Ministro britânico, disse em determinado momento: "perceber os ventos de mudança". Ele foi uma das pessoas que, juntamente com San Tiago Dantas e outros, construíram a política externa independente, a política externa de um Brasil que se via industrializado, que se via produtor de uma cultura importante, uma cultura com a Bossa Nova, com o Cinema Novo, com a democracia de Juscelino Kubitschek. Tudo isso, de certa maneira, refletiu-se nessa política externa independente, desassombrada, Presidente, como a que o Senhor tem conduzido durante este Governo. Cada uma adaptada ao seu momento histórico, aquela era a época da Guerra Fria; hoje, felizmente, não temos a Guerra Fria, estamos tratando de construir a multipolaridade. Essa é uma palavra que eu não poderia deixar de dar, a escolha desses dois nomes para patronos das duas turmas já é, em si mesma, emblemática da visão que esses novos diplomatas têm.

Presidente, eu poderia me estender muito sobre o apoio, o aumento de quadros, apoios outros que temos recebido do Senhor em todos os momentos, mas creio, como disse, que o dia hoje é seu, o dia é dos formandos, dos familiares dos formandos e quero apenas dizer, mais uma vez, do meu grande orgulho, de ter servido e, espero, de continuar a servir ao seu Governo e à política externa brasileira.

Muito obrigado.

Discurso do Paraninfo, Embaixador Everton Vieira Vargas

Senhor Presidente,
Senhor Ministro de Estado,

A mudança é um dos atributos definidores da juventude. O jovem rompe facilmente com os paradigmas estabelecidos e com as escolhas daqueles que os precederam. O inesperado é parte do seu ser. Meus jovens colegas da Turma Embaixador Wladimir Murtinho certamente surpreenderam ao me conferir, como o fizeram seus colegas em 2005, o privilégio de paraninfá-los. O que pode parecer a negação do anseio natural da mudança, aqui caracterizada na escolha deste personagem, é de longe mitigado com a afirmação da crença desses novos diplomatas nas virtudes da mudança personalizadas no Patrono desta Turma.

O Embaixador Wladimir Murtinho é uma figura histórica amplamente associada à idéia de mudança no Itamaraty e à promoção da cultura no Brasil. Murtinho não se limitou a liderar o esforço hercúleo que foi a construção deste palácio nos anos 60. Sua compreensão da cultura como parte do processo civilizatório e como elemento definidor da identidade nacional traduziu-se num refinamento do seu espírito. Manifestação eloqüente desse requinte foi sua participação na decoração do Palácio do Itamaraty realçando o contraste entre o arrojo da arquitetura contemporânea e o mobiliário antigo e moderno que dá conteúdo aos amplos espaços deste prédio. No plano da

ação diplomática, sua missão como Embaixador na Índia, entre 1969 e 1972, ocorre num contexto de afirmação política daquele país frente às Superpotências. As transformações ocorridas em meio à Guerra Fria foram observadas por Murtinho desde um palco privilegiado para a análise da evolução da presença dos países em desenvolvimento na cena mundial. Isso se passou numa época em que prevalecia a noção de que o trabalho diplomático mais relevante seria aquele realizado nas capitais das potências que estabeleciam as agendas e as tendências internacionais. O Embaixador Murtinho ainda realçaria sua visão pioneira quando, Diretor do Instituto Rio Branco, instituiu, em Postos da América do Sul, o estágio para os diplomatas recém-formados. Homem à frente de seu tempo, espírito inquieto, coexistiam em Murtinho o apreço pelo erudito e pelo popular, o sentido de serviço ao Estado e a consciência da responsabilidade de representar a nação.

Menciono aqueles três momentos da rica trajetória de Wladimir Murtinho para ilustrar a conexão que une o espírito que permeia a Turma que hoje se forma e a inovação necessária na compreensão do papel do Brasil num mundo cada vez mais competitivo e que demanda um aprimoramento constante do diplomata. Tive o privilégio acompanhá-los em seus estudos no Instituto Rio Branco e em viagem à Amazônia, constatando sua consciência do imperativo da transformação e com a afirmação dos valores da paz e do desenvolvimento, no sentido a eles emprestado pelo Barão do Rio Branco, neste mesmo 20 de abril, em 1909: "Se a paz é uma condição essencial ao desenvolvimento, mais ainda devem sentir-lhe a necessidade as nações novas como as do nosso continente sul-americano, que precisam crescer e prosperar rapidamente".

Senhor Presidente,
Senhor Ministro de Estado,

A qualidade do Serviço Exterior Brasileiro é hoje um patrimônio da nossa sociedade. Freqüentemente as transformações impostas pela realidade em veloz mutação estão acompanhadas pelo temor de que elas se fazem à custa do preparo intelectual e profissional dos diplomatas. A ampliação da agenda internacional e a maior presença do Brasil no cenário internacional estão a corroborar o empenho de Vossas Excelências pela ampliação dos nossos quadros. Há trinta anos atrás a turma a que pertenço – sem paraninfo e sem patrono, em razão das circunstâncias políticas de então – chegava a Brasília para iniciar o Curso de Preparação à Carreira de Diplomata, consumando a

transferência do Instituto Rio Branco para a capital do país. Nossa Turma representou um aumento de quase cem por cento nas vagas em relação a que nos antecedeu. Buscava-se dar aos alunos uma formação que combinasse os requerimentos acadêmicos com as exigências cotidianas do nosso ofício. Essa mudança não se fez sem resistências, nem com ausência de críticas de que os diplomatas aqui formados seriam menos preparados. Todavia, a determinação do Chanceler Azeredo da Silveira, implementada pelo então Diretor do Instituto, Embaixador Sérgio Bath, fez a qualidade prevalecer e desmentiu os vaticínios pessimistas.

Aquele momento pioneiro exigiu acreditar que o Itamaraty continuaria a ter na excelência o único parâmetro para a formação de seus quadros. A Turma Wladimir Murtinho, com sua inquieta curiosidade e sua determinação em compreender seu papel em nossa Instituição, corrobora a crença que abrigávamos em 1976.

Ao paraninfá-los neste rito solene de sua incorporação ao Serviço Exterior Brasileiro, cumpre-me também reverenciar a memória dos que nos deixaram, como os Embaixadores César de Faria Domingues Moreira e Joaquim Luiz Cardoso Palmeiro e meu colega de Turma Sidney Pinto Fernandes.

Senhor Ministro de Estado,

Vossa Excelência, como Mestre e como Chanceler, simboliza o traço de união entre duas gerações que celebram seu ingresso no Itamaraty. Permito-me também homenagear aqui a Professora Sarah Walker, cuja dedicação à formação dos diplomatas se estende dos antigos que chegaram em 1976 e aos jovens que agora se formam.

Queridos colegas que hoje se formam,

Érico Veríssimo, em seu *Solo de Clarineta,* afirma existirem duas categorias de viajantes: os que viajam para *fugir* e os que viajam para *buscar*. Ao agradecer-lhes o privilégio de apresentá-los a esta Casa, estou seguro de que vocês nela ingressam conscientes de que a diplomacia não é uma fútil vilegiatura pelo mundo. A carreira que abraçamos nos leva para longe na busca de intensificar nossas relações num mundo assimétrico e crescentemente complexo, de na busca de novos mercados para nossos produtos, na

criatividade da linguagem para salvaguardar as posições brasileiras. Isso demanda a contribuição e a renúncia pessoal permanentes em favor dos interesses da Nação, pois a ação do diplomata tem como meta maior a construção de uma sociedade mais justa, de uma economia nacional mais sólida, de um Brasil mais atuante e participante no cenário mundial.

Sejam felizes !!!

Muito obrigado.

Discurso do Orador,
Lauro de Castro Beltrão Filho

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,

Senhora Marisa Letícia Lula da Silva,

Embaixador Celso Amorim, Ministro de Estado das Relações Exteriores,

Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, Secretário-Geral das Relações Exteriores,

Professor Marco Aurélio Garcia, Assessor Internacional da Presidência da República,

Embaixador Fernando Guimarães Reis, Diretor do Instituto Rio Branco,

Embaixador Everton Vieira Vargas, Paraninfo da Turma "Embaixador Wladimir do Amaral Murtinho",

Embaixatriz Isabel Murtinho Gürken,

Senhora Elizabeth Queiroz Vieira,

Senhoras e senhores,

Prezados colegas,

Esta solenidade simboliza o princípio de nossa carreira diplomática, ofício que reclama vocação idealista e altruísmo profissional. A partir de hoje, é igualmente nossa a precípua missão de Estado: converter carências internas em possibilidades realizáveis no plano internacional. O cumprimento desse objetivo requer inspiração em obras individuais dignas da construção de uma "*res publica*" brasileira.

Senhor Presidente,

Tocou-nos homenagear, em nossa formatura, a ação virtuosa de um funcionário do Estado brasileiro cuja trajetória se entrelaça com a história moderna da cultura nacional.

Afetivo e querido em família, nosso Patrono, o Embaixador Wladimir do Amaral Murtinho, que nos deixou há pouco mais de três anos, foi um servidor obstinado em aprimorar a dimensão educacional do Brasil. Contribuiu para tornar realidade, nas palavras emprestadas de Antonio Cândido, o "desejo brasileiro de ter uma cultura".

Otimista irredutível, sua obra magna de reabilitar a memória histórica do país recua desde a presença do Brasil na Exposição Universal de Bruxelas de 1950 até as comemorações do "Projeto Brasil 500 Anos". Patrocinador intelectual das primeiras bienais do país, nosso Patrono presidiu, em fins da década de sessenta, a Comissão de Transferência do Itamaraty para Brasília, incumbida de trazer o Corpo Diplomático para a nova capital. Dedicou-se como Secretário da Educação e Cultura do Distrito Federal, nos anos setenta, e, mais tarde, à frente da Assessoria Internacional do Ministério da Cultura por mais de 10 anos.

Idealista, lúcido e entusiasta da juventude, como Diretor do Instituto Rio Branco, no início da década de oitenta, adotou a postura institucional de "portas abertas", estimulando a efetiva participação discente. Atualizou o método de ensino da Academia e instituiu o tradicional estágio no exterior.

Os versos de Manuel Bandeira atribuem ao nosso Patrono a justa medida de seu humanismo:

" ... acende nos homens
a chama da caridade,
do dever sem recompensa:
... que a força da humildade
Faz imensa ..."

A figura do Embaixador Murtinho integra a valorosa linhagem de brasileiros sonhadores, sonhadores de mentes e olhos abertos, como o Barão do Rio Branco, Joaquim Nabuco, Juscelino Kubitschek e Darcy Ribeiro. Hoje, retorna simbolicamente a este mais belo desenho modernista de Niemeyer em Brasília, o Palácio do Itamaraty, que nosso Patrono empenhou-

se em construir, ao seu interior que o decorou, e a este Auditório que traz, de forma emblemática, seu próprio nome.

Senhor Presidente,

A prioridade da política externa de Vossa Excelência está em cimentar a integração sul-americana, produzindo uma comunidade regional mais unida, estável e próspera, além de reivindicar mecanismos decisórios mais legítimos para as questões mundiais substantivas. Sua execução exige disciplinada atuação diplomática e sólida formação acadêmica.

O Instituto Rio Branco nos brindou sobretudo com as profícuas lições do Embaixador Everton Vieira Vargas, nosso estimado Paraninfo e Professor de Linguagem Diplomática. O instrumento essencial da diplomacia é a palavra, manifestada com acuidade e precisão, com a serena veemência em auxílio dos interesses permanentes nacionais. Admirado pelo traço humanístico e tirocínio diplomático, o Embaixador Everton nos transmitiu ensinamentos de aguda importância para podermos, com êxito, informar, representar e negociar em nome do Brasil.

As preleções de nosso Mestre e amigo não se cingiram ao aspecto técnico do escrever diplomático. Insuflaram igualmente nossos espíritos com o dever de buscar caminhos para mitigar a desigualdade social brasileira, representada pelo contraste entre as "edificações refrigeradas de vidro e aço" e os "barracos erguidos sobre a terra ressequida pelo sol" – metáforas do nosso Paraninfo.

Senhor Presidente,

Fomos os primeiros diplomatas empossados de seu Governo, em julho de 2003.

Representamos experiências pessoais distintas de mais de uma dezena de Estados e a diversidade étnica e de pensamento que visa a forjar uma sociedade plural e livre. Ingressamos democraticamente na Academia Diplomática e concluímos com determinação o curso de Mestrado em Diplomacia.

Uma palavra carinhosa aos nossos familiares e amigos pelo apoio e adesão de alma a nossa escolha de servir o Estado como Diplomatas. Nossa afetuosa lembrança dos colegas estrangeiros, que enriqueceram

o convívio na Academia e nos ajudaram a enxergar com lentes distintas - não menos verdadeiras - o ambiente pátrio. Sinceros agradecimentos aos professores e funcionários do Instituto Rio Branco.

Senhor Presidente,

Este momento de alegria, que nos recorda a valiosa conquista de pertencer à Casa de Rio Branco, impõe-nos igualmente certa introspecção.

O cenário internacional não mais comporta a lógica confrontacionista e de imposição ideológica de preferências e idéias. Ao contrário, o século XXI registra uma comunidade de nações, observada pela opinião pública mundial e animada por pragmáticas relações de interdependência. O modelo de cooperação multilateral deverá gerar uma distribuição compartilhada mais eficaz dos dividendos globais.

A Turma Embaixador Wladimir do Amaral Murtinho freqüentará esse inédito contexto internacional, cujas incertezas descortinarão grandes oportunidades para o Brasil. Tomaremos como guia o legado profundamente brasileiro e a elevada humanidade do nosso Patrono.

Teremos, assim, a oportunidade de reescrever, na constante e equilibrada renovação da diplomacia brasileira, os céticos versos do nosso saudoso Drummond de Andrade:

"veio o dia,
veio o riso,
nada acabou, nada fugiu,
veio a utopia".

Façamos, então, a realidade!
Muito obrigado.

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia
Alunos da Turma Wladimir Murtinho
2003-2004

Alexandre Jorge de Lima
André Costa Misi
André Jafet Bevilacqua
André Simas Magalhães
Augusto César Batista de Castro
Augusto César Teixeira Leite
Benhur Viana
Bruno Guerra Carneiro Leão
Bruno Nunes Brant
Christiane Silva Aquino
Cícero Tobias de Oliveira Freitas
Cláudio Medeiros Leopoldino
Daniel Nogueira Leitão
Diogenes Borges da Silva Neto
Emerson Novais Lopes
Eric do Val Lacerda Sogocio
Felipe Carlos Antunes
Felipe Rodrigues Gomes Ferreira
Herbert de Magalhães Drummond Neto
Igor Flávio de Aguiar Germano
Isabela Medeiros Soares

José Vitor Carvalho Hansem
Lauro de Castro Beltrão Filho
Leandro de Oliveira Moll
Lilian Cristina Burlamaqui Duarte
Luís Felipe Pereira de Carvalho
Marcelo Böhlke
Marcelo Cid
Marise Ribeiro Nogueira Guebel
Ney Artur Gonçalves Canani
Nicola Speranza
Pablo Braga Costa Pereira
Pedro da Silveira Montenegro
Renato Domith Godinho
Rodrigo Maffei Libonati
Rodrigo Mendes Carlos de Almeida
Roger Joseph Abboud
Sérgio Paulo Benevides
Viviane Rios Balbino

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia Bolsistas estrangeiros da Turma Wladimir Murtinho - 2003-2004

Jennifer Mendes Gonçalves	França
Juan Carlos Eyzaguirre Fuentes	Bolívia
Paula Cristina Faria Barbosa	Cabo Verde
Raul Mariano Martinez Villalba	Paraguai
Sandra Rosana Pitta	Argentina

2004-2005

TURMA AFONSO ARINOS

PALÁCIO ITAMARATY,
20 DE ABRIL 2004

Discurso do Paraninfo, Antônio Augusto Cançado Trindade

Que sejam minhas primeiras palavras de sinceros agradecimentos aos caros formandos do Instituto Rio Branco pela alta distinção, que muito me honra, de sua escolha para paraninfo da Turma Afonso Arinos de Melo Franco, pela qual generosamente me concedem o privilégio de dirigir-lhes, nesta grata ocasião, aos 20 de abril de 2006, estas derradeiras palavras como seu professor. Todos vivemos no tempo, mistério maior da existência humana; mas o tempo dos humanos, que cedo os nutre de esperança e mais tarde de memória, não é o tempo do cosmo, que se afigura implacável. A "densidade" do tempo dos humanos varia conforme os desafios que enfrentamos e o tratamento que lhes dispensamos. Assim, há épocas em que pouco ou nada parece acontecer, e outras em que tudo parece ocorrer. O biênio de nossa inesquecível convivência no Instituto Rio Branco (2004-2005) revelou um momento de grande densidade histórica, rico em ensinamentos da perspectiva do direito das gentes. Pudemos juntos testemunhar as prontas reações da consciência jurídica universal a uma das mais flagrantes violações do Direito Internacional nas últimas décadas, perpetrada em 2003 por uma autodenominada coalizão de Estados, à margem da Carta das Nações Unidas. O Brasil corretamente se manteve fiel aos princípios da Carta, a cuja consagração contribuiu há mais de seis décadas.

O tempo revolve dia e noite, claro e escuro, e envolve a tudo, do ímpio ao puro. Pudemos juntos exorcisar o glossário dos neologismos nefastos, - como "guerra preventiva", "recurso à força", "legítima defesa antecipatória", "intervenção (ao invés de assistência) humanitária", "ação de preempção", "contramedidas" indefinidas, - difundidos sem o menor escrúpulo ou espírito crítico, em meio a uma preocupante letargia mental dos chamados "especialistas" (certamente não em Direito Internacional), incapazes de distinguir o mundo do ser, do mundo do dever ser, este último próprio do Direito. Juntos constatamos que estes neologismos *en vogue*, inteiramente alheios ao universo conceitual do Direito Internacional, têm buscado em vão desconstruí-lo, ao estribar-se todos no uso da força, - quando, ao contrário, um dos princípios fundamentais do Direito Internacional permanece o da firme proibição do uso ou ameaça da força nas relações interestatais.

O que é antecipatório ou preventivo é o Direito, e não o uso da força. E em particular no plano internacional, o Direito inclusive precede a comunidade internacional organizada, porquanto, sem aquele, esta simplesmente não existiria. Só se pode enfrentar eficazmente as novas ameaças à paz e segurança internacionais *dentro* do Direito, mediante a aplicação dos múltiplos instrumentos internacionais consensuados para este fim, e não acudindo aos métodos ou meios dos que o violam. Os momentos sombrios que vivemos neste ano de 2006, com a ameaça ou uso indiscriminado da força em diferentes partes do mundo, têm um profundo *efeito descivilizador*. A força bruta gera a força bruta, e, ao final, o que constatamos?

O nada, a devastação geral, a decomposição do tecido social, mentiras e vinganças, torturas e execuções sumárias, e outras violações graves do Direito Internacional Humanitário e do Direito Internacional dos Direitos Humanos. Constatamos, em suma, a transformação dos seres humanos em meros instrumentos da confrontação e destruição, - tal como narrado de modo penetrante nas páginas imorredouras e sempre atuais da *Ilíada* de Homero. Não há vencedores nem vencidos, todos se tornam degradados e impotentes ante a máquina da guerra, da destruição do espírito e da fabricação da inconsciência, - na eloqüente advertência de Homero, retomada por Cícero na Roma antiga, por Emanuel Kant no final do século XVIII, e por Simone Weil em meados do século XX.

O tempo nos incita ao cultivo da história, e nos revela o efêmero da busca de toda glória. Pudemos juntos, em sala de aula, considerar que o Direito Internacional Público não deixa de existir em conseqüência de suas

violações, mas, ao contrário, configura a responsabilidade internacional dos responsáveis por estas últimas. O tempo desmistifica os soberbos e astutos, e sedimenta os valores absolutos. Estes determinam o conteúdo das normas da sadia convivência internacional, as quais são conformadas e informadas pelos princípios gerais do direito, de validade perene e universal. São estes princípios que conferem ao ordenamento jurídico sua inelutável dimensão axiológica; dos *prima principia*, situados nas origens do próprio Direito, emanam as normas e regras, que neles encontram seu sentido, e toda vez que deles se tem feito abstração, tem-se incorrido em violações do Direito.

Durante nosso biênio de estudos, pudemos juntos acompanhar uma das mais profícuas consultas realizadas no plano continental nos últimos anos, que culminou na adoção, em novembro de 2004, no México, de uma nova declaração e plano de ação para atender as necessidades de proteção dos milhões de migrantes indocumentados de nossa região, a par dos deslocados internos e refugiados. Uma das reuniões regionais preparatórias das consultas deste processo histórico realizou-se precisamente no auditório do Instituto Rio Branco aqui em Brasília, - graças à visão e à sensibilidade do Chanceler Celso Amorim, do Secretário-Geral Samuel Pinheiro Guimarães, e do Embaixador Fernando Guimarães Reis, digno e dedicado Diretor do Instituto, e consoante a solidariedade para com os pobres por parte do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

As referidas consultas, abertas aos esquecidos do mundo em nosso continente, concluíram com êxito não obstante as resistências iniciais de Estados poderosos; foi como nadar contra a maré, evocando a feliz expressão de Isaiah Berlin. Na mesma linha de pensamento e propósito, os Pareceres ns. 16 e 18 da Corte Interamericana de Direitos Humanos, sobre o *Direito à Informação sobre a Assistência Consular* (1999), e os *Direitos dos Migrantes Indocumentados* (2003), pioneiros na jurisprudência internacional, foram sumamente bem recebidos pelas Chancelarias de todos os países latinoamericanos, e constituem hoje um verdadeiro patrimônio jurídico de todos os países e povos de nossa região, com amplas repercussões em outros continentes, - inclusive para coibir os excessos e abusos dos atuais países de imigração, tidos como desenvolvidos, os quais, em uma espantosa inversão de valores, esquecidos das lições de Francisco de Vitoria no século XVI sobre o *jus communicationis* (quando lhes interessava ou convinha a emigração para o Novo Mundo), proclamam hoje a abertura das fronteiras aos capitais,

bens e serviços, mas procedem ao fechamento das mesmas aos seres humanos em busca de sobrevivência.

O tempo concede de início a inocência, para mais tarde impor a experiência. Constatamos juntos, em nossas aulas, que não se pode pretender erguer uma ordem jurídica internacional baseada na "livre vontade" de seus sujeitos, não só porque isto privilegiaria os mais poderosos, mas por uma impossibilidade epistemológica, porquanto se fosse por sua vontade que os Estados criam o Direito, é também por ela que o violam. Os positivistas-voluntaristas se revolvem assim em círculos viciosos e malabarismos intelectuais, incapazes de explicar a formação do direito internacional geral, e de sequer entender que acima da vontade está a consciência. Concluímos juntos que se impõe o apego aos princípios situados nos fundamentos do Direito, sem os quais não há sistema jurídico algum, nem nacional nem internacional. E entre os princípios consignados na Carta das Nações Unidas, que permanecem válidos e vinculam a todos os seus membros, figura o da igualdade jurídica dos Estados, para cuja consagração tanto contribuiu o Brasil em perspectiva histórica, desde a II Conferência de Paz da Haia de 1907, - que no próximo ano completa seu centenário, - até nossos dias.

O tempo é inerente ao Direito, a sua interpretação e aplicação, e a todas as situações e relações humanas por ele regidas. O positivismo jurídico e o "realismo" político, com sua visão estática do mundo, fixada na "realidade" do momento, têm, não surpreendemente, sido invariavelmente subservientes à ordem estabelecida, às relações de dominação e ao poder. Nem os positivistas, nem os "realistas", têm se mostrado capazes de antecipar e de entender - e têm dificuldades em aceitar - as profundas transformações do Direito Internacional contemporâneo na busca da realização dos imperativos da justiça. Perplexos ante as mudanças ocorridas no mundo, têm tido que se mover de um momento histórico a outro, inteiramente distinto, buscando se reajustar à nova "realidade" empírica, tentando a esta aplicar de novo o esquema estático a que estão habituados, e voltando a projetar sua ilusão, de permanência e "inevitabilidade", no futuro e, por vezes - em desespero - também no passado. Seu equívoco básico tem sido sua minimização dos *princípios*, assim como da dimensão *temporal* dos fatos sociais. Só conseguem enxergar interesses e vantagens, e não parecem crer na razão humana, na *recta ratio*, nem tampouco na capacidade humana de extrair lições da experiência histórica.

O tempo é distinto para cada idade. O tempo cronológico não é o tempo biológico. O tempo dos jovens, que vivem seus dias, não é o tempo das crianças, que vivem seus minutos, nem tampouco o tempo dos idosos, que vivem sua história. Os caríssimos formandos vivem hoje, junto às pessoas queridas de sua convivência do quotidiano, os gratos dias da construção de seu projeto de vida, pessoal e profissional. Contam com bases sólidas, sedimentadas no tempo, para sua atuação no serviço exterior brasileiro, que tem se distinguido no concerto das nações, a meu ver, precisamente pela posição principista que quase sempre soube manter.

O tempo biológico tampouco é o tempo psicológico. Há precisamente um quarto de século, participava eu de um Colóquio aqui em Brasília (em abril de 1981) em torno da vida e obra de seu patrono, que, ao discorrer sobre Afonso Arinos *par lui-même*, mostrava-se, como todo homem cultivado, mais interessado nas idéias do que nos eventos. Recordo-me de seu testemunho, em que, - como todo oriundo da Minas Gerais *profonde*, crescido à sombra de igrejas barrocas mas não necessariamente imbuído de crenças religiosas, - confessava seu fascínio pela *força do destino*, a mesma que tem inspirado filósofos, poetas e músicos ao longo dos séculos. O destino era tido por ele como algo que emanava do mistério da vida, como o encontro de uma pessoa com situações que podiam ser transformadas em fatos da vida individual e social. No seu caso, coube-lhe impulsar como Chanceler temas como o direito de autodeterminação dos povos, a aproximação com os países mais pobres (sobretudo da África), e o desarmamento, - temas estes situados no plano *universal*, - simbolizado o universal, em sua percepção, na cidade de Roma. Transcorridas mais de quatro décadas desde suas duas gestões à frente desta Casa, constato hoje, com satisfação, que, na gestão do Chanceler Celso Amorim, na Presidência Lula da Silva, a política externa brasileira continua sendo certamente *independente*.

O tempo impregna nossa existência de memória, e nos permite a busca do sentido de cada instante da história. Há mais de vinte anos, tinha eu o privilégio de elaborar, aqui na Casa de Rio Branco - à qual desde então me vinculei por laços permanentes de labor e de afeto, - como seu então Consultor Jurídico (1985-1990), a fundamentação jurídica da adesão do Brasil aos tratados de direitos humanos, e de sua posterior aceitação da jurisdição obrigatória da Corte Interamericana de Direitos Humanos. Transcorridas mais de duas décadas, há poucos dias o Brasil, pela primeira vez em sua história, sediou nesta Capital uma sessão de um tribunal internacional, precisamente

da mesma Corte Interamericana, que tive a honra de presidir por meia-década (1999-2004). Por esta feliz iniciativa, o Brasil assim reconheceu os avanços - para os quais tem consistentemente contribuído - da justiça internacional na atualidade, e a recente sessão da referida Corte em terras brasileiras já é um fato histórico.

Isto me conduz a minha última linha de reflexões, na forma de uma mensagem de confiança, aos estimados formandos, no futuro do Direito Internacional. Em um mundo como o nosso, hoje marcado por uma profunda crise de valores, não obstante o Direito Internacional tem logrado sensíveis avanços. Parece ser nos momentos de crise mundial, como o atual, que se dão os grandes saltos qualitativos. O velho ideal da justiça internacional, por exemplo, tem enfim se concretizado, - graças à reação da consciência humana, fonte *material* última de todo o Direito, contra os abusos perpetrados contra milhões de seres humanos. Nos últimos anos, os tribunais internacionais têm se multiplicado, o que considero um fenômeno altamente positivo, não só por constituir a via judicial efetivamente a forma mais aperfeiçoada da solução pacífica das controvérsias internacionais, mas sobretudo por ampliar em muito o círculo dos justiciáveis, resgatando sua fé na justiça humana. O Brasil tem contribuído a este alentador fenômeno de nossos tempos.

No tocante ao *acesso direto* da pessoa humana - como sujeito do direito das gentes - à justiça internacional, ao qual tenho me dedicado inteiramente ao longo de vários anos, e que se tornou hoje uma realidade, há que situá-lo no âmbito do que me permitiria caracterizar como o da construção do novo *jus gentium* do século XXI: o *direito universal da humanidade*, consoante a *recta ratio* (tão bem captada e conceituada, ao longo dos séculos, por Platão e Aristóteles, e logo, de modo insuperável, por Cícero e Tomás de Aquino, e em seguida, situando-a nos fundamentos do próprio *jus gentium*, por Vitoria, Suárez e Grotius). Mediante o reconhecimento inequívoco de que a nenhum Estado é dado tentar situar-se acima do Direito, voltamos às origens conceituais tanto do Estado nacional, - originalmente concebido para a realização do bem comum, e que existe para o ser humano, e não *vice versa*, - como do próprio Direito Internacional, que não era em suas origens um direito estritamente interestatal, mas sim o *direito das gentes*.

Considerações básicas de humanidade permeam em nossos dias *todos* os capítulos do Direito Internacional, e novas construções conceituais (e.g., o *jus cogens* e as obrigações *erga omnes*, o patrimônio e o interesse

comuns da humanidade, o princípio da jurisdição universal, entre outras) se desenvolvem para adensar esta notável evolução. O ciclo das Conferências Mundiais das Nações Unidas, - dos anos noventa e início do século XXI, - tem conformado a nova agenda social internacional, com atenção especial aos que se encontram em situação de particular vulnerabilidade. E hoje se busca reformar a estrutura das organizações internacionais, de modo a fortalecer o multilateralismo e a habilitá-las a desempenhar com mais eficácia o seu papel. Mediante sua *universalização* e *humanização*, o Direito Internacional contemporâneo passa a ocupar-se mais diretamente da identificação e realização de valores e metas comuns superiores, atinentes à humanidade como um todo.

O tempo vincula a chegada à partida. Os caríssimos formandos, que me honram com a sua consideração, passam a percorrer o caminho de suas vidas iluminados pelos raios de sua promissora aurora, ao mesmo tempo em que, ao final de 29 anos de docência no Instituto Rio Branco e de 12 anos de magistratura internacional, vislumbro com serenidade os primeiros raios de meu crepúsculo. O tempo não nos separa, mas nos une. O tempo nos juntou por dois anos em sala de aula, e doravante nos vincula na memória, a qual inspira nossa ação e nos permite enfrentar o sempre insondável passar do tempo. Em última análise, o tempo é transmissor da solidariedade entre gerações que se sucedem, como a aurora e o crepúsculo, o *chiaroscuro* do dia e da noite, as estações do ano.

O tempo de minhas derradeiras palavras se expirou. Doravante, de seu professor me transformo em seu torcedor, assegurando-lhes de que acompanharei suas trajetórias no tempo, com o maior interesse e afeto. Tenho plena confiança em que saberão continuar a identificar o Brasil com o primado do Direito sobre a força, e que darão sua parcela de contribuição para melhorar a condição humana. Estou certo de que manterão o espírito de forte união e os laços de solidariedade que caracterizam a sua Turma, e de que demonstrarão, em sua atuação profissional, ser perfeitamente possível desempenhar-se com dedicação, distinção e excelência como diplomatas, e, ao mesmo tempo, preservar o sentimento de solidariedade humana e a necessária independência de espírito. Recebam meus mais sinceros votos de toda a felicidade possível em sua vida profissional e sobretudo na pessoal, e meus reiterados

agradecimentos, extensivos ao caro amigo Embaixador Fernando Guimarães Reis, pela amena e reconfortante convivência que me brindaram no Instituto Rio Branco, e pela fina atenção com que me distinguiram neste ato de sua formatura.

Muito obrigado a todos.

Discurso da Oradora,
Secretária Patrícia Wagner Chiarello

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,

Excelentíssimo Senhor Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim,

Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral das Relações Exteriores, Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães,

Excelentíssimo Senhor Diretor do Instituto Rio Branco, Embaixador Fernando Guimarães Reis,

Embaixadores estrangeiros,

Demais autoridades,

Excelentíssimo Senhor Embaixador Everton Vieira Vargas, Paraninfo da Turma 2003-2005, nosso caro professor,

Excelentíssimo Dr. Antônio Augusto Cançado Trindade, nosso querido paraninfo,

Caros colegas diplomatas,

Estimados colegas da Turma Embaixador Vladimir Murtinho,

Queridíssimos colegas de turma,

Queridos familiares e amigos,

A cerimônia que hoje celebramos assinala momento especial no caminho iniciado quando começamos a despertar para nossa vocação pública. Ritos de passagem estão sempre carregados de significados e compromissos,

ocasião oportuna para refletir sobre o sentido de nossa escolha, aprender com o caminho já trilhado e sonhar com as realizações e conquistas do porvir.

Ingressamos no Instituto Rio Branco em momento privilegiado, Senhor Presidente. O Brasil projetava-se internacionalmente pela dimensão humana que imprimia em sua política externa. O capital de credibilidade acumulado com a consolidação da democracia e com a estabilidade econômica havia se transformado em capacidade de liderança no cenário internacional. Liderança orientada pela bandeira do desenvolvimento. Nada mais instigante para jovens diplomatas que se propõem a enfrentar o desafio de zelar pelos interesses nacionais e de transformar as oportunidades externas em elementos essenciais de transformação do Brasil, de superação das desigualdades sócio-econômicas.

Cientes de nossa missão, iniciamos o aprendizado das ferramentas da prática diplomática, pautada por princípios e valores universais, tradicionalmente observados na conduta internacional do Brasil, em convergência com ética e responsabilidade, e em solidariedade horizontal com nossos vizinhos.

Senhor Presidente,

O Chanceler Afonso Arinos, nosso patrono, ao lutar pelos interesses nacionais, sem alinhamentos automáticos, tentando liberar-se dos constrangimentos geopolíticos da Guerra Fria, defendia o multilateralismo. Com isso, defendia, profeticamente, a latinidade.

Afonso Arinos, um dos idealizadores da Política Externa Independente, ponto de inflexão na história contemporânea da política internacional do Brasil, entendia a necessidade de desvincular o país das amarras ideológicas, ditadas por constrangimentos continentais, para construir projeto nacional de desenvolvimento, aproveitando todas as oportunidades do sistema internacional da época.

Hoje, com o privilégio de poder olhar para o passado, seria possível dizer que nossa aproximação com a América do Sul filia-se, em grande medida, a esse esforço de superação da rigidez bipolar daqueles tempos. A Política Externa Independente, com sua busca de autonomia, lançou os alicerces para atuação internacional propositiva. A crença no multilateralismo, que nos é tão caro, e o conseqüente repúdio ao unilateralismo, refletem sementes lançadas pelo Chanceler Afonso Arinos. Hoje, avançamos ainda

mais: ousamos ao almejar sistema multilateral como interface do exercício interno da democracia.

É justamente a partir da vocação universalista da política externa brasileira, sem jamais esquecer os laços com os nossos parceiros mais próximos e tradicionais, que gostaríamos de lançar nosso olhar para o mundo da diplomacia, reconhecendo e enfatizando a circunstância sul-americana do Brasil.

Nesse particular, pode-se dizer que o alargamento dos horizontes das relações internacionais do Brasil é ainda tarefa em curso, que avança na medida em que o País está à frente de iniciativas de peso no mundo contemporâneo. Nosso patrono será certamente exemplo para atuação diplomática desvencilhada de imposições externas.

O período de formação no Instituto Rio Branco caracterizou-se pelo desafio de conciliar o aprendizado profissional com a oportunidade de aprimoramento acadêmico. Tarefa árdua, que procuramos cumprir com senso de responsabilidade e espírito público, contribuindo para a consolidação do Mestrado em Diplomacia, mais uma expressão de reconhecimento para nossa escola diplomática.

Ao longo dessa trajetória e, certamente muito antes da aprovação no concurso, quando ainda nos preparávamos para a prova de Direito Internacional, tivemos o privilégio e a felicidade de contar com as lições do nosso querido paraninfo, Professor Antônio Augusto Cançado Trindade, meu caro orientador. Cançado Trindade soube aguçar os nossos sentidos para a necessidade de comprometimento com os princípios, valores e regras do Direito das Gentes.

Aprendemos que o respeito aos Direitos do Homem deverá sempre prevalecer, independente de nossas convicções sobre a natureza predominantemente moral ou material das necessidades humanas. Somente assim, a comunidade internacional terá condições de responder adequadamente aos desafios da manutenção da paz e da segurança.

O seu brado em defesa dos direitos humanos, querido Paraninfo, certamente servirá de inspiração para nossas carreiras.

Muito cedo aprendemos também sobre a importância dos vínculos de solidariedade e companheirismo. Percebemos a necessidade de cooperação, de caminhar de mãos dadas. Política externa é tarefa que se realiza coletivamente, em equipe. Aos colegas de turma, companheiros de angústias e alegrias, uma homenagem especial pelos laços de amizade

que tornaram os dias iniciais no cerrado um bocado menos ásperos. Aos nossos familiares, abraço apertado, obrigado por terem acreditado conosco na realização deste sonho.

Reafirmamos hoje nosso compromisso com a Nação, com o desafio maior de contribuir para o desenvolvimento com justiça social, traduzido em ganhos reais para a melhoria das condições de vida do nosso povo. E eis que nos lançamos na carreira diplomática com o vigor e a garra de jovens idealistas. Por isso, arrisco-me a dizer, Senhor Presidente, que o enunciar já é agir.

Muito obrigado.

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia
Alunos da Turma Afonso Arinos
2004-2005

Ana Beatriz Nogueira de Barros Nunes
Andrea Giovannetti
Antonio Cottas de Jesus Freitas
Bruno de Lacerda Carrilho
Cesar de Oliveira Lima Barrio
Ciro Leal Martins da Cunha
Cláudia Kimiko Ishitani Christófolo
Elisa Maria Elvira Breternitz
Fábio Moreira Carbonell Farias
Grace Tanno
Hélio Franchini Neto
Henrique Choer Moraes
Jorge Luiz Vieira Tavares
Juliano Rojas Maia
Leonardo A. Onofre de Souza
Luis Alberto Fernández Y Sagarra
Marcos Rodrigues Savini
Marcus Vinícius de C. Ramalho
Otávio Augusto Drummond Cançado Trindade
Patrícia Wagner Chiarello
Paulo Henrique Batalha Fernandes

Thiago Bonfada de Carvalho
Wagner de Andrade Alves

2004-2006

TURMA MARIA JOSÉ MENDES
PINHEIRO DE VASCONCELLOS

PALÁCIO ITAMARATY,
2 DE MAIO DE 2007

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva

Meu querido companheiro Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores,
Meu querido companheiro Waldir Pires, Ministro da Defesa,
Minha querida Nilcéa Freire, Secretária Especial das Mulheres,
Minha querida companheira Marisa,
Nossa querida Ana Amorim,
Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães, Secretário-Geral das Relações Exteriores,
Embaixador Fernando Reis, Diretor do Instituto Rio Branco,
Senhora Sarah Walker, Paraninfa da Turma 2004/2006,
Minha cara Oradora, Secretária Daniela Matos de Araújo,
Meus queridos Embaixadores,
Meus caros Formandos do Instituto Rio Branco,
Meus amigos e minhas amigas,

Minhas primeiras palavras são de saudação aos jovens que hoje iniciam uma nova etapa de suas vidas no serviço exterior brasileiro.

Recebam igualmente minhas felicitações, os pais, parentes e amigos que aqui se encontram para esta celebração.

Em pronunciamento que fiz logo após as eleições, no ano passado, afirmei que havíamos lançado, nos quatro anos anteriores, as fundações para que o Brasil avançasse na superação das

vulnerabilidades que retardaram o nosso desenvolvimento econômico e emancipação social.

Queremos uma política externa que seja a cara deste Brasil. O Brasil democrático que estamos construindo, que seja mais do que uma forma de projeção nossa no mundo, que seja, também, um elemento consubstancial de nosso projeto nacional de desenvolvimento. Para tanto, estamos sempre dispostos a ouvir, mas também queremos ser escutados. Temos que ocupar o lugar que nos cabe no mundo, na defesa dos interesses nacionais.

É preciso engajamento e altivez, mas também respeito pelos outros países, sejam eles pequenos ou grandes, ricos ou pobres. Humildade não é fraqueza, solidariedade não é sinônimo de ingenuidade. Para ser solidário é preciso ter firmeza e acreditar no que defendemos.

Hoje, o Brasil transita em qualquer fórum sem buscar confrontos, mas sem medo de discordar. Conversamos com todos de igual para igual, afinal, recuperamos a nossa auto-estima. Vocês, que hoje formalizam a entrada no Ministério das Relações Exteriores, herdarão a responsabilidade de fazer, da nossa função diplomática, a projeção no plano internacional dessas profundas transformações e aspirações em curso na sociedade brasileira.

Caros formandos,

O Dia do Diplomata deste ano é uma boa ocasião para avaliar os resultados de nossa política externa. Conseguimos realizar muitas coisas, a começar pela América do Sul, nossa maior prioridade. E o resultado: o comércio aumentou enormemente. Nossa região absorve hoje mais exportações brasileiras do que os Estados Unidos. As obras de infra-estrutura física se multiplicam criando uma malha de conexões energéticas, viárias e de comunicações. Lançamos a Comunidade Sul-Americana de Nações, que será consolidada com um acordo constitutivo da União Sul-Americana. Caminhamos para a formação de uma cidadania sul-americana diplomática e pluralista.

O Mercosul se expandiu com o ingresso da Venezuela. Criamos o Focem, cujos primeiros projetos já estão em andamento e vão beneficiar os sócios menores do bloco. Instalamos um parlamento que tornará o Mercosul mais próximo do cidadão e mais atento às necessidades e expectativas de nossas populações.

Fortalecemos nossa aliança com a Argentina. As relações que mantemos com os nossos vizinhos nunca foram tão densas e intensas. Não foi fácil superar décadas de distanciamento entre nós. O processo de integração pode ser às vezes turbulento, mas é indispensável.

Não há outro caminho para a América do Sul que não seja o da construção de um espaço econômico, político e social integrado. Estamos construindo um projeto de longo prazo, que dependerá do empenho desta e das futuras gerações. Não podemos nos render aos interesses imediatistas ou às dificuldades conjunturais, mas a integração não pode ser assimétrica. Ela só será efetiva se tivermos a ousadia de buscar soluções que atendam aos objetivos de todos, especialmente para os menos favorecidos, afinal de contas, isso é o que estamos fazendo no nosso próprio País.

Estamos alargando a nossa ação diplomática na América Latina e no Caribe, na África e nos países árabes. Assumimos um papel de liderança na missão de paz da ONU no Haiti e, juntamente com os nossos parceiros da região, queremos oferecer um novo paradigma de solidariedade na reconstrução de um país irmão. Com a África do Sul e a Índia criamos um foro inovador de diálogo político e cooperação trilateral, o IBAS. Somos três grandes democracias, três sociedades multiétnicas e multiculturais de três continentes diferentes.

Estou empenhado na retomada das relações com a África, continente no qual visitei 17 países. Era inconcebível que o Brasil, por sua história e por sua cultura, tivesse virado as costas para nossos irmãos africanos. Fui o primeiro Presidente da República a visitar oficialmente o Oriente Médio. Esses movimentos de reencontro estão sendo feitos em parceria com toda a América do Sul.

Em 2005, o Brasil sediou a Cúpula América do Sul - Países Árabes, enquanto a Nigéria realizou, em 2006, a primeira Cúpula África - América do Sul. Estamos criando canais de diálogo direto com nações distantes para identificar oportunidades de comércio e de investimento que permitam aos nossos países explorar as possibilidades da economia global. Pouco a pouco vamos criando uma identidade para o continente sul-americano, que favorece a projeção de uma nova imagem para a nossa região em todo o mundo.

A cooperação Sul/Sul ajuda a construir uma nova geografia econômica mundial, não excludente, genuinamente global, que se funda em parcerias para promover a paz, a justiça e o desenvolvimento integral de todos os povos. Essa orientação não nos afastou dos países desenvolvidos. Pelo

contrário, fortaleceu nossa capacidade de interlocução com eles. Cada vez mais somos procurados para expressar nossas opiniões e para trabalhar em iniciativas conjuntas.

É esse o sentido do convite para que o Brasil volte, pela quarta vez, a participar este ano, na Alemanha, da Cúpula Ampliada do G-8, com as principais economias emergentes. Os países ricos sabem que não se pode falar em governança global sem a participação de países em desenvolvimento nas instâncias decisórias mundiais. Não tenho dúvidas de que a nossa ação internacional contribuiu para reforçar a consciência de que a inclusão das grandes nações do Sul nesse diálogo não é apenas saudável, mas indispensável.

Nosso diálogo com os Estados Unidos vai muito além dos biocombustíveis. Em São Paulo e em Camp David, discuti com o Presidente Bush projetos para revigorar as relações bilaterais e iniciativas de cooperação com terceiros países, além dos grandes temas multilaterais. Com a Europa temos uma relação diversificada que desejamos aprofundar, com o estabelecimento de um mecanismo de diálogo de alto nível, estratégico, por ocasião de minha próxima visita a Bruxelas.

Pretendo relançar as negociações para um acordo de Associação Mercosul - União Européia, tão logo seja concluída a Rodada de Doha. No ano que vem, vamos comemorar 100 anos da integração japonesa no Brasil. Estamos amadurecendo diversos projetos que vão do etanol à TV Digital, que espelham o quanto os nossos dois povos podem alcançar juntos.

Minhas senhoras e meus senhores,

O Brasil justo e solidário que estamos construindo dificilmente prosperará num ambiente internacional marcado por uma globalização desigual e arbitrária. Na ONU, entendemos que a expansão do Conselho de Segurança deve acontecer logo para torná-lo mais representativo e legítimo. Graças, em parte, ao G-4, a reforma do Conselho já não parece tão distante.

Na OMC, por meio do G-20, fomos capazes de articular aspirações diferentes de países em desenvolvimento em torno de uma agenda comum. Apesar do ceticismo inicial, a atuação construtiva do grupo é agora amplamente reconhecida. O G-20 está no centro das negociações da Rodada de Doha, que esperamos concluir com êxito o quanto antes. Isso

ajudará a reduzir a fome e a pobreza no mundo, uma bandeira que desde 2003 tenho levado comigo e que hoje se incorporou definitivamente à agenda internacional. Foi essa a razão que nos levou a lançar, com outros países, a Ação Internacional Contra a Fome e a Pobreza, que desenvolve hoje iniciativas concretas.

Meus caros formandos,

O projeto que traçamos é de longo prazo, dependerá do empenho desta e de futuras gerações. Não há outro caminho para o Brasil e para a América do Sul, fora a construção de um espaço economicamente integrado e socialmente solidário. Por esta razão, o Mercosul continua sendo o principal eixo de nossa estratégia de inserção regional. Mas a realidade internacional está sempre mudando. Precisamos, por isso, estar preparados para o novo.

Devemos ter uma cooperação mais ativa entre os chamados BRICs. O Brasil precisa, também, se aproximar da Ásia, a região do mundo que mais cresce. Com a China, a Índia e o Japão já temos parcerias adiantadas. O Sudeste asiático é uma fronteira que temos que desbravar melhor.

Em agosto sediaremos a terceira reunião ministerial do Fórum de Cooperação América Latina x Ásia do Leste, conhecido como Focalal. Aproveitaremos para promover contatos do Mercosul com a Ásia. No campo das mudanças climáticas, é inadmissível que as populações dos países pobres sejam as principais vítimas do aquecimento global causado pelos países industrializados.

A aposta brasileira nos biocombustíveis faz parte de nossa atuação diplomática. Oferece ao mundo alternativas para a dependência em relação aos combustíveis fósseis não-renováveis e não disponíveis que aflige a maioria dos países do mundo. É uma fonte de energia que queremos difundir de maneira solidária, em benefício de todos mas, sobretudo, das regiões mais carentes do nosso Planeta.

Além de reduzir as emissões de gases poluentes, os biocombustíveis têm grande potencial para a geração de renda e de riqueza na agricultura dos países em desenvolvimento, sem comprometer sua segurança alimentar. Favorecem a cooperação ao projetar, no campo internacional, uma experiência nacional bem-sucedida. Refletem, por fim, um compromisso central do meu governo, do crescimento com eqüidade para todos.

Queridos formandos,

Somente poderemos concretizar nossas ambições como indivíduos e como nação se tivermos a coragem de romper, sem preconceitos, com padrões ultrapassados. Essa é a boa tradição do Itamaraty. Faz parte, também, da boa tradição desta Casa, o respeito a valores universais como a paz, a defesa do direito internacional, dos direitos humanos e do multilateralismo. A tarefa diplomática está cheia de desafios, de incertezas, de momentos de solidão. Em quaisquer circunstâncias, o trabalho de vocês sempre será facilitado pela fidelidade aos princípios universais de que é feita a nossa diplomacia e pelo compromisso maior de todos vocês com o país que representam no mundo, o nosso querido Brasil.

Tenho certeza de que vocês estarão à altura desse grande desafio. Vocês já deram uma demonstração de que estão afinados com essa visão renovadora ao escolher, como patronesse da turma, a primeira mulher a ingressar no Itamaraty, Maria José de Castro Rabelo Mendes. Os formandos dessa turma, assim como todos os diplomatas desta Casa, têm a elevada missão de dar sentido concreto às aspirações nacionais no plano internacional. Assumiram o compromisso com o Brasil, e a nação conta com vocês.

Meus amigos e minhas amigas,

Eu agora queria falar um pouco do que aprendi nesses quatro anos como Presidente, nas viagens que fiz, e o que espero dos nossos diplomatas. Eu penso que, durante muito tempo, nós mesmos aprendemos que deveríamos ter relações privilegiadas com determinados países e não tão privilegiadas com outros países.

Quando o Brasil cresce economicamente, enquanto o Brasil se fortalece politicamente, é importante que cada companheiro ou companheira, diplomata brasileiro, tenha consciência de que quanto maior for a inserção do País no mundo, mais aumenta a responsabilidade de vocês. Quando vocês chegarem a um país qualquer como embaixadores e o Brasil estiver politicamente reconhecido no mundo, estejam certos de que a embaixada brasileira se tornará ponto de encontro para discussões de políticas globais, o que durante muito tempo não foi feito porque o Brasil tinha assumido a responsabilidade de agir como se fosse um país pequeno. E quanto mais um país for representativo, mais solidariedade e mais humildade.

Solidariedade, sabendo que nós temos que ter política para ajudar os países menores, e humildade para tratar os pequenos com a mesma grandeza com que tratamos os países grandes. A mim não importa que tenhamos um embaixador em São Tomé e Príncipe e um embaixador em Nova Iorque, a mim importa que, independentemente do continente em que estejam, independentemente da sua população ou do seu PIB, a diplomacia brasileira precisa tratá-los em igualdade de condições, levando em conta, obviamente, as diferenças do que está sendo negociado.

Eu disse, na última vez em que estive aqui no ano passado, e vou repetir agora: talvez Celso, não sei se você, o Samuel ou outro embaixador mais experiente, têm a dimensão de como o Brasil é visto no mundo hoje. Eu levo como imagem a construção do G-20, eu levo como imagem o resultado da reunião de Cancún, em que não faltaram ao Brasil aqueles que tentaram passar a idéia do fracasso da diplomacia brasileira quando se construiu o G-20. Num primeiro momento, alguns países que entraram no G-20 em Cancún se afastaram logo, porque receberam pressão para se afastar. Num segundo momento, não só esses países que tinham se afastado voltaram, como o G-20 hoje é condição fundamental para qualquer grande acordo internacional, não apenas por mérito brasileiro, mas porque o Brasil participa do G-20 com ações que representam mais da metade da população mundial. São países que têm importância econômica no mundo, têm importância militar, têm importância tecnológica e têm, sobretudo, importância política no mundo.

Vocês, assumindo a diplomacia brasileira, irão perceber e precisarão fazer mais sacrifícios do que outros embaixadores fizeram em outra época, porque certamente terão muito mais trabalho do que já tiveram outros embaixadores. Mas, de qualquer forma, vocês também irão perceber logo no início que serão levados em conta muito mais rapidamente do que outros foram em outra época. Sabem por quê? Eu dei um conselho da outra vez e vou dar outro: nunca aceitem a submissão, nunca aceitem que alguém fale mais grosso que vocês. Pode-se falar mais grosso por falta de educação, aí a gente não tem que se igualar, mas em se tratando de política, em se tratando de diplomacia, nós não somos nem maiores, nem menores que ninguém, nem mais, nem menos importantes. Nós somos, antes de tudo, brasileiros e brasileiras a serviço do nosso País. Queremos respeitar todo mundo, mas queremos ser respeitados e queremos, ao mesmo tempo, fazer com que a voz desta nação seja ouvida em todos os quadrantes do mundo.

Por isso, meus parabéns mais uma vez. Vocês, agora, vão colocar a mão no fogo para valer. Eu lembro que quando discuti com o Celso Amorim a necessidade de ampliar o quadro de funcionários do Itamaraty, de levar embaixadas brasileiras para os países, se pudermos levar para todos, porque essa é uma forma de você aumentar a sua inserção nesse mundo globalizado. Não é você ter 30 embaixadores disputando para ver quem vai para Washington, quem vai para Paris, e não ter nenhum querendo ir para São Tomé e Príncipe ou para outro país menor economicamente e do ponto de vista populacional. Nós temos que ir para todos os países.

E eu ainda sonho mais, Celso. Eu acho que nós vamos ter que retomar a política que este País já teve, de comprar as nossas embaixadas, porque no passado... quando a gente viaja hoje para a Argentina ou viaja para outro país qualquer e encontra a embaixada brasileira, é motivo de orgulho, porque há algum tempo atrás alguém teve a coragem de comprar aquilo, porque significava o Brasil fincando o pé ali definitivamente. Ninguém vai reconhecer uma embaixada que muda a cada dois anos, a cada três anos, a cada quatro anos, ou seja, as pessoas desabituam a ver a bandeira nacional. É importante que a embaixada brasileira seja uma marca na cidade e no país em que nós estamos. Eu digo isso porque Getúlio Vargas teve coragem de comprar quase todas as embaixadas que nós temos. De uns tempos para cá, nós passamos a alugar. E a gente vai perceber que depois de dez anos pagando aluguel, a gente pagou o preço da embaixada que poderia ser nossa. Eu não sei qual é o falso moralismo ou qual é a implicância de que um país como o Brasil não pode comprar embaixada lá fora.

Eu acho que nós precisamos voltar a discutir isso. Eu, por exemplo, tomei conhecimento do caso da Alemanha, um prédio que a gente já poderia ter pago, se tivéssemos comprado, mas por conta não sei do quê, estamos até hoje pagando aluguel. E vamos pagar aluguel, porque não é propriedade nossa. Comprar os nossos próprios, nos países estrangeiros, é uma demonstração de que a gente está naquele país definitivamente, com marca registrada: a cara do Brasil, a bandeira do Brasil, a casa do Brasil.

Boa sorte.

Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,
Dona Marisa,
Ministra Nilcéa Freire,
Minha mulher Ana,
Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães,
Embaixador Fernando Guimarães Reis,
Professora Sarah Walker, Paraninfa da Turma,
Ministro Waldir Pires, que nos honra também com a sua presença,
Embaixador Guy Mendes Pinheiro de Vasconcelos,
Senhores e Senhoras Embaixadores,
Senhores Diplomatas,
Meus queridos formandos,

Eu queria dizer umas poucas palavras na abertura desta cerimônia, que é importante não só para os que se formam, mas para o próprio Itamaraty, para a instituição, porque é um momento de renovação da própria casa. Queria manifestar a alegria de receber os jovens colegas, alegria de ver também entre os novos colegas – uma turma, creio, de vinte e nove alunos – cerca de um terço de mulheres, o que é também um símbolo de renovação da nossa casa. Uma alegria que, naturalmente, é simbolizada pelo fato de termos a diplomata Maria José Mendes Pinheiro de Vasconcelos reconhecida como a primeira mulher a

ingressar no Itamaraty. Uma história em si mesma interessante, pela luta, pela dedicação, pelo debate que despertou na época. O Jornal do Brasil, que é um dos jornais daquele período que ainda sobrevivem, defendeu o caso (Carlos de Laët, que era um grande jornalista daquela época, defendeu a entrada, também com o apoio de Rui Barbosa, que deu parecer jurídico favorável), mas também um jornal que infelizmente não existe mais, o jornal A Rua – cujo nome é significativo, por um lado, mas que não espelhava a visão do povo, provavelmente apenas de uma parte da elite –, chegou a dizer que o Itamaraty estava sofrendo de uma perigosa tendência feminista. Não sei se essa mesma crítica se faria nos dias de hoje, mas é sem dúvida alguma um sinal dos tempos, não só porque temos uma turma com tantas mulheres, mas também uma turma que tomou a decisão de homenagear as mulheres.

Presidente Lula, o seu Governo tem sido, nesse aspecto, muito inovador. Pela primeira vez temos uma situação em que cerca de 10% das chefes de missão são mulheres. Pela primeira vez tivemos duas subsecretárias mulheres ("sub" pode parecer pouco, mas subsecretários podem algumas vezes assumir o Ministério como Ministros Interinos, embora por pouco tempo, mas, de qualquer maneira, isso já ocorreu). Pela primeira vez, temos também uma chefe de gabinete que é mulher. Temos, igualmente, uma Embaixadora nas Nações Unidas. Todos os que visitarem nossa missão – não agora, mas daqui a cinco, seis anos – poderão ver, naquela galeria de retratos, o retrato da Maria Luiza, que é a primeira mulher nomeada Embaixadora nas Nações Unidas.

Refiro-me a esses temas, Nilcéa, porque creio que nisso não vai nenhum favor, nem a rigor nenhum esforço especial da administração. Basta que nós não permitamos que preconceitos se manifestem, porque o preconceito é algo que, por natureza, ninguém reconhece. Preconceito é algo latente, inconsciente, que nos exige esforço e policiamento para não se manifestar. Bastou, portanto, afastar o preconceito para que as mulheres emergissem sem nenhuma necessidade de favor ou de alguma ação especial. Há outro aspecto, porém, das discriminações na nossa carreira sobre o qual temos que fazer algo mais. Apenas começamos. E eu até lamento que não esteja hoje aqui a minha querida amiga Matilde Ribeiro porque, como mulher e negra, ela sofre de dupla discriminação. Ou seja, ela simboliza uma parte da população que sofre de dupla discriminação.

Temos procurado também avançar na questão racial. Temos tido programas de ação afirmativa desenhados de maneira muito especial, porque

eles visam, ao mesmo tempo, assegurar o mérito mediante programas – cujos detalhes não vou descrever, mas que muitos conhecem – de bolsas de estudo. Temos conseguido aumentar o número de negros, de afro-descendentes na nossa instituição. Eu queria dizer que isso também não é nenhum favor aos indivíduos que são afro-descendentes. Trata-se de uma necessidade do País, de uma necessidade do Itamaraty, de uma necessidade da instituição, que deve não só reconhecer-se como uma entidade dotada de alta capacidade técnica e intelectual, mas também ver-se como instituição que reflita o que realmente somos, que reflita qual é o Brasil que nós representamos.

Preciso dizer, em reconhecimento também ao trabalho feito por muitos antecessores, que bastante já foi feito. Eu me lembro ainda – bem como alguns colegas que estão aqui devem lembrar-se – de quando eu entrei para o Itamaraty, época em que 90% ou eram cariocas ou tinham ido para o Rio de Janeiro antes e estudaram lá. Mas não eram bem do Rio de Janeiro, eram de um pedaço do Rio de Janeiro que ia do Flamengo ao Leblon. Fora disso, era uma ou outra exceção que entrava para o Itamaraty. Muitos progressos foram feitos durante esses anos. Nós temos hoje uma grande representação regional do Brasil, pelos perfis de todos os Estados, mas temos sentido que ainda, em alguns aspectos, há caminho a percorrer. E para concretizar um desejo seu, Presidente, de termos uma sociedade igualitária em todos os aspectos, inclusive no aspecto étnico-racial, ainda há um caminho a percorrer. Fica o desafio para o nosso Embaixador Fernando Reis, que tem participado ativamente desse processo. E eu, Presidente, creio que, em um dia como hoje, não devo expandir nas palavras, pois as pessoas querem ouvir depois as dos formandos, paraninfos e homenageados. São as suas palavras que interessam, que contam. Mas eu queria também fazer dois outros comentários: um, sem procurar criar nenhuma sigla nova, mas, de uma maneira quase que espontânea, ao ver as notas para esses meus comentários, ocorreram-me três "R's". Lembro-me aqui dos três "D's", do famoso e saudoso Embaixador Araújo Castro: desenvolvimento, desarmamento e descolonização. Eu me lembrei de três "R's" hoje: reforma, rejuvenescimento e renovação. Isto é o que o seu Governo, por meu intermédio, do Secretário-Geral, do Diretor do Instituto Rio Branco, de todos os Embaixadores, tem procurado fazer.

É muito importante que os jovens sintam não apenas que entraram para uma carreira na qual, desde o primeiro momento, poderão ter funções importantes (porque na vida do diplomata é assim: o mais jovem Terceiro-

Secretário já é chefe. Como dizia o Embaixador Silveira, onde quer que haja a plaquinha do Brasil e alguém diante dela esteja falando em um foro internacional, essa pessoa já tem uma grande responsabilidade), mas é importante que também percebam que podem ascender aos postos mais altos da casa.

Eu, Presidente, enquanto merecer a sua confiança, continuarei empenhado nesse trabalho de renovação da carreira. Um exemplo incidentalmente mencionado é o da Embaixadora Maria Luiza, mas há muitos outros. Isso sem prejuízo de podermos contar, de alguma forma, com a sabedoria daqueles que são experientes. Mas é preciso complementá-la com a energia e a criatividade dos jovens.

Presidente, eu queria simplesmente, para finalizar, dizer que todo esse grande esforço que nós temos feito em relação à carreira (esta turma é de 29 alunos, mas a próxima já será de 100, porque nós estamos, num período de quatro anos, aumentando os quadros em 400 vagas) está sendo imitado, inclusive, por outros países. Esse esforço todo não teria sentido se não fosse para executar uma política externa que realmente nos inspira. A política externa, Presidente, eu não diria apenas que é o combustível, mas que é o biocombustível da nossa ação, da dedicação dos diplomatas a essa função tão importante. Sem entrar em grandes detalhes, eu diria que caberá a Vossa Excelência, se assim o desejar, fazer algum balanço ou alguma projeção para o futuro. Mas eu queria dizer que a nossa política externa, sob sua condução direta (eu digo direta porque sei do interesse que Vossa Excelência dedica ao tema) quebrou tabus, rompeu desafios, aprofundou posições que eram processadas, mas que não eram levadas adiante com tanta intensidade – como a integração da América do Sul. A atual política externa também desvendou novos horizontes, com países ricos e com países pobres: criamos o G-20 e contamos com o G-4 (aliás, há dois livros novos sobre o G-20 e sobre o G-4 que serão distribuídos, espero que ainda hoje).

Portanto, Presidente, é uma política externa que realmente causa orgulho por ser também o complemento indispensável de uma política interna, de uma ação interna do Governo voltada para uma reforma social e democrática. O seu Governo, Presidente Lula, busca igualdade sem suprimir a liberdade. Ele busca o diálogo sem ter medo da crítica. Eu diria que isso para nós todos – e para mim, pessoalmente, como o diplomata mais velho, já aposentado – é motivo de grande honra. Sinto que todos podem sentir-se muito honrados de estar servindo a este país neste momento histórico. No mais, eu queria

também dar a minha palavra de felicitações aos jovens que entram para a carreira, aos pais, que tanto se esforçaram, aos demais parentes que estão aqui e agradecer, mais uma vez, Presidente, o apoio que Vossa Excelência tem dado à casa de Rio Branco.

Discurso da Paraninfa, Sara Walker

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimos Senhores Chefes de Missões Diplomáticas,
Excelentíssima Senhora Secretária Especial de Políticas para as Mulheres,
Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores,
Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral das Relações Exteriores,
Excelentíssimo Senhor Diretor do Instituto Rio Branco,
Estimados Colegas do Corpo Docente,
Senhoras e Senhores,
Caros formandos,

É com alegria que aceito o convite dos jovens diplomatas da turma "Maria José Mendes Pinheiro de Vasconcellos" de paraninfá-los nesta cerimônia. Segundo a tradição acadêmica, cabe à paraninfa dar a mão aos formandos num importante rito de passagem: a entrada na vida profissional.

Gostaria de salientar o gênio especial desta turma para as línguas estrangeiras. É uma grande honra, também, ser paraninfa de um grupo tão brilhante, em que um papel de particular destaque coube ao elemento feminino.

Meus queridos formandos,

Celebramos hoje mais uma vitória da mulher na vida profissional. Homenageamos a *patronesse* da turma, Maria José Mendes Pinheiro de Vasconcellos, a primeira mulher a ingressar no Itamaraty. Apesar de conquistar primeiro lugar no concurso público de provas de 1918, Maria José encontraria pedras no seu caminho: estava apenas no princípio de uma jornada de desafios, obstáculos e dificuldades. Foi obrigada a lutar para ser admitida no Ministério, e só teve sucesso graças ao apoio e ao interesse pessoal de Rui Barbosa, que defendeu seu direito de assumir o cargo, ao insistir que a frase "todos os brasileiros", na Constituição de 1891, incluía mesmo todos os cidadãos, sem discriminação de gênero.

A conquista de Maria José, porém, não seria definitiva. Em 1938, uma reforma administrativa reservava o exercício da diplomacia a brasileiros natos do sexo masculino. Foi apenas em 1954, já com o Instituto Rio Branco em pleno funcionamento, que foi consagrado o direito de todos os brasileiros, homens e mulheres, de ingressar na Carreira de Diplomata.

Caros formandos,

Neste dia tão especial, quero lembrar o caminho, a travessia que trilhamos juntos no Instituto Rio Branco. Considero vocês também educadores: o diplomata tem a função primordial de instruir os cidadãos de outras nações sobre as belezas, as sutilezas e a rica vida intelectual de seu país. Cabe a vocês mostrar ao mundo o que sucessivas gerações de diplomatas têm ensinado a mim: que a cultura brasileira vai muito além do futebol e do carnaval, e que a paz, a solidariedade e a compreensão fazem parte da índole do brasileiro.

Neste momento queria prestar a minha homenagem pessoal a um dos meus queridos mestres, o amigo Embaixador Augusto Estellita Lins, escritor, poeta e educador exemplar, falecido na semana passada. Grande professor do Instituto Rio Branco durante muitos anos, ele será lembrado com saudades por seus inúmeros alunos, colegas, e amigos.

As mulheres sempre tiveram uma presença marcante no campo da educação. Uma delas, a grande Cecília Meireles, lutou no século vinte contra as tendências repressivas do Estado Novo no campo educacional. Queria usar as palavras da poeta Cecília (recusando-me a chamá-la de "poetisa", por achar o termo discriminatório) que falou:

"O educador tem de ser um acordador de energia..."

Na formação de um mundo melhor, os educadores entram com a força da sua esperança, crendo que, na marcha das gerações, se irá operando uma transformação lenta, mas segura de ideologia dos homens e dos povos, aproximando-se de uma condição mais perfeita, num mundo mais feliz.

O Instituto Rio Branco tem um lugar de destaque na educação nacional. Ao transformar o Curso de Preparação à Carreira de Diplomata em curso de Mestrado, a partir de 2002, o Instituto reforçou a sua vocação acadêmica. Hoje, o Instituto reúne tradição e renovação num curso superior exemplar por sua excelência no ensino público. Como educadora, orgulho-me de fazer parte desta tradição já ao longo de muitos anos. Acompanhei com muita satisfação as sucessivas providências para democratizar o acesso à carreira, à medida que o país restabelecia e fortalecia sua vocação democrática.

A propósito da democracia, permito-me uma recordação pessoal. Em um dia de 1984, os futuros diplomatas chamaram-me a deixar a sala de aula para assistir um acontecimento marcante da história brasileira. Pela janela do oitavo andar do prédio do Itamaraty, sede do Instituto Rio Branco, àquela época, vi centenas, talvez milhares, de cidadãos brasileiros, sentados na grama em frente ao Congresso Nacional, numa manifestação perfeitamente pacífica. Formavam em corrente humana as palavras "Diretas já". Do oitavo andar do Ministério, presenciei a história a se fazer.

A democratização do acesso à carreira diplomática abrange o concurso de bolsas-prêmio para afro-descendentes, num modelo inteligente e bem elaborado de ação afirmativa. A almejada ampliação das faixas da população aptas a se candidatar à carreira de diplomata leva a refletir sobre o papel das línguas estrangeiras no ensino público e na sociedade brasileira. O brasileiro (e hoje quero enfatizar, a brasileira), com seu talento natural, têm uma particular aptidão para a aprendizagem das línguas estrangeiras.

Senhor Presidente,

Regozijo-me com os avanços na área da educação brasileira. A aprovação do FUNDEB é uma conquista que abre novos horizontes para a qualidade do ensino neste país. Precisamos de visão, de vontade política e de planejamento ousado, para resgatar o ensino das línguas estrangeiras no sistema público de educação.

A democracia e a inserção do Brasil no mundo globalizado têm muito que ver com o papel das línguas estrangeiras na educação pública e na formação do diplomata. Alegro-me com a ênfase lingüística evidenciada na criação da Comunidade de Países de Língua Portuguesa. Congratulo-me pelo esforço do Itamaraty de apoiar o ensino do português em outros países. Considero um avanço a lei do espanhol, aprovada em agosto de 2005, que determina a inclusão desse idioma no currículo do Ensino Médio. Porém, lamento o fato de o espanhol ter-se tornado obrigatório no Brasil, quando o inglês ainda é facultativo. Devemos dar prioridade para as duas línguas e vislumbrar um futuro poliglota, no qual os nossos alunos possam se formar na educação básica já com bom domínio de pelo menos esses dois idiomas estrangeiros.

Tive o prazer de trabalhar, durante dois anos, com a Secretaria de Educação do Estado do Tocantins, num projeto de capacitação de professores de inglês. O nosso objetivo era, e ainda é, melhorar a aprendizagem da língua inglesa no Ensino Médio na rede pública do estado. Apesar das dificuldades enfrentadas por um estado nortista sem grandes recursos financeiros, a prioridade dedicada ao ensino da língua inglesa oferece um exemplo brilhante para outros estados do país.

Senhor Presidente,

Vivemos no mundo da comunicação instantânea. O Brasil se empenha em estreitar suas relações com cada vez mais países, preparando-se para enfrentar o grande salto econômico que o levará definitivamente para o primeiro mundo. Nesse contexto, precisamos dar prioridade, na área educacional, ao investimento no ensino dos idiomas estrangeiros, principalmente do inglês. É imprescindível um esforço nacional, talvez nos moldes do plano de país bilíngüe adotado pelo Chile, para estimular uma aprendizagem eficaz e duradoura. A diplomacia, com certeza, poderá ajudar nesse esforço, ao fomentar programas de intercâmbio internacional para os professores e para os alunos da rede pública.

Se a inclusão social é a missão da escola pública, a melhor inserção do Brasil no cenário internacional é a missão da política externa. Quero vislumbrar um futuro em que qualquer aluno, sem distinção de gênero ou de classe social, formado no ensino básico público de qualquer estado, possa ter suficiente domínio de duas ou mais línguas estrangeiras para se candidatar em igualdade

de condições ao concurso do Instituto Rio Branco. Assim, então, teremos um acesso verdadeiramente democrático à carreira de diplomata.

Meus caros formandos,

A vocês, que tão bem dominam no mínimo três línguas estrangeiras, o inglês, o francês e o espanhol, desejo, para o futuro, o conhecimento de outras línguas, tais como o chinês e o russo, para que possam participar das negociações no contexto dos BRICs. Desejo, principalmente às mulheres diplomatas, um futuro sem pedras no caminho, para que venham a ascender ao topo da carreira. Peço a todos que nunca se esqueçam de sua vocação de educadores, ao transmitir os valores brasileiros mundo afora.

Para finalizar, dedico a vocês mais um pensamento de Cecília Meireles:

Não sejas o de hoje.
Não suspires por ontens...
Não queiras ser o de amanhã.
Faze-te sem limites no tempo.

Muito obrigada.

Discurso da Oradora,
Secretária Daniella Conceição Mattos de Araújo

Excelentíssimo Senhor Presidente da República,
Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado das Relações Exteriores,
Excelentíssimo Senhor Ministro de Estado da Defesa,
Excelentíssima Senhora Secretária Especial de Políticas para as Mulheres,
Excelentíssimo Senhor Secretário-Geral das Relações Exteriores,
Excelentíssimo Senhor Diretor-Geral do Instituto Rio Branco,
Estimados Professores,
Senhoras e Senhores,
Queridos colegas de turma,

Os breves anos que separam o dia de hoje do momento em que, pela primeira vez, ingressamos na Casa de Rio Branco assistiram a profundas transformações em nossas vidas. Para muitos de nós, a vinda para Brasília significou deixar para trás terra natal, família e amigos em nome de um sonho.

Ocupamos as salas de aula do Instituto Rio Branco com entusiasmo para aperfeiçoar, com o auxílio dos mestres, nossos conhecimentos sobre o Brasil. Não custou muito até descobrirmos que a primeira grande lição se encontrava em meio às nossas próprias carteiras, na convivência com colegas de formação acadêmica diversa e de diferentes regiões do país. Convivência ainda mais enriquecida pela presença de cinco alunos de países amigos: Argentina, Chile, Cuba, República Dominicana e São Tomé e Príncipe. A

coexistência em um meio diversificado nos mostrou os limites da visão individual, do olhar particular, apurando nossa sensibilidade para o exercício de voltar-se para o outro, esforço constantemente reclamado pela atividade diplomática.

No entorno físico, para a grande maioria de nós, uma cidade diferente, uma paisagem urbana cuja concretude delata uma visão particular de Brasil. Manifestação da modernidade, retrato fino de uma época em que a estética do novo erigia expectativas e esperanças para o país, em formas retas e espaços amplos. A cidade também foi mestra ao nos ensinar como tempo e espaço podem configurar o entendimento humano.

No período em que freqüentamos as salas do Instituto Rio Branco, enriquecemos o olhar sobre nossa pátria. Hoje, já atuantes no ofício diplomático, empreendemos a difícil tarefa de ajudar a traduzir o Brasil para o mundo e o mundo para o Brasil. Se outrora aqui entramos engenheiros, dentistas, economistas, músicos ou bacharéis em outras áreas do conhecimento, hoje podemos afirmar: somos diplomatas.

"O que aprendemos refaz e reorganiza nossa vida", ponderou certa vez Anísio Teixeira. De fato, nossas vidas já não são mais as mesmas. Muito devemos por isso a familiares, amigos, e à direção, ao corpo docente e aos funcionários do Instituto Rio Branco. Os quadros docentes do Instituto, em seus 62 anos de existência, reafirmam o propósito de formação acadêmica que privilegia saber em sintonia com espírito de constante renovação. Dedicação, profissionalismo, rigor e permanente busca pelo aperfeiçoamento, temperados por doses generosas de bom humor e suavidade são os valores que, condensados na pessoa da paraninfa de nossa turma, Professora Sara Walker, aprendemos a respeitar, valorizar e perseguir como metas pessoais no curso de nossas carreiras. A Professora Sara, que contabiliza este ano 30 anos de serviços prestados a esta Casa, tem sido, não apenas para a nossa turma, mas também para muitas outras que vieram antes de nós, a prova viva de que disciplina e constância na aplicação de objetivos são o melhor caminho para converter esforço em um conjunto produtivo de ações a serviço de um bem maior.

Senhor Presidente,

Mais do que rito de passagem, a cerimônia de formatura do Instituto Rio Branco é ocasião oportuna para reflexão. Tornamo-nos diplomatas

em um momento em que a política externa ocupa posição central no debate da política doméstica. Longe vão os tempos em que não era descabido afirmar que as questões internacionais estavam alheias às preocupações quotidianas da sociedade. A consolidação das instituições do país abre caminhos para que organizações se articulem em torno de temas de interesse direto da população. Meio ambiente, saúde, violência urbana – tópicos sabidamente não circunscritos ao domínio dos territórios nacionais – inserem-se em uma cadeia de relações que podem ser mais amplamente compreendidas no espaço de iniciativas de intercâmbio entre parlamentos, ministérios ou setores não-governamentais. Na medida em que se multiplicam os canais de comunicação do Brasil com o mundo, somos chamados a buscar com a sociedade novas fórmulas para a inserção externa do país.

Mais complexas são as nossas atribuições, maior é a nossa responsabilidade. Exige-se do diplomata brasileiro que exceda a suas atribuições tradicionais de informar, representar e negociar junto a Estados estrangeiros e organismos internacionais.

Em tal contexto, valores para nortear e dar sentido à ação da diplomacia são indispensáveis. São os valores que nos indicam a direção do caminho, o sentido do percurso e a velocidade do passo. Tomando emprestadas palavras do mestre Guimarães Rosa, "que ninguém se iluda, o real está na travessia". E é na travessia, não na chegada, que nos deparamos com a realidade do fazer diplomático, traduzida no fiel cumprimento dos interesses do Estado brasileiro.

Os valores nos sustentam e moldam nossas escolhas, porém é o caminho que se converte na materialização tempestiva dos ideais que perseguimos. Muitas dificuldades afiguram-se quando nos dedicamos a concretizar os ideais dos direitos fundamentais e da dignidade do ser humano. Dificuldades que não nos devem desalentar, posto que, se é fundamental a atuação do diplomata em um mundo com valores que se busca deturpar ou renegar; num mundo sem valores, é forçoso admitir, nada há que fazermos. Justamente nos momentos trágicos de cerceamento de liberdades, do uso indiscriminado da força e da ocorrência de arbitrariedades é que têm sido de importância crucial os princípios de tolerância, de solidariedade e a resistência à opressão.

Inspirados, portanto, em tais valores, escolhemos para patronesse de nossa turma a Senhora Maria José Mendes Pinheiro de Vasconcellos,

primeira mulher a ingressar nos quadros da diplomacia brasileira em 1918, por concurso público de provas, não sem antes travar, por sua candidatura, batalha que só chegou ao fim pela intercessão de Rui Barbosa. O jurista sensibilizou o governo a deliberar em favor da aspiração da Senhora Maria José e o então Ministro das Relações Exteriores, Nilo Peçanha, proferiu despacho em que ratificava a defesa de Rui Barbosa, argumentando que se no âmbito da política, as mulheres podiam ser rainhas e imperatrizes, não havia razão de não poderem exercer cargos públicos caso demonstrassem mérito para tanto.

A luta das mulheres no Brasil, e em todo o mundo, é um dos melhores exemplos da busca por valores que nos levem ao encontro de uma sociedade mais justa e mais igualitária. Quiséramos falar que hoje não há mais discriminação ou violência contra as mulheres, quiséramos falar em igualdade de gênero não como uma meta a ser perseguida, mas como um valor conquistado em nossa sociedade. Sabemos que ainda há muito a se fazer. Porém, se soubermos ver na travessia a concretização dos ideais, são notáveis os avanços. 63% dos formandos em cursos universitários no Brasil, hoje, são do sexo feminino, assim como 53% dos concluintes do ensino médio. Vossa Excelência tem se empenhado em ações como o Plano Nacional de Política para as Mulheres, que em três anos lançou iniciativas nos campos educacional, da saúde e do ambiente de trabalho para beneficiar inúmeras brasileiras.

Queremos vislumbrar um cenário em que gênero, etnia e religião não sejam óbices ao desenvolvimento pleno das potencialidades de cada indivíduo. Não é a vitória absoluta que nos anima, mas as pequenas conquistas que pudermos granjear a cada dia de trabalho.

Nesta direção e neste sentido encontramos a realidade do fazer diplomático, que se traduz sumamente em servir aos melhores interesses de nosso povo. Parafraseando o poeta Fernando Pessoa, gostaria de ousar dizer que não esperamos vencer. Vencer é conformar-se, é ser vencido, é submeter-se. Os vencedores ficam satisfeitos, e satisfeito só pode estar aquele que se conforma, que não tem a mentalidade do vencedor. Vence só quem nunca consegue.

Permito-me assim desejar que possamos sempre estar empenhados na travessia, com a humildade de desejar que as conquistas não nos dêem a falsa sensação de dever cumprido e que jamais nos conformemos, porque sabemos que há permanentes caminhos a percorrer.

Senhor Presidente,

É, portanto, com o espírito desprendido que, diante de Vossa Excelência, professamos nossa determinação em lutar sempre com o espírito dos que não venceram, sem nunca nos darmos por vencidos, na certeza de que o ideal de uma sociedade mais justa e mais fraterna só pode ser construído com permanente inconformismo e com um profundo sentimento de solidariedade.

Muito obrigada.

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia
Alunos da Turma Maria José Mendes Pinheiro de Vasconcellos - 2004-2006

Beatriz Augusta de Sousa Vasconcelos Goes
Camila Silva Leão D'Araújo Olsen
Carlos Ribeiro Santana
Carolina de Cresce El Debs
Carolina Hippolito Von Der Weid
Daniella Conceição Mattos de Araújo
Dario André Sensi
Durval Cardoso de Carvalho Junior
Durval Luiz de Oliveira Pereira
Eduardo Teixeira Souza
Franklin Rodrigues Hoyer
Helio Silva filho
João Ernesto Christófolo
Kaiser Pimentel de Araújo
Leticia Frazão Alexandre
Luciana Magalhães Silva dos Santos
Luis Fernando Corrêa da Silva Machado
Míriam de Castro Rodrigues Leitão
Roberto Luiz Arraes Lopes
Rodrigo de Macedo Pinto
Rodrigo de Oliveira Castro

Rodrigo Meirelles Gaspar Coelho
Romero Gonçalves Ferreira Maia Filho
Ronaldo Alexandre do Amaral e Silva
Ruy de Freitas Ciarlini
Talita Borges Vicari
Thiago Melamed de Menezes
Thiago Poggio Pádua
Victor Silveira Braoios

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia
Bolsistas estrangeiros da Turma Maria José Mendes Pinheiro de Vasconcellos - 2004-2006

Alcínio Cravid e Silva	São Tomé e Príncipe
Cristian Oschilewski Lucares	Chile
Elena Casero Mesa	Cuba
Fernando Andrés Marani	Argentina
Marcelo Martínez Soler	Argentina
Valerio Ezer Vidal Rodrigues	República Dominicana

2005-2007

TURMA SOUZA DANTAS

PALÁCIO ITAMARATY,
29 DE ABRIL DE 2008

Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva

Embaixador Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores,

Senhoras e Senhores Embaixadores estrangeiros acreditados junto ao meu governo,

Embaixador Fernando Guimarães Reis, Diretor do Instituto Rio Branco e Paraninfo da Turma 2005/2007,

Meu caro Orador, Thomaz Diniz Guedes,

Senhoras e Senhores Embaixadores,

Meus caros Formandos do Instituto Rio Branco,

Senhoras e Senhores,

Pela sexta vez desde o meu primeiro mandato, venho ao Itamaraty para celebrar a formatura de mais uma turma de diplomatas. Quero compartilhar com vocês, com seus familiares e amigos a alegria deste momento, mas quero também lhes transmitir um sentimento que acompanha a minha trajetória de homem público.

A política externa, como toda atividade política, como quase tudo na vida, é feita de razão e de emoção. Há poucos dias, retornei a Gana, em minha oitava viagem à África, para participar da reunião da Unctad. Lá discutimos temas importantes para o futuro do mundo, mas lá também vivi a emoção de visitar a "Casa Brasil", uma homenagem à comunidade dos Tabons, descendentes de escravos retornados, que preservam em solo africano um

pouco do Brasil que seus antepassados conheceram. Foi um encontro que serviu para relembrar a força dos vínculos que unem o Brasil ao continente africano e que devem fazer da diplomacia essa mistura de razão e emoção que acabo de mencionar.

Inaugurei em Acra, o escritório regional da Embrapa na África. Em breve, a Fiocruz deverá abrir uma representação em Moçambique, onde também vamos instalar uma fábrica de antiretrovirais.

Nos últimos anos, o comércio do Brasil com a África quadruplicou. Aumentaram os projetos, a recuperação e o investimento. Nosso relacionamento com a África é parte da renovação de nossa política externa. Buscamos aliar a solidariedade aos benefícios de uma relação densa nos campos político e econômico. Nessa interação, brasileiros e africanos saem ganhando.

É assim que vemos a cooperação Sul-Sul. O interesse é recíproco e as vantagens também. Estamos reforçando nosso relacionamento com os países árabes e com os parceiros da Ásia. Iniciativas como a Cúpula América do Sul/Países Árabes, a Cúpula África/América do Sul ou IBAS, que nos une à Índia e à África do Sul, são fatos novos na política internacional.

É evidente, que tudo começa aqui na nossa querida América do Sul, na nossa casa. Começa no trabalho que estamos fazendo no Mercosul e na Unasul. É o que buscamos ao intensificar as parcerias na América Central e no Caribe. Em todas essas iniciativas, temos sempre procurado favorecer, sem abrir mão dos nossos princípios, o diálogo e o entendimento.

Na recente crise entre o Equador e a Colômbia, o Brasil agiu com serenidade e firmeza para que prevalecesse a justiça e a moderação. São posturas equilibradas que, sem perder de vista o que é certo ou errado, permitem apaziguar as tensões e encontrar o caminho justo para resolver as controvérsias.

A paz e o entendimento devem guiar o projeto comum que nós, sul-americanos, queremos para a região. Para isso, temos que demonstrar maturidade política.

O Brasil sediará uma cúpula extraordinária da União de Nações Sul-Americanas. Vamos consolidar a Unasul, concluir seu acordo constitutivo e dar passos seguros na criação de um conselho de defesa sul-americano. Com vontade política, desejo de cooperação e respeito às nossas diferenças, poderemos avançar em nossa integração.

Todos os líderes da América do Sul estão determinados a cumprir a vocação regional de viver em paz e alcançar níveis mais altos de desenvolvimento econômico e social. Só assim, teremos presença forte no mundo multipolar que está se desenhando. Nada conseguiremos sozinhos.

O mundo em que vivemos nos oferece um espetáculo paradoxal. Vemos mudança por toda parte. Novas descobertas da ciência, maravilhas da tecnologia, invenções que transformam nossas vidas e abrem perspectivas para milhões e milhões de pessoas. Mas, ao mesmo tempo, persiste a fome, a miséria, a exclusão e a desesperança. Aí está a maior ameaça à paz. Esse é o terreno propício para o surgimento dos fundamentalistas. Não basta combater as conseqüências da iniqüidade, é preciso atacar as causas das desigualdades. Os frutos da globalização não podem ser privilégio de alguns. Homens e mulheres precisam, em todas as partes, perceber no seu dia-a-dia que o progresso conquistado tem reflexo na qualidade de suas vidas. Os países em desenvolvimento precisam colocar os seus problemas no centro do debate, devem participar da elaboração da agenda internacional. O Brasil está disposto a atuar sem arrogância, sem megalomania, sem pretensões hegemônicas, mas com o sentimento de que somos um grande país e que temos o que dizer ao mundo. Por essa razão, estamos presentes na estabilização do Haiti. Por essa razão, aspiramos reformar a ONU e seus mecanismos de segurança coletiva.

Tomemos um caso particular, o da crise mundial de alimentos. Alguns querem atribuí-la aos biocombustíveis. Essa é, no mínimo, uma distorção absurda. A experiência brasileira demonstrou que os biocombustíveis, além de não ameaçar a segurança alimentar, geram emprego e renda no campo e ajudam a combater o aquecimento global. Há duas semanas, tratei desse tema neste mesmo auditório, durante a conferência regional da FAO. Falei, de novo, sobre isso na África e continuarei falando onde for preciso, porque o Brasil não pode e não deve ter medo deste debate.

Se hoje mais pessoas estão comendo, deveríamos estar comemorando. Quando lancei a ação contra a fome e a pobreza, jamais pensei que o consumo de alimentos pudesse ser utilizado como argumento contra nós. Se os países ricos desejam realmente aumentar a oferta de alimentos, por que não eliminam os subsídios que dão à sua agricultura? Isso estimulará a produção nos países mais pobres que têm mais terras, mais mão-de-obra e, agora, como ficou provado no caso do Brasil, tecnologia avançada. Espero que essa discussão tenha impacto positivo na Organização Mundial do Comércio.

Continuamos empenhados em garantir que a Rodada de Doha seja concluída o quanto antes. Tenho conversado com os líderes das principais potências mundiais sobre a OMC e outros temas globais. Com os Estados Unidos, com os países da União Européia, com qualquer outro país desenvolvido, nossa atitude é a mesma: acreditamos na negociação em base de igualdade e respeito mútuo. Temos muito a ganhar expandindo nossas relações com esses países, parceiros tradicionais no processo de desenvolvimento brasileiro.

Meus caros formandos,

Na execução da política externa, tenho a satisfação de contar sempre com a competência, o conhecimento e a dedicação dos quadros do Itamaraty. Vocês pertencem a uma carreira de Estado, portanto, são os garantes do interesse nacional. O Ministério das Relações Exteriores é uma instituição estratégica para o governo, são crescentes as demandas na frente externa, a presença e os interesses do Brasil no mundo se ampliaram enormemente. Nossa presença no mundo é parte essencial de nosso projeto nacional de desenvolvimento. Para isso, a diplomacia brasileira precisa estar à altura dos desafios, precisa dispor dos meios administrativos e orçamentários para cumprir suas funções de modo adequado. O aperfeiçoamento das atividades do Ministério requer investimentos nas áreas de cooperação técnica, de fusão cultural, promoção comercial e proteção às comunidades brasileiras no exterior. Exige, também, como já disse aqui, no ano passado, condições dignas de representação, incluindo a construção ou a compra de imóveis próprios para nossas missões no exterior. Em meu governo, não tenho medido esforços para dotar o Itamaraty dos recursos necessários para cumprir a contento a sua missão.

Vocês, caros formandos, são privilegiados por servirem a Casa de Rio Branco. Terão a chance de trabalhar pelo Brasil. Ao engrandecer o país, vocês estarão engrandecendo a si mesmos. Mas é muito importante que a indispensável maturidade que a carreira exige não arrefeça os ideais da juventude. Todos sabem que tenho lutado por uma política de solidariedade, isso nada tem de incompatível com a defesa do interesse nacional, ao contrário. Muitas vezes, o nosso interesse de longo prazo é melhor defendido com a postura de cooperação e compreensão, assim obtemos mais resultados que pela confrontação. Não importa se nosso interlocutor é de um país grande ou

pequeno, o respeito tem que ser recíproco. O Brasil procura tratar cada parceiro com a mesma atitude de concórdia, abertura ao diálogo e desejo de chegar a um denominador comum. A política externa que praticamos é sem preconceito, baseia-se em valores como a democracia, a justiça e a igualdade, é pautada por um sentimento de genuína fraternidade. Essa é a herança que nos deixou o Embaixador Luiz Martins de Souza Dantas, diplomata que vocês escolheram como patrono da turma.

Quando a Europa vivia a longa noite do Nazifascismo, Souza Dantas ousou agir segundo sua consciência. Enquanto muitos se omitiram, ajudou refugiados judeus que tentavam escapar à barbárie. Mostrou coragem e dignidade, colocou o ser humano em primeiro lugar. Isso é exatamente o que o mundo de hoje precisa: mais humanidade.

Os pais, parentes e amigos dos formandos que aqui estão podem ficar orgulhosos. Tenho certeza de que vocês, jovens diplomatas, saberão honrar esses ideais.

Meus amigos,
Minhas amigas,

Duas coisas importantes que eu queria falar para vocês no meu tradicional improviso, que tanto preocupa o meu Ministro das Relações Exteriores: eu penso que os diplomatas brasileiros sabem que o que está acontecendo no mundo de hoje e, nesse mundo, a relação do Brasil de forma prioritária para a América do Sul, América Latina e Caribe e para o continente africano tem uma razão de ser. É como se nós tivéssemos uma artéria em que a Europa e os Estados Unidos pertencessem a uma grande parte do coração e que, durante quase que um século, o sangue dessa artéria fosse irrigado apenas por essa parte do coração que tinha União Européia e os Estados Unidos. Nós agora queremos irrigar o coração todo. E por isso, estamos olhando um pouco o que vai acontecer com o continente africano nos próximos 20 ou 30 anos, ou o que vai acontecer no Caribe, na América Latina e na América do Sul nos próximos 20 ou 30 anos. Não estamos pensando apenas no agora, apenas no hoje ou apenas no amanhã, estamos pensando em duas décadas para a frente, quando certamente a África não será tão pobre como é hoje, quando certamente a América Latina não será tão pobre quanto é hoje e, certamente, quando a nossa relação com esses continentes e, sobretudo, com os países irá permitir que a gente não esteja vulnerável na nossa balança

comercial, nos acordos ou nas atividades econômicas que fazemos.

Por que isso é importante? Isso é importante pelo que está acontecendo neste momento agora. Imaginem vocês se a crise imobiliária americana que está acontecendo neste momento tivesse acontecido no Brasil há 15 anos? Certamente essa crise teria resvalado no Brasil e certamente nós teríamos tido uma crise possivelmente como tivemos quando aconteceu a crise asiática. Por que dessa vez nós estamos não tão tranqüilos, mas maduramente tranqüilos e assentados com o pé no chão? É exatamente por causa da política externa brasileira, é exatamente pela diversificação que nós fizemos, é exatamente pelo equilíbrio na balança comercial que conseguimos criar com a América Latina, com a África, com o Oriente Médio e com o continente asiático. Já não dependemos mais de uma potência ou de duas potências, temos produtos para vender em vários lugares do mundo e temos dinheiro para comprar em vários lugares do mundo. Isso nos dá um pouco a sensação de liberdade, isso nos dá um pouco a sensação de poder escolher os parceiros sem relegar a um segundo plano os parceiros antigos. Não. Nós sabemos a importância que têm os Estados Unidos na vida deste País. Nós sabemos a importância que tem a União Européia na vida deste País. Mas precisamos procurar novos parceiros para que a nossa relação seja mais forte ainda com os Estados Unidos e com a União Européia. Afinal de contas, quantos mais amigos nós tivermos, mais os velhos amigos vão trabalhar para não perderem a nossa amizade, para não serem tratados como se fossem secundários.

E isso nos obriga a fazer duas coisas, que eu não sei se em algum momento o Celso já comunicou a vocês. Nós, até o final do meu mandato, vamos fazer dois gestos para provar que a nossa relação com a América Latina e com a África não é apenas comercial. Estamos construindo uma universidade para a América Latina, com currículo latino-americano, com professores latino-americanos, não apenas brasileiros, e com estudantes de todo o continente.

E agora, também, vamos fazer uma universidade para os países africanos. Já tem a cidade, que é a cidade de Redenção, no Ceará, onde foi primeiro abolida a escravidão, e lá nós queremos fazer uma universidade para trazer para cá, em um primeiro momento, estudantes que pertençam aos países de língua portuguesa da África para que, junto com brasileiros, a gente possa formar os engenheiros, os agrônomos, os médicos, os gestores públicos de que tanto o continente africano precisa para dar o salto de qualidade no século XXI, que ele não teve condições de dar no século XX.

E eu acho que isso significa mais uma vitória, não do nosso governo, Celso, mas da nossa diplomacia. Eu conheço um pouco da diplomacia, porque mesmo quando era oposição, eu era recebido no mundo inteiro pelos nossos diplomatas. Mas, como ser humano, eu sei a diferença de quando a gente trabalha motivado a ideais e quando a gente trabalha apenas para cumprir uma jornada de trabalho. É como um jogador de futebol. Uma coisa é aquele que corre, se mata para não deixar a bola sair fora ou para tomar a bola do adversário. O outro é aquele que bota a mão na cintura e fica esperando os 90 minutos acabarem. Eu posso dizer para vocês que eu nunca vi tanta vontade de trabalhar e tanta dedicação como eu vejo, hoje, na diplomacia brasileira, em todos os cantos do mundo.

A renovação é necessária. De tempos em tempos, nós precisamos trocar a corda do nosso cavaquinho, quanto mais trocar os nossos diplomatas que têm postos importantes pelo mundo. O Brasil certamente nunca teve a respeitabilidade que tem hoje. Mais do que respeitabilidade, o Brasil gera expectativa. Muita gente espera que o Brasil dê a última palavra em algum assunto polêmico, em qualquer lugar do mundo.

Portanto, meus caros formandos, daqui a pouco eu me vou. Daqui a pouco, o Celso Amorim se vai. E a bola está com vocês.

Boa sorte. Que Deus abençoe cada um de vocês.

Discurso do Ministro das Relações Exteriores, Embaixador Celso Amorim

Excelentíssimo Senhor Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva,

Excelentíssimo Senhor Embaixador Fernando Reis, Diretor do Instituto Rio Branco e Paraninfo da Turma,

Pais e familiares dos jovens formandos,

Meus colegas, novos colegas e antigos colegas,

Ana, minha mulher, a quem cumprimento, assim como a todos os cônjuges dos diplomatas, que também têm de passar por muitos sacrifícios na vida.

Presidente, recentemente eu fiz uma palestra na COPPE, que comemorava seus 45 anos, sobre criação e inovação na política externa brasileira. E foi até uma ocasião interessante – e como eu não tive ocasião de mencionar ao Senhor em privado, menciono-o publicamente – porque na realidade o homenageado daquela sessão era o Oscar Niemeyer, e o Oscar Niemeyer disse que já recebeu muitas homenagens na vida e não estava querendo outra homenagem centrada absolutamente nele. Então pediu que fosse feita uma palestra sobre política externa brasileira, uma vez que ele, grande admirador seu e do seu Governo, via na política externa brasileira também um dos pontos altos, na opinião dele, do momento atual que nós estamos vivendo. Eu acho que um cumprimento desses, de um brasileiro, talvez

um dos mais ilustres brasileiros vivos, é a melhor gratificação que podemos receber.

Mas por que eu escolhi o tema de criação e inovação na política externa para aquela ocasião? Será que eu acho que isso é apropriado para os jovens que ingressam – já ingressaram, na realidade, mas seu ingresso hoje se formaliza – no curso do Rio Branco? É porque a criação e a inovação são absolutamente necessárias na nossa profissão. O mundo muda constantemente. Desde minha época, da época do Embaixador Fernando Reis, até hoje, o mundo mudou de maneira extraordinária. E o Brasil também mudou. São mudanças – algumas palpáveis, algumas muito visíveis, como, por exemplo, a queda do muro de Berlim. Mudanças a que o Brasil, os brasileiros, em sua grande maioria, assistimos de maneira passiva, porque era um evento que extravasava a nossa capacidade de ação.

Mas há também outras mudanças e outros muros que estão sendo derrubados nos quais nossa ação é fundamental. O muro de Berlim, a queda do muro de Berlim marcou o fim do conflito Leste-Oeste. Mas existe também uma antiga separação, que é a separação Norte-Sul, um muro, como eu disse na ocasião daquela palestra, talvez mais espesso, porque a derrubada será mais difícil, mais lenta e mais complexa, que não vai atrair a atenção da mídia, mas nem por isso um muro menos importante que o muro Norte-Sul. Na derrubada desse muro, nós não somos apenas espectadores, olhando as nossas câmeras de televisão. Nós somos atores e o Governo do Presidente Lula tem sido um ator particularmente participante desse processo.

Então, eu acho que isso é um símbolo, entre muitos outros, desse novo mundo que os nossos novos colegas vão encontrar.

Acho que um dos piores defeitos que pode haver em alguém que esteja voltado para a ação, para a ação prática e a ação política, em especial, é ver as coisas novas com olhos velhos. Olhar, por exemplo, as questões da integração da América do Sul como se elas fossem ainda as questões das rivalidades em torno da Bacia do Prata.

Hoje a nossa realidade é outra. O que antes era competição, rivalidade; hoje, o nome do jogo é solidariedade. Solidariedade sem nunca perder de vista, naturalmente, o interesse nacional. Mas dentro da convicção de que o interesse nacional é melhor servido se nós pudermos entender que vivemos em um conjunto, que não haverá um Brasil próspero

e desenvolvido se não houver uma América do Sul próspera e desenvolvida. Essa tem sido a política do Presidente Lula que nós temos executado.

Agora, essa política suscita muito mais desafios, porque o Brasil é chamado a atuar de maneira muito mais freqüente. E eu penso que o mundo mudou e o Brasil também mudou.

O Embaixador Fernando Reis – que me deu o privilégio de ler o seu discurso – vai mencionar também um outro Dantas, além do Souza Dantas, que é o patrono, muito bem escolhido, de vocês. Ele vai mencionar o San Tiago Dantas. E eu lembro que gesto de ousadia enorme, que símbolo de independência admirável foi a abstenção praticada por San Tiago Dantas na votação das sanções contra Cuba, na Reunião de Punta del Este!

Hoje, a abstenção pareceria pouco. Hoje, o Brasil certamente votaria contra uma decisão desse tipo. Não porque o Brasil concorde ou discorde de tudo que se passa nesse ou naquele país, mas porque hoje a nossa convicção é de que o engajamento construtivo é muito mais importante e muito mais eficaz – inclusive para a própria democracia no continente – do que o isolamento ou a mera indiferença.

A esse respeito, eu gostaria de comentar algo que nós temos mencionado nos últimos anos: que a nossa política – que continua a ser, como sempre foi, uma política de não-intervenção – , com o passar do tempo, dado o próprio crescimento da influência do Brasil, teve de ver nessa não-intervenção um tempero novo. E o tempero novo, que não altera o princípio, é a não-indiferença. Nós agimos de maneira não-indiferente quando criamos o Grupo de Amigos da Venezuela. Nós agimos de maneira não-indiferente quando participamos, da maneira que temos participado, na tentativa de reconstituição não só da ordem pública, mas do desenvolvimento e da prosperidade no Haiti. E nós agimos de maneira não-indiferente quando atendemos a um apelo da Bolívia – e vamos participar juntos, nesse caso, com a Argentina e a Colômbia – do Grupo de Amigos que procura uma solução, pelo diálogo, para esse nosso país vizinho.

Eu queria também dizer a vocês que isso é uma inovação. Não é uma inovação decorrente do tempo, mas há muitas outras inovações e seria muito longo eu me estender sobre todas elas nesse momento em que todos querem escutar, naturalmente, o nosso Presidente, o paraninfo e o orador. Mas eu gostaria de deixar claro que dentro desse processo de inovação a nossa aproximação com a África é um fato novo. Não que

seja inédito, porque nunca tenha havido antes, mas, como diziam alguns filósofos do século XIX, a quantidade altera a qualidade, a quantidade, freqüentemente, se transforma em qualidade, e a determinação, a insistência mesmo com que o Brasil, sob a orientação do Presidente Lula, tem procurado se reaproximar da África é um dos pontos mais notáveis da nossa política externa. Eu estou mencionando dois pontos, mas poderia me estender aqui e falar da Ásia, falar da nossa parceria estratégica com a União Européia, falar das nossas excelentes relações com os Estados Unidos – mas iríamos muito longe.

Eu quero só deixar a vocês a seguinte noção: o Brasil é, hoje, um ator de grande relevo na política internacional. Até havia uma frase, que tiramos aqui de um discurso escrito: que o Brasil precisa ir "além de suas sandálias", além daquilo que as pessoas consideram ser as suas sandálias. O Brasil precisa realmente se afirmar. Não deve ter vergonha de se afirmar.

Entre muitos outros estudos que eu poderia mencionar, eu me referirei a um, porque está hoje na imprensa. É um artigo do *Wall Street Journal*, reproduzido em um jornal brasileiro. Ele se refere claramente ao fato de que o Brasil se transformou em um mediador, inclusive no jogo das grandes potências, pelo menos na área comercial. É algo que nós não poderíamos prever. Quem acompanhou a Rodada Tóquio – e vejo aqui o Embaixador João Gualberto –, quem acompanhou a Rodada Uruguai, como eu mesmo lá estive, nós sabemos que a nossa capacidade de reação era limitada. Entre os países em desenvolvimento, nós éramos até um dos países ouvidos. Mas ouvidos no finalzinho, para transformar um til em um acento circunflexo, transformar uma vírgula em um ponto-e-vírgula, não mais do que isso. Hoje, todos sabem que aquilo que o Brasil disser vai ter uma influência muito grande no próprio processo das negociações.

Isso não ocorreu de graça. Isso ocorreu porque o Brasil mudou, porque o Brasil hoje é uma democracia pujante, porque o Brasil é visto em todo mundo como parte da solução dos problemas, inclusive nas questões tão importantes como do biocombustível e dos alimentos, e não como parte do problema, porque o Brasil atendeu e está atendendo as necessidades sociais de seu povo e porque o Brasil tem também uma política externa que é ao mesmo tempo desassombrada e pragmática. Desassombrada, porque ela não tem medo; pragmática, porque ela busca resultados concretos. Ela não está apenas querendo fazer volteios ou malabarismos, sem objetivos específicos.

Eu queria dizer, portanto, que isso é verdade para todos os temas. Eu me referi à OMC, mas isso é verdade para o clima, é verdade para a energia, é verdade para a questão de alimentos, para os grandes temas globais – está aqui também o Ministro Figueiredo, que preside o grupo negociador sobre clima. É um orgulho para todos nós que o Brasil seja sempre trazido a essas posições.

Então eu queria, com sua permissão, Presidente, mais uma vez, ter o prazer de receber oficialmente mais uma turma de colegas, formados pelo Instituto Rio Branco, essa instituição de excelência. E, falando de excelência, eu queria apenas fazer um último comentário: essas mudanças que têm ocorrido no País e no mundo exigem mudanças também no Ministério. O Itamaraty tem que se renovar, o Itamaraty tem que se rejuvenescer, o Itamaraty tem que ser um reflexo do que é a sociedade brasileira – seja na maior participação das mulheres, seja na maior participação das minorias, em todos os postos. E tem que fazer isso sem perder a excelência. Esse é o grande desafio que nós temos. Esse é o desafio que vocês enfrentarão. Essa é a grande história da diplomacia brasileira. E nessa história vocês não serão apenas espectadores, mas serão atores e autores.

Bem-vindos!

Discurso do Embaixador Fernando Guimarães Reis como Paraninfo da Turma Souza Dantas

Em primeiro lugar, quero agradecer ao Senhor Presidente da República por prestigiar mais uma vez esta cerimônia. O Ministro Celso Amorim já manifestou, na forma devida, esse agradecimento, mas me permito fazê-lo também em nome do Instituto Rio Branco. A presença do Chefe da Nação é sempre honrosa para esta Casa. Na circunstância de hoje, ela é particularmente honrosa – e estimulante – para os formandos da Turma Luiz Martins de Souza Dantas. É a eles agora que me dirijo.

Estimados colegas e alunos,

O convite que recebi de vocês para paraninfá-los, eu o atribuo gostosamente à amizade, amizade que para mim foi um presente inesperado, desde o dia em que chegaram a nossa Academia diplomática, dia que pode parecer distante, mas para mim não o é. Ganhei então um presente – presente é sempre inesperado, tem algo de aparição. Nem por isso é menos bem-vindo.

Dizem os sábios que quem contempla um amigo verdadeiro, contempla como que uma imagem de si mesmo. Vocês me fizeram essa bondade e, como se não bastasse, me deram a honra que estou tendo hoje. Mas o que é um paraninfo? É um padrinho e é mais do que um padrinho: na Grécia antiga, paraninfo era aquele que ia buscar a noiva junto com o noivo no dia das

núpcias. Tocou-me então o privilégio de acompanhar a noiva neste dia de casamento com a carreira.

Melhor dizendo, hoje vocês confirmaram um juramento. O diplomata é um missionário laico: tem a missão de levar a mensagem de sua pátria – ele a leva dentro de si aonde quer que vá, como ostenta a famosa divisa do nosso patrono maior, o Barão do Rio Branco. Da mesma forma, o juramento de vocês é um duplo compromisso – com o Brasil e com vocês mesmos. A bem dizer, são duas faces da mesma moeda. Não é uma trajetória que está em jogo, é uma existência. Vocês não escolheram apenas uma carreira – fizeram uma escolha de vida.

Sim, a diplomacia se iguala à vida. Também exige espírito de aventura, mesmo porque não é a vida que é perigosa – é a omissão diante dela. Pensem nisso, Senhores pais e mães, quando a tristeza apertar pela distância da filha ou do filho. No desafio, está o encanto e a sedução. A vida é projeto, não admite biografia antecipada, nem comporta receitas infalíveis. A diplomacia também: os manuais de instrução são apenas para uso externo. Em conseqüência, o fazer diplomático é um ato permanente de criação e, como tal, uma fonte garantida de alegria. Deus – que é Deus – não fez o mundo pelo prazer de criar?

Conta a Bíblia que o Criador levou sete dias para completar sua obra e ainda há os que a criticam. Se criticam é porque desconhecem os caminhos da criação, que são os da arte. A diplomacia também tem caminhos próprios, que não são secretos, mas nem sempre são acessíveis aos que tomam as coisas pelo seu valor de face. A vida exige arte, não basta a ciência. Se bastasse, conhecer as regras do futebol seria suficiente para marcar gols de placa. Sabemos que não é assim e isso – entre outras coisas – se aprende no Instituto Rio Branco. Se aprende também que, se a fala é a voz da língua, a diplomacia é a voz da política externa. Por isso, a diplomacia tem necessariamente seu espaço de liberdade e de criação. Entre o mármore de Carrara e o Moisés de Michelangelo há uma distância.

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Hoje é dia de festa. É dos formandos, mas é também – e talvez sobretudo – de seus pais, a quem quero cumprimentar da forma mais efusiva. Podem

ter orgulho de seus filhos, não apenas porque já se provaram competentes, mas porque vão ter que se provar corajosos ao longo de toda uma carreira.

A festa é igualmente dos amigos dos formandos, dos professores, do IRBr, do Itamaraty. A festa é então de todos nós – estamos em família, o que nos permite contar com certa condescendência para falar a linguagem da intimidade, sem ferir naturalmente o formalismo desta ocasião.

Há raros momentos na vida em que temos a impressão de que o tempo pára, como se estivesse se auto contemplando. Há algo de mágico nestes instantes. Creio que este será um deles para os jovens formandos, como foi para mim o dia de minha formatura, em 1963. Conto-lhes que o paraninfo da nossa Turma foi o ex-Ministro San Tiago Dantas, que fez então um discurso cheio de confiança e de fé no Brasil.

Que imenso constraste – não só político, mas existencial – que imenso contraste com o silêncio subseqüente de 20 longos anos! Não foi o silêncio sadio da meditação, era o silêncio opressivo do obscurantismo. Não houve mais discursos, nem patronos, nem paraninfos, nem oradores. Não houve mais formatura no Rio Branco. O correio substituiu o ritual para a entrega dos diplomas. Minha geração – que é a mesma do Embaixador Celso Amorim e do Embaixador Samuel Pinheiro Guimarães – nossa geração se sentiu frustrada e amordaçada. Havíamos buscado o Itamaraty para servir ao Brasil: servi-lo com vocação humanista, aberta, generosa. Tínhamos um compromisso de fidelidade com o ser humano e, em conseqüência, com o Brasil. Tivemos que esperar.

Mas a democracia voltou a prevalecer, como tinha que ser. Felizmente, hoje, vivemos um tempo de liberdade e de esperança – estamos autorizados a sonhar. Hoje, nossos jovens colegas são livres para proclamar sua vocação. São livres para ter sua própria revista no Instituto Rio Branco, com o apoio da chefia da Casa. Hoje, vocês têm voz. Isso é muito importante e os jovens diplomatas devem valorizar essa liberdade e velar por ela. A liberdade nunca é gratuita, vem acompanhada de responsabilidades e a maior delas é que a cada geração incumbe decifrar o código da existência. Vale dizer que cada geração tem sua chave particular para abrir as portas do mundo.

O mundo espera por vocês, amigos formandos, e vem a propósito a afirmação do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, em seu discurso de posse, em janeiro de 2003: "a ação diplomática brasileira será orientada por uma perspectiva humanista". Na formatura da Turma Sergio Vieria de Mello, em

2003, o Ministro Celso Amorim voltou a referir-se – neste auditório – à "vocação humanista" e ao "propósito universalista" da atuação externa do Brasil, sempre a serviço dos interesses nacionais. Faço tais citações, voltando ao que já disse, para lembrar que era bem esse o ideal que mobilizava a minha geração, no início da década dos sessenta de um século que já passou. Para nós, para os de minha geração, é como se um compromisso longamente adiado estivesse sendo saldado.

É à luz dessa experiência que lhes posso dizer: o ideal humanista não fenece, por mais manipulado que seja, por maior desgaste que sofra com o uso espúrio. É que as raízes do humanismo não podem ser extirpadas. Humanidade tem a ver com *humus*, terra, que está também na origem – não por acaso – de humildade. O humanismo parte do chão da humildade para buscar o céu da dignidade. Por isso mesmo, por sua fonte e por seu fim, o humanismo é intrinsecamente generoso.

É dentro desse espírito, creio eu, que devemos entender também as seguintes palavras do Chefe da Nação, dirigindo-se aos formandos da Turma de 2004 do Instituto Rio Branco: "É preciso que um país do tamanho do Brasil seja cada vez mais generoso com seus parceiros". Não é o egoísmo imediatista que melhor servirá os interesses do país – é a visão de longo prazo. Essa visão, bem informada, é a única compatível com a grandeza do Brasil. O Ministro Celso Amorim nos lembra sempre que a política externa tem que pensar no "Brasil de amanhã".

O amanhã são vocês, queridos formandos. A prova de que estão bem conscientes disso é a escolha que fizeram do Embaixador Luiz Martins de Souza Dantas para patrono da turma. Parabéns pela feliz e oportuna lembrança! Não vou me deter na biografia de Souza Dantas, "o Embaixador", como ficou conhecido em Paris, tanto se singularizou, tanto era querido e respeitado.

Patrono – para os que o elegem – é um modelo particular, entre tantas opções possíveis e legítimas. Souza Dantas é um belo modelo pois foi um grande profissional – um profissional na arte da diplomacia, com um extraordinário talento para lidar com as pessoas, para relacionar-se com o *outro*. Mas Souza Dantas não foi só isso, nem foi um diplomata convencional.

Em tudo o que fez, o vosso patrono guiou-se pelos interesses maiores do Brasil. A meu ver, o que há de mais notável em Souza Dantas é que estava à frente de seu tempo – de forma até heróica. Ele soube se manter

imune aos modismos filosóficos de índole totalitária que – no Brasil – contaminaram o Estado Novo. Qual o seu segredo? Sua autenticidade como pessoa e seu humanismo, que é um antídoto natural contra as trapaças da razão, embora o humanismo não seja jamais contra a razão. No caso de Souza Dantas, o humanismo se traduziu em atos de generosidade, de desprendimento, de humanitarismo.

A eleição de tal patrono é reveladora e auspiciosa: representa um compromisso com a prudência, a virtude máxima do político e, com sobra de razão, a virtude suprema do diplomata. É uma virtude curiosa, reversível: é sábia porque é prática; é prática porque é sábia. Foi reconhecida por Platão e descrita por Aristóteles. Tomás de Aquino a definiu: "a reta razão aplicada ao agir". É a inteligência do concreto – *prudens*, em latim, é aquele que vê longe, que antecipa a realidade. Portanto, a prudência não é jamais um pretexto para não fazer – ao contrário, é a sabedoria que se legitima e se confirma pela coragem de fazer. Creio que essa é a razão profunda da escolha feita pela Turma de 2005-07.

Minhas Senhoras, meus Senhores,

Perdoem-me se me alonguei um pouco levado pelo desejo de uma última conversa com meus jovens colegas, que – em breve – estarão espalhados pelo mundo.

Devo terminar, mas não posso fazê-lo sem antes manifestar, de público, meu reconhecimento ao Senhor Ministro de Estado – e por extensão ao Senhor Secretário-Geral – por me terem confiado a alta responsabilidade de cuidar dos formandos do Instituto Rio Branco. Nunca havia me ocorrido ser Diretor do nosso Instituto de formação, até receber o honroso convite. Pois nada na minha vida profissional – modesta mas movimentada – nada me deu tanta satisfação.

Essa satisfação eu devo sobretudo a vocês, meus jovens colegas que hoje se formam. "O maior patrimônio de uma Chancelaria são seus funcionários", costuma-se dizer nesta Casa. Mas é preciso não esquecer que é um patrimônio que não se improvisa e a Turma Souza Dantas vem enriquecê-lo. Fato inédito: os formandos já foram promovidos – são todos Segundos Secretários. Dentro da orientação do Governo, cumpre-se a promessa do Ministro Celso Amorim de pautar sua administração no Itamaraty por três *R*'s: reforma, rejuvenescimento, renovação. É uma

sinalização muito positiva para a Casa e para os que desejam ingressar nela, cujo número é animadoramente crescente.

Queridos afilhados,

Uma última palavra. Foi muito o que vocês me deram, talvez até sem o saber. Meu muito obrigado é sincero e emocionado, mas ainda assim é pouco. Amizade não se agradece – a gente retribui. Guardo e guardarei na minha sala de trabalho a foto de nossa visita a Carajás e a foto do dia em que plantamos juntos a muda de jatobá no jardim do Instituto (de passagem, lembro que o jatobá tem um simbolismo diplomático: é uma árvore resistente e, ao mesmo tempo, tem múltiplas utilidades). Mas não preciso recorrer a fotos para ter presente a imagem de vocês: são todos inesquecíveis, cada um a seu modo e como um todo – um todo unido e solidário.

Se a tarefa do IRBr – além naturalmente da formação acadêmica e profissional – é a de contribuir para uma tradição de boa convivência entre os jovens diplomatas, então esta Turma foi um exemplo. Essa convivência, todos sabemos, é o espírito de nossa corporação – de nossa família, melhor dizendo. É fundamental que esse tempo de convivência seja preservado no período de formação que bem distingue nosso Serviço Exterior.

Queridos formandos, não sou profeta mas tenho neste momento uma radiante visão: que destino maravilhoso os aguarda! Vocês foram escolhidos para participar de um belo projeto. Não é uma utopia, sem lugar definido. O projeto se chama Brasil: tem endereço certo. E tem urgência – haja urgência.

Lembrem-se então: todos somos responsáveis por todos, o sino toca por cada um de nós. Ainda cumprindo o mais simples dos encargos ou a mais distante das missões, vocês participam de um projeto coletivo. Lembrem-se também: vocês não são meros instrumentos, vocês são agentes. Terão o maior de todos os poderes: o de conformar o mundo que está por vir e – queira ou não – o Brasil terá que assumir responsabilidades sempre maiores no cenário internacional. Lembrem-se em suma: o destino de vocês será o destino do Brasil.

Sei que não falharão. Minha confiança de padrinho é ilimitada.

Que Deus os ilumine neste caminhar.

Muito obrigado.

Discurso do Orador
Thomaz Diniz Guedes

Excelentíssimo Senhor Luiz Inácio Lula da Silva, Presidente da República,

Excelentíssimos Senhores:

Embaixador Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores e Embaixatriz Ana Amorim,

Embaixador Fernando Reis, Diretor do Instituto Rio Branco,

Prezados professores do Instituto Rio Branco,

Senhoras e Senhores,

Colegas Diplomatas,

Não é justo iniciar sem agradecer pela renovação do ritual de apresentação dos novos diplomatas, ocasião em que lhes é dada voz pública. Esta oportunidade nos é muito cara, sobretudo porque a compartilhamos com os mais importantes personagens de nossas vidas públicas e privadas.

Senhor Ministro de Estado,

A cerimônia de hoje nos coloca diante de pessoas queridas e respeitadas e pede por uma reflexão, renovada há décadas pelas práticas desta Casa, sobre o sentido e a responsabilidade da profissão diplomática. Não nos esquecemos de que fomos convidados a essa reflexão durante nossa passagem pelo Instituto Rio Branco.

Nosso paraninfo, o Embaixador Fernando Reis, ofereceu contribuição pessoal determinante para o florescimento, na academia diplomática, do ambiente e do convívio fundamentais para propiciar o aprendizado e a vivência de uma atividade que então nos preparávamos para desempenhar. Ele, a quem ainda hoje nos referimos como "o Embaixador", esforçou-se por tornar nossa integração à vida profissional uma etapa do aprendizado diplomático. O Embaixador liderou a acolhida dedicada e calorosa que recebemos no Instituto Rio Branco.

Ele terá sido um dos maiores responsáveis pela definição de nossa identidade como diplomatas, juntamente com os demais profissionais da carreira lotados à época no Instituto - dentre os quais gostaríamos de destacar nominalmente o Conselheiro Carlos Alberto Reis, homem afetuoso e dotado de grande sentido humanitário.

Sob a direção do Embaixador Fernando Reis e usufruindo de sua formação intelectual e experiência, fomos instigados a refletir sobre o sentido e os métodos de ação da diplomacia.

Hoje, com a vida funcional já iniciada, atinge-nos com evidência a percepção de que o período vivido no Instituto Rio Branco foi fundamental para sedimentar a consciência de pertencer a uma instituição que demanda de seus integrantes significativas responsabilidades.

Senhor Presidente da República,

Os cidadãos de um país são agentes de uma cultura própria que, conquanto diversa, contém em si algo de essencial, uma identidade, - o que permite que sigamos parte de um mundo que congrega o diverso e o heterodoxo. Artífices dessa convivência, os diplomatas têm a pretensão de, mantendo-se seres de sua própria cultura, buscar contribuir para iniciativas de interesse universal, observando a fidelidade ao que se determine como de interesse da sociedade de que fazem parte. Equilíbrio trabalhoso, em que será necessário, sempre, sentir-se parte de um corpo coletivo, do qual provém tal identidade.

Os diplomatas são parte integrante desse coletivo; e não entes separados da sociedade a que pertencem. Como receptores primários de experiências alheias, como contatos avançados no intercâmbio de culturas, como emissários de sua própria cultura, têm a responsabilidade de contribuir para o desenvolvimento social e humano da sociedade de que fazem parte.

A consciência e o entendimento, a possibilidade de vivência de situações às quais tem acesso em razão de seu ofício, trazem consigo a responsabilidade de, agindo como indivíduo, fazê-lo em nome da referência coletiva. Quanto mais possui instrumentos à sua disposição, mais o diplomata tem o dever de colaborar para a consecução de objetivos políticos, humanitários e econômicos da nação.

Senhor Presidente da República,

Há pouca controvérsia quanto ao caráter eminentemente político da atividade diplomática. Uma definição de política que a veja como uma atividade menos estritamente confinada aos jogos de força e poder e mais livremente estruturada como uma discussão pública - ou seja, uma definição mais democrática de política -, deve levar em conta as noções de verdade e justiça.

A diplomacia como arte da persuasão, da busca do entendimento comum, da atenuação do conflito, é uma tarefa política desempenhada por participantes que têm responsabilidades nacionais e comprometimento existencial com a justiça.

A decisão de prestar homenagem ao Embaixador Luiz Martins de Souza Dantas é uma tentativa de lançar luz sobre a carreira de um homem exemplarmente fiel à sua responsabilidade e comprometido com a justiça ao ponto do heroísmo.

Reputado por seus pares como um dos maiores diplomatas de seu tempo, foi Ministro das Relações Exteriores interino em mais de uma ocasião, Embaixador do Brasil na França por 22 anos, chefe da delegação do Brasil à I Assembléia Geral da ONU. Sua longeva carreira e seu currículo ratificam o juízo de seus contemporâneos.

Mas relembrar Souza Dantas é, mais do que evocar um grande diplomata, sugerir que a diplomacia pode exigir heroísmo. A determinação de Souza Dantas, que concedeu de punho próprio vistos diplomáticos que permitiam a vinda ao Brasil ou a busca de outro refúgio a perseguidos - em sua maioria judeus - salvou centenas de pessoas da morte em campos de concentração.

Se os diplomatas são intérpretes de sua própria cultura, Souza Dantas interpretou a nossa como refratária à perseguição e ao extermínio de pessoas. Honrou-nos como brasileiros ao assumir os riscos políticos de sua atitude, quando muitos e mais poderosos negavam a acolhida que ele considerava um dever humanitário.

Senhor Presidente da República,

Em nome da turma de 2005, a turma Souza Dantas, gostaria de confirmar, diante de Vossa Excelência, nosso compromisso de cumprir com as responsabilidades políticas de nossa profissão. Que o exemplo audaz de Souza Dantas nos inspire a nunca desviar do caminho justo.

Muito obrigado.

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia
Alunos da Turma Souza Dantas - 2005-2007

Álvaro Augusto Guedes Galvani
Ana de Fátima Ribeiro Bezerra
Ana Paula de Almeida Kobe
Bianca Xavier de Abreu
Camilo Licks Rostand Prates
Cristiane Lemos Fallet
Daniella Poppius Brichta
Deborah Carvalho de Souza
Fabiana Arazini Garcia
Fábio Meira de Oliveira Dias
Fernando Viégas Peixoto Onofre
Henri Yves Pinal Carrières
Igor de Carvalho Sobral
Leandro Waldvogel Giraldelli
Luciana Serrão Sampaio
Luisivan Vellar Strelow
Luiz Gustavo Sanches Betti
Marcos Maurício Toba
Mônica Simões Francisco de Sales Barth Tambelli
Nássara Azeredo Souza Thomé
Pedro Aurélio Fiorêncio Cabral de Andrade

Rafael Souza Campos de Moraes Lemes
Ricardo Bahia de Gaudieley Fleury
Ricardo Morais Barros
Rodrigo Mendes Araújo
Rômulo Figueira Neves
Ronaldo Lima Vieira
Thomaz Diniz Guedes

Curso de Formação / Mestrado em Diplomacia Bolsistas estrangeiros da Turma Souza Dantas - 2005-2007

Na Turma 2005-2007 não houve alunos bolsistas estrangeiros.

Participaram do Programa de Bolsista Estrangeiro do Instituto Rio Branco em 2008 os seguintes alunos:

Romina Paola Bocache	República Argentina
Dionilson Diamantino Joaquim Ferreira	Guiné-Bissau

Formato	*15,5 x 22,5 cm*
Mancha gráfica	*12 x 18,3cm*
Papel	*pólen soft 75g (miolo), duo design 250g (capa)*
Fontes	*Times New Roman 17/20,4 (títulos),*
	12/14 (textos)
Impressão e acabamento	*Gráfica e Editora Brasil*